

## SIMPÓSIO 07 NEOLOGISMOS

COORDENAÇÃO:

Professora Ieda Maria Alves  
(Universidade de São Paulo. Coordenadora)  
iemalves@uol.com.br

Professora Maria Teresa Lino  
(Universidade Nova de Lisboa)  
tlino@mail.telepac.pt

Professora Madalena Teixeira  
(Instituto Politécnico de Santarém – ESE / Universidade de Lisboa – CEAL)  
madalena.dt@gmail.com

### O BRASIL DESCOBRE A ITÁLIA

Lilian Manes de OLIVEIRA <sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho se propõe a elencar os *italianismos* presentes no português brasileiro, na modalidade escrita, dicionarizados ou não, registrando a sua presença como manifestação de uma cultura. O foco central, mas não exclusivo, é a cidade do Rio de Janeiro, que não tem merecido atenção dos italianistas, pois o estudo da influência italiana no Brasil se direcionou primordialmente à cidade de São Paulo, cidade de maior população italiana fora da Itália. A abordagem baseia-se em dois aspectos: histórico-cultural e linguístico. Historicamente, procura traçar o roteiro imigratório dos italianos em solo brasileiro, constatando a sua fixação e a sua contribuição em diferentes áreas, principalmente música, literatura e culinária. Utiliza como *corpus* dicionários etimológicos ou não, obras de cunho lexicográfico e documentos representativos da mídia impressa. Estabelece um paralelo entre os registros do *Dicionário etimológico*, de Antenor Nascentes, (1955) e os dos dicionaristas atuais. Partindo da etimologia, conta histórias de palavras, traçando-lhes seu roteiro fonético, morfológico, sintático e semântico. Ao registrar o recrudescimento de tais empréstimos, articula dois fatos importantes, que poderiam caminhar em direção oposta a tal recrudescimento: primeiro, o de a língua italiana, ao contrário de inglês, francês, espanhol, não fazer parte do currículo escolar carioca; segundo, o de a Itália ser um país sem colônias. Contrasta o controle dos estudos lexicográficos nas universidades italianas em relação à entrada de empréstimos, dentre estes os que chamam *lusismos*, com a não existência nas universidades brasileiras desse estudo quanto ao português brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** italianismo; campo semântico; etimologia; dicionarização; cultura

### Introdução

Um país sem colônias. Uma língua não ensinada nos currículos escolares. E, no entanto, uma influência cultural marcante, expressa por um léxico de mais de mil vocábulos. O roteiro Itália-Brasil, de raízes no trajeto Itália-Portugal, inicia no Renascimento e chega até os dias atuais, trazendo consigo uma grande contribuição em diferentes áreas de conhecimento e enriquecendo amplamente o vocabulário do português brasileiro.

<sup>1</sup> UNESA, Curso de Letras, Rua Tonelero, 44/101, 22030-002, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, manes.lilian@gmail.com.

## História

No século XV, genoveses, venezianos e florentinos já participavam de expedições marítimas portuguesas, anteriores ao descobrimento da América. Seu legado se reflete nos termos *piloto, prova, escolha, amainar* – do campo semântico da navegação -, todos de origem italiana (CARVALHO, 1989). A esquadra de Cabral trazia um italiano, Bartolomeu Marchionni, que viajou na nau “Anunciada”, de sua propriedade, e a primeira a comunicar a D. Manuel a notícia do descobrimento do Brasil (AMADO, 2001).

O Brasil passou, portanto, a despertar o interesse, sob vários aspectos, de comerciantes e navegadores da Bota. Assim, Alberto Cantino, comerciante veneziano, subornou um cartógrafo em Lisboa, em 1502, a fim de obter um planisfério que registrasse as novas descobertas: o Planisfério Cantino, como passou a ser conhecido, já incluía o Brasil (*Jornal do Brasil*, 09/05/2002). Vainfas (2000) afirma que “pela precisão cartográfica poderia presumir um descobrimento do Brasil anterior à expedição de Portugal”. Hoje, tal planisfério se encontra na Biblioteca Estense, na cidade de Modena. Foi italiano também o autor do primeiro mapa impresso do Brasil, datado de 1556. Seu autor, o veneziano Giovanni Batista Ramusio, nunca esteve no Brasil. Um leilão na sede do Jockey Club do Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 2001, o incluiu dentre suas obras (*O Globo*, 03/12/2001).

A segunda metade do século XVI traz duas obras importantes para a história brasileira: *Tratado da Terra do Brasil* (1570) e *História da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), essa última considerada a primeira história impressa do Brasil e que registra, na página 126 da edição consultada, o primeiro italianismo encontrado: *ennastrado*, derivado de *nastro* (CUNHA, 1999). O autor das duas obras chama-se Pero Magalhães de Gandavo, português de Braga.

## Triângulo cultural: música, literatura, culinária

A segunda metade do século XIX constitui um marco no intercâmbio com a Itália, na figura do segundo imperador do Brasil: Pedro II. Amante das artes, encontrou na figura da esposa o estímulo e a influência de que necessitava. Teresa Cristina, princesa napolitana, foi a mestra que incentivou o marido a conseguir bolsas para que os jovens brasileiros estudassem na Europa. Dentre eles, Carlos Gomes, o músico que retratou em suas óperas temas de seu país, dando-lhe fama mundial. A mais famosa, *O Guarani*, baseou-se no romance homônimo de José de Alencar. Destaque-se que os libretos foram escritos em italiano, língua universal da música. Enfatize-se a italianidade de Carlos Gomes, verdadeira ponte musical erudita Brasil-Itália-Brasil- com *Lo Schiavo, Salvatore Rosa, Fosca*, expresso nos libretos e títulos de suas composições. O idioma italiano constitui outro aspecto no cenário lírico; privilegiadamente sonoro, pois suas palavras terminam exclusivamente em vogal, atraiu a atenção dos libretistas. Foi ele o tecido musical que sonorizou a arte do mundo e, em especial, a brasileira.

A relação literária Brasil-Itália reúne quatro grupos de autores: I. Autores brasileiros que retratam motivos italianos em suas obras. II. Autores brasileiros que escreveram em italiano. III. Autores brasileiros traduzidos para o italiano. IV. Autores italianos que escreveram sobre a literatura brasileira.

Dentro do primeiro grupo, pode-se confrontar o mais italiano dos autores brasileiros – Antônio de Alcântara Machado – aos inseridos em KIEFER (2002), José Clemente Pozenato e Sílvio Fiorani, os três precedidos pela figura de Juò Bananère, pseudônimo do engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), que imortalizou em suas obras o italiano “macarrônico” dos imigrantes paulistas. O estilo satírico de Bananère levou-o a ser considerado um precursor dos modernistas. Alcântara Machado registrou a vida dos imigrantes peninsulares e seus descendentes, nos bairros que eles criaram e que dão nome a uma de suas obras: *Brás. Bexiga e Barra Funda* (MACHADO, 1996), retratando seus hábitos e vocabulário, na primeira metade do século XX. O título epônimo talvez do seu conto mais popular – *Gaetaninho* – une as morfologias bilíngues: *Gaetano* (it.) +-*inho* (morfema derivacional português). Segundo o jornalista

Luciano Trigo (2002), em sua obra “seu valor estético realça com o histórico”. Machado foi tema de tese de doutorado na Sorbonne Nouvelle – *Carcamanos e comendadores* -, defendida pelo ítalo-franco-brasileiro Mário Carelli (1985). E o tema da imigração continuou recorrente. Em 2002, publica-se *Pátria estranha* – História de peregrinações e sonhos (KIEFER), seleta de quatorze contos de escritores brasileiros contemporâneos, síntese de narrativas de personagens que tinham o Brasil como destino ou ponto de partida, na busca de uma utopia. Dois desses contos pertencem ao universo italiano. O primeiro, *Não foi fácil*, de José Clemente Pozenato, contrapõe o lirismo da trajetória bem sucedida de um *oriundo* às adversidades da imigração e dos preconceitos que a envolveram. O segundo, *A vida é assim*, de Sílvio Fiorani, resgata a memória dos descendentes italianos ligada aos hábitos peninsulares. Ao empregar o neologismo *reassunto* como sinônimo de relatório, deixa-se conduzir pelo fluxo da memória, adaptando o termo italiano *riassunto*, usando-o como substantivo, tal qual na língua transmissora. Fiorani ainda sublinha a memória como um dos três elementos, junto com o tempo e o mistério, que a origem italiana lhe trouxera.

O segundo grupo tem como seu primeiro representante o padre Antônio Vieira. A pesquisadora brasileira Sônia Salomão dirige o Centro de Estudos Antônio Vieira, em Viterbo, Itália. Organizou a obra *Sermões italianos*, coletânea de originais italianos, até então desconhecidos no Brasil, escritos por Vieira em Roma, com o acréscimo de comentários em português. Representante do Barroco, *Sermões* registra a expressividade de seu autor, no domínio de um novo idioma, na tentativa de um jogo persuasivo orador/ouvinte. Numa abordagem em sequência temporal, registre-se que Sérgio Buarque de Holanda (2002) considera o Arcadismo um dos aspectos pelo qual a influência italiana foi mais eficaz na formação brasileira, já que, durante o domínio espanhol, o idioma italiano foi o recurso expressivo que Portugal encontrou para libertar-se daquele jugo. Ressalte-se que Manuel Botelho de Oliveira, o primeiro brasileiro a publicar um livro de versos, também escreveu em italiano: *Musica del Parnaso*, impresso em 1705, em Lisboa. No século XX, Murilo Mendes, poeta mineiro, radicou-se por 18 anos em Roma, onde lecionou literatura brasileira na Universidade. Seus primeiros trabalhos foram poemas italianos reunidos em *Ipotesi*, Em *Enxergo*, aportuguesou o vocábulo *sagoma* - moldura -, acrescentando-lhe um acento (ságoma), já que esdrúxulo (MENDES, 1970).

O terceiro grupo reúne dois clássicos da literatura brasileira: Monteiro Lobato (1882-1948), que teve seu *Reinações de Narizinho* traduzido como *Nasino* e publicado pela Embaixada do Brasil em Roma; e Guimarães Rosa, que, por sua riqueza lexical, atraiu teóricos nacionais e estrangeiros. Traduzido para o italiano por Edoardo Bizarri, com este encetou expressiva correspondência, lançada na XI Bienal do Livro, no Rio de Janeiro (ROSA, 2003). Tal correspondência centrou-se na tradução de Bizarri para *Corpo de Baile*. Ao comentá-la, disse o editor: “Como diria o próprio autor, no sertão fala-se a língua de Goethe, de Flaubert, de Dostoiévski e também a de Dante” (*id. ibid.*). Comprovou-se, nessa tradução, uma antítese: as diferenças entre as duas línguas constataram que elas aproximaram dois mundos na visão do homem.

O quarto grupo encontra seu expoente na embaixatriz da literatura brasileira na Itália: Luciana Stegagno Picchio. A primeira edição de sua *História da Literatura Brasileira*, então intitulada *La letteratura brasiliana*, publicada em 1972, constituiu o volume 42 da coleção, em 50 volumes, da publicação *Le letterature del mondo*. O presidente da Academia Brasileira de Letras, Alberto da Costa e Silva, declarou: “Luciana foi uma das pessoas, talvez a principal, que mais fizeram pelo Brasil na Europa do século XX” (*O Globo*, 25/05/2002). Nascida no Piemonte, em 1920, faleceu em 2008. Ao estudar o silenciamento da língua materna, no caso do italiano, decorrência dos efeitos da Segunda Guerra Mundial no cenário brasileiro, a professora Onice Payer (2002) o faz, enfocando dois aspectos: o do riso, que se poderia exemplificar no português “macarrônico”, como é conhecido em São Paulo o falar do imigrante italiano, registrado por Bananère; e o da presença de traços do italiano como língua apagada, na prática oral de linguagem, como exemplificado por José Clemente Pozenato e Sílvio Fiorani.

Malgrado a relação dos idiomas português-italiano se presentificar na história do Brasil, o ensino do italiano não chegou aos bancos escolares. Apenas o Colégio Pedro II, da rede federal, o tem como uma disciplina optativa.

Ao Brasil aportados, trouxeram os italianos seus hábitos alimentares: beber vinho, muito vinho, comer espaguete, polenta. O pós-guerra importou a pizza – hoje já tornada um prato nacional; incorporada ao cardápio brasileiro, se

conservou as suas modalidades de origem, - calabresa, marguerita, napolitana - também incorporou as modificações do país onde desembarcou: de goiabada, de banana, com açúcar e canela etc. São Paulo exportou para o resto do País a culinária dos *oriundi*, e o Rio de Janeiro aceitou o desafio. Se alguns *experts* cariocas resistem à incorporação do tomate seco às massas ou sanduíches (“coisa de paulista”), tal incorporação já se fez realidade no cardápio da Cidade Maravilhosa. A influência italiana na culinária carioca se reflete não só nos seus pratos mas também na proliferação dos restaurantes típicos da Bota, cujos nomes não soam mais como estrangeiros àqueles que os frequentam. O mesmo ocorre com os vocábulos que designam tipos de restaurante: cantina, galetteria, osteria, *trattoria* já fazem parte do léxico do português coloquial brasileiro. O artigo do *Jornal do Brasil*, de 01/07/2002, enumera os diferentes nomes das massas, explicitando que a desinência *-oni* indica uma massa grande e a desinência *-ini*, uma pequena. Em artigo de agosto de 2011, intitulado “É de massa que os brasileiros gostam mais”, publicado em *Comunità Italiana*, a jornalista Cíntia Salomão Castro divulga pesquisa feita pela ONG Oxfam, realizada entre abril e maio do mesmo ano, reveladora dos pratos preferidos pelos brasileiros: 1. lasanha; 2.arroz; 3. massa; 4. feijoada; 5. pizza.

### Empréstimo: considerações linguísticas e etimológicas

Afirma Mário Viaro (2011):

O fenômeno do empréstimo, apesar de ser um dos mais frequentes e importantes para a formação dos léxicos, é considerado, pelo discurso normativo, quase como um elemento espúrio que macularia uma pretensa pureza de uma língua. Na verdade, essa visão preconceituosa acaba por diminuir a importância do fenômeno.

Tal preconceito encontra respaldo no filólogo brasileiro Júlio Ribeiro (1919), quando postula:

A mania do neologismo é das mais detestáveis. O neologismo só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para um novo instrumento, ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na língua. Os *neologistas* não passam de deturpadores da língua.

Mattoso Câmara (CÂMARA, 1972), embora reconheça o valor de Ribeiro, critica o ideal do mestre de “língua pura”, diante do conceito de empréstimo “constante, inevitável e até necessário do ponto de vista da eficiência social da língua”.

O professor Carlos Alexandre Gonçalves (1998) estuda a Tese Neogramática, que propõe a *analogia* e o *empréstimo* como explicadores para os desvios da atuação das leis fonéticas. Em contrapartida, cita Labov, o criador da Sociologia Variacionista, que não admite apenas esses dois conceitos como fatores únicos de mudança.

Numa visão funcionalista, André Martinet (1967) assevera que as línguas mudam porque funcionam, mas mudanças não constituem apenas alterações e desvios. Constituem também necessidades expressivas que se renovam, porque a língua é dinâmica e propicia sempre o falar e entender algo novo. Assim, os empréstimos atualizam-se: entram e saem de uso. O futebol trouxe consigo uma infinidade de vocábulos: se o *goal* permaneceu, adaptado ao português (gol), desapareceram o *center-forward*, o *goal-keeper*, o *foul* e o *back*, substituídos, respectivamente, por *atacante*, *goleiro*, *falta* e *zagueiro*. Ressalte-se que alguns desses anglicismos, antes de serem traduzidos, passaram por uma fase intermediária de adaptação gráfica, transformando-se em *golquíper* e *beque*. Se a postura das nações ocidentais foi democrática, aceitando o esporte bretão com sua denominação, apenas adequando-o ao idioma nativo de cada uma, tal não ocorreu na Itália, onde o *ditador* Benito Mussolini *proibiu* a terminologia importada. Aí, o futebol perdeu seu nome de batismo e passou a chamar-se *calcio* (pontapé). Era a visão “nacionalista”, como sinônimo de “xenófoba”, atualmente por vezes retomada em relação ao empréstimo.

Ao abordar a questão de empréstimo numa visão discursiva, Eni Orlandi (1988) propõe duas questões, quando analisa como *corpus* o tupi e a sua presença no português brasileiro: 1. O empréstimo tem uma interpretação ortodoxa simplificadora – é reduzido a mera contribuição de vocábulos ou de alguns afixos. 2. Tal visão se projeta redutora, porque, ao se falar em empréstimo somente ligado a línguas europeias e asiáticas e não a línguas indígenas, não se concede a essas *status* de línguas. Critica o posicionamento de Saussure, já que o estruturalismo considerou a língua um produto natural e desconheceu o processo de manipulação. Orlandi denomina *poder*, apoiada em Mattoso (CÂMARA, 1977) o qual chamou *vontade* ao trabalho de adaptação progressiva do homem sobre os produtos culturais. A linguista discute ainda a posição tomada por alguns filólogos de não se considerarem empréstimos os vocábulos tupis, por terem adquirido as flexões portuguesas. Rebate tal posicionamento, postulando como fato científico o caminho das regras de adaptação pelo qual passam os empréstimos de qualquer língua. Enfatiza a necessidade de se atentar para processos discursivos, que extrapolem o nível do vocábulo isolado. Exemplifica com o sufixo tupi – *rana*, existente em várias formas do português: tatarana (como se fosse fogo), cajarana (como se fosse cajá), sagarana (como se fosse saga). A observação parte da constatação de que o sufixo em questão significa “como se fosse” e leva ao entendimento das relações entre os membros de uma tribo. No dialeto de Belém do Pará, encontrou a pesquisadora o termo netarana, que significa “como se fosse neta”. Deduz, então, que a modalização se insere num mecanismo discursivo e ultrapassa o sistema verbal. Conclui, afirmando que “uma forma crítica, discursiva, filológica (no sentido moderno) de estudar os ‘empréstimos’ é que estamos visando”. A Análise do Discurso será capaz de explicar por que a “Operação mãos-limpas” surgiu: para impedir que “tudo acabasse em *pizza*” (v. glossário).

Um registro deve ser feito, no intercâmbio dos dois idiomas: italiano e português. Enquanto na *Università La Sapienza*, em Roma, o *Dipartimento di Studi Romanzi* promove pesquisa entre seus alunos de Letras e controla estatisticamente os empréstimos linguísticos ao italiano, nenhuma pesquisa foi encontrada em sentido inverso: como e quanto a língua italiana contribuiu e contribui com seu repertório para enriquecer a portuguesa.

### Glossário:

#### • da CULINÁRIA

**Agnolotti** [anhólóti] (pl. do it. *agnolotto*) **s.m.** Invólucro de massa de ovos de forma redonda, recheado de vários ingredientes, como carne moída. (*Jornal do Brasil*, 19/01/2001)

**Aliche** \(\do napolitano *alice*) **s.f.** Enchova. (*Mic.* dá a grafia *aliche*; *MG*, a etimologia e a grafia *alice*)

**Al dente** (It.) **adj.2g.** Diz-se de alimento (arroz, massa, etc cozido só até o ponto em que ainda representa algo da consistência de quando ainda cru. (*Aur.*)

**Al pesto** (XX;it) **loc.adj.** Coberto(a) por pesto, condimento típico da cozinha genovesa. (*Veja*, 10/04/2002)

**Al sugo** (It.) **loc.adj.** Com molho. “Cicciolina recompensou seu herói com uma noite de amor *al sugo*”. (*Veja*, 11/06/97) (SCC)

**À matriciana** (XX; do it. *alla matriciana*) **loc.adv.** Um dos molhos mais conhecidos, feito à base de tomate, cebola e tocinho defumado. É originário de Matrice, pequena cidade da região de Campobasso. (FREITAS, 2002)

**Antipasto/antipasti** (XX;it) **s.m.** Prato que se serve antes de uma refeição, para abrir o apetite. “Os ‘antipasti’ são a abertura de qualquer refeição peninsular”. “Uma verdadeira refeição italiana começa com os ‘antipasti.” (*O Globo*, 25/05/97) (SCC)

**Arrabiata** (XX It; do it. *all'arrabiata*) **adj.f.** Molho feito à base de tomate e pimenta. (FREITAS, 2002)

**Bisteca** (Do ing. *beef-steak*, formado por *beef* [bife, carne], mais *steak* [fatia]. O vocábulo entrou na língua portuguesa através do it. *bistecca*. (*MB*) **s.f.** Bife (*H*)

**Brócolos** (1844; do it. *broccoli* pl. de *broccolo*) **s.m.pl.** Planta da família das crucíferas, amplamente cultivada como verdura (AGC) Var.: *brócolis* (Aur.). O pt. não reconhece plural em *broccoli*, portanto acrescentou-lhe o seu morfema de número: -s.

**Brusqueta** (XX; do it. *bruschetta*) **s.f.** Aperitivo feito com pão e diversos sabores: queijo, frutos do mar etc. As duas formas, portuguesa e italiana, coexistem na mídia. (Veja, 20/12/2002)

**Calzone** [kalt'zone] (It.) **s.m.** Iguaria de origem italiana feita com massa de pão e recheada com queijo, presunto e ervas ou alho. (H)

**Capuccino** (XX. It) **s.m.** Tipo de café. Var.: capuchino (H)

**Carpaccio** (1963; do it. *carpaccio*, do antr. Vittore Carpaccio, pintor italiano; nome dado a um prato inventado – 1961- em um restaurante de Veneza, no período de uma mostra dedicada ao pintor) **s.m.** Iguaria composta de finíssimas lamelas cruas de carne de boi, de peixe ou de outro tipo, temperada especialmente com sumo de limão e azeite de oliva. (H)

**Chianti** (It., do top. Chianti, região vinícola da Toscana) **s.m.** Denominação dos vinhos tintos algo ásperos e ácidos, quando jovens, produzidos na província de Siena (Itália) e geralmente engarrafados em frascos bojudos revestidos de palha trançada. (H)

**Chocottone** (XX; por analogia com *panettone*) **s.m.** Bolo semelhante ao *panettone*, coberto de chocolate. (Veja Rio, 28/11/2001)

**Ciabatta** (XX. It.) **s.f.** Espécie de pão. (O Globo, 01/03/2003)

**Conchiglia** (XXI; It.) **s.f.** Iguaria semelhante à casquinha de siri, porém feita com peixe desfiado e gratinado ao forno. (Veja Rio, 06/03/2002)

**Espaguete** (XX; do it. *spaghetti*) **s.m.** Tipo de macarrão. (AGC) Aparece, também, em cardápios e na mídia, a forma italiana *spaghetti*. Ambas se alternam em derivados e compostos: espaguetilândia/spaghettilândia. (O Globo, 01/09/2000)

**Espumante** O vocábulo entrou no português como **adj.2g.**, originário do latim *spumans* (XVIII), ou seja, que produz espuma (AGC). Posteriormente, adquiriu o significado de vinho espumante, no século XXI expresso apenas por espumante (**s.m.**), designando o vinho originário da Itália, branco e leve, que produz espuma quando se estoura a garrafa (correspondente ao francês *champagne*). O VOLP (2009) registra as duas classificações gramaticais.

**Expresso** (XX; do it. *espresso*) **s.m.** Tipo de café preparado com máquina apropriada.

**Fagottini** (XXI; It.) **s.m.** Espécie de massa.

**Farfalle** (XX; It.) **s.m.** Tipo de macarrão, em forma de borboleta (Jornal do Brasil, 01/07/2002). Em italiano, *farfalle* é **s.f.pl.** –borboletas-, plural de *farfalla*, **s.f.sg.**

**Fettucine** (XX; It.) **s.m.** Variedade de talharim. Em it. é plural. SCC aponta um exemplo extraído de *O Globo*, de 25.05.97: “O *fettucine* com hortelã e pesto de castanha de caju é temperado com manjeriço...”

**Focaccia** (XX ;It.) **s.f.** Espécie de pão, achatado e temperado. Os brasileiros já o flexionam no plural: focaccias e não *focacce*, forma italiana. (Jornal do Brasil, 17/03/2002)

**Funghi** (XX;It.) **s.m.pl.** Cogumelos. SCC registra um exemplo de *O Globo*, de 30.05.97: “O problema será resolver o prato: risoto de *funghi* no ponto...”

**Fusilli** (XX; It.) **s.m.** Espécie de macarrão, em forma de parafuso. (O Globo, 28/08/2003)

**Garganelle** (XX; It.) **s.f.** Espécie de massa. (O Globo, 06/06/2002)

**Gelatina** (XIX; do it. *gelatina*) (AGC) Doce preparado com a proteína com aspecto de *geleia obtida dos animais, acrescida de água e açúcar*. (H) Deriv.: *gelatiniforme, gelatinografia, gelatinoso, gelatinotipia*.

**Grissini** (Do it.pl. de *grissino*, vocábulo piemontês que designa um tipo de biscoito próprio do Piemonte). **s.m.** Pão abiscoitado de bastõezinhos grossos como o dedo mínimo. Ressalte-se que o falante brasileiro, de um modo geral, não tem a noção do morfema italiano de plural –i e se refere a um *grissini*. (Jornal do Brasil, 17/03/2002). MG aponta a forma *grissino*, já aportuguesada.

**Lasanha** (1890); do it. *lasagna*) **s.f.** 1. Massa de farinha de trigo, em tiras largas. 2. Espécie de prato que se faz com essa massa. (AGC)

**Macarrão** (1517; do it. *maccherone*) **s.m.** Massa de farinha de trigo em canudinhos, ou de outro formato, da qual se fazem sopas e outros cozinhados. (AGC)

**Muçarela** (Do it. *mozzarella*) **s.f.** Queijo magro de leite de búfala ou de vaca, usado na culinária de origem italiana. (Aur.)

**Nhoque** (XX; do it. *gnocchi*) **s.m.** Massa alimentícia típica da cozinha italiana. A grafia italiana também aparece em cardápios e na mídia. (AGC)

**Orecchioni** (It.) **s.m.** Espécie de ravióli retangular que, ao ser recheado, ganha um desenho arredondado, parecido com uma orelha. (Veja Rio, 12/03/2003)

**Pappardelle** (It.) **s.m.** Espécie de talharim achatado, liso e longo. (Caras, 08/08/2003)

**Parmesão** (1556; do it. *parmigiano*) **adj.s.m.** Diz-se de um tipo de queijo originariamente fabricado em Parma. (AGC)

**Parmigiana** (It.) **adj.f.** Iguaria feita no forno, à base de molho de tomate e queijo parmesão. (Comunità Italiana, 05/08/2001)

**Penne** (It.) **s.f.pl.** Tipo de massa alimentar, de forma romboidal, cortada e furada. (VIVAMAIS, 26/04/2002)

**Pesto** (Do it. *pesto*) **s.m.** Condimento típico da cozinha genovesa, composto de óleo, alho e queijo. “O *fettucine* com hortelã e **pesto** de castanha de caju é temperado com manjeriço.” (SCC)

**Pizza** (XX; do it. *pizza*) **s.f.** Comida italiana feita com massa de pão, de forma em geral arredondada e achatada, sobre a qual se dispõem camadas de muçarela, tomates, enchovas etc. temperadas com orégano. Apesar de conservar a grafia de sua língua de origem, adaptou-se ao português, na morfologia: pl. pizzas. Bras. Acabar em pizza: resultar em nada. Deriv.: pizzaria. (Aur.)

**Pizzaiolo** (It.) **s.m.** Indivíduo especializado no preparo de pizzas. Como pizza, embora conserve a grafia italiana, tem o pl. adaptado à morfologia portuguesa: pizzaiolos. (H)

**Polenta** (1813; do it. *polenta*) **s.f.** Massa ou pasta de farinha de milho com água e sal, escaldada ao fogo, à qual se pode adicionar manteiga e queijo. Deriv.: apolentar (AGC)

**Polpetta** (It.) **s.f.** Peçaço de carne triturada e condimentada, preparado em pequenas formas redondas fritas ou cozidas; almôndega (Veja Rio, Guia 2003-2004, 24/09/2003)

**Polpettone** (XX; do it. *polpettoni*) **s.m.** Peçaço de carne triturada e condimentada, preparado em forma de cilindro. (O Globo, 20/04/2003)

**Porchetta** (It.) **s.f.** Leitoa à moda italiana. (*Jornal do Brasil*, 01/05/2002)

**Prosecco** (XX; do it. *prosecco*) **s.m.** Vinho espumante.

**Provolone** (Do it. *provolone*) **s.m.** Queijo italiano de leite de vaca, defumado e levemente salgado, de massa firme e crua, prensado e de casca lisa. (*H*)

**Ravióli** (1899; do it. *ravioli*) **s.m.** Pequeno pastel cozido, com recheios variados. (*AGC*)

**Raviolone** (XX; do it. *raviolone*) **s.m.** Pastel cozido com recheios variados. (*Veja Rio*, 01/05/2002)

**Ricota** (XX; do it. *ricotta*) **s.f.** Queijo que se prepara vertendo-se o soro do leite fervido e coalhado. (*AGC*)

**Rigatone** (Do it. *rigatoni*) **s.m.** Tipo de massa cortada em pequenos tubos com uma grande abertura. Em it. é plural; o português não reconhece o pl. no morfema -i, estranho à sua estrutura. Também aparecem as formas italianas *rigattonni* (*O Globo*, 20/04/2003) e *rigatoni* (*Comunità Italiana*, agosto/2011).

**Risoto** (XX; do it. *risotto*) **s.m.** Prato de origem italiana, preparado com arroz colorido com açafrão, manteiga e queijo parmesão ralado. (*AGC*) *MG* acrescenta que a forma italiana é uma adaptação do milanês *risot*, diminutivo de *riso*, arroz.

**Rondelli** (XX; It.) **s.m.** Massa cortada em pequenas rodela e servida com diferentes molhos. Em it. é feminino plural. (Prospecto do restaurante carioca *Brevità*)

**Rúcula** (Do it. *rucola*) **s.f.** Erva ruderal largamente usada como salada pelo sabor ligeiramente picante. (*Aur.*)

**Salame** (1874; do it. *salame*) **s.m.** Espécie de paio que se come cru. (*AGC*)

**Salamino** (XX; do it. *salamino*) (*AGC*) **s.m.** Pequeno salame. (*H*)

**Saltimbocca** (It.) **s.f.** Costeleta de vitela feita com molho de vinho, sálvia, presunto fatiado e, eventualmente, queijo. (*H*)

**Scampi** (It.) **s.m.pl.** Lagostins ou camarões fritos ao alho. (*H*)

**Sêmola** (1844; do it. *sêmola*) **s.f.** Farinha granulada resultante da moagem do grão de trigo ou de outros cereais e utilizada no preparo de massa, sopas etc. (*AGC*)

**Semolina** (XX; do it. *semolino*) (*AGC*) **s.f.** Fécula de farinha de arroz; sêmola (*Aur.*)

**Tagliatelli** (It.) **s.m.** Talharim. [O port. não o percebe como plural]. *SCC* apresenta o seguinte exemplo: “*Tagliatelli* ao crême de *funghi secchi* para quatro pessoas” (*IstoÉ*, 23.07.97)

**Tiramisu** (XX; do it. *tiramisu*, do imperativo do verbo *tirare* + pron. pes. *mi* + prep. *su*, assim chamado por suas propriedades energéticas) **s.m.** Doce cremoso italiano preparado com uma espécie de pão-de-ló, com ovos, licor, aromatizado de café e salpicado de cacau em pó. (*H*)

**Torrone** (It.) **s.m.** Doce puxa-puxa de mel e amêndoas. (*RP*)

**Tortano** (XXI. Do it. *tortano*) **s.m.** Pão com linguiça. (*O Globo*, 02/02/2002)

**Tortelli** (It.) **s.m.pl.** Pedacos de massa, em forma de meia-lua, recheados com vários ingredientes. (*O Globo*, 06/06/2002)

**Trattoria** (It.) **s.f.** Restaurante italiano rústico. (*Aur.*) O vocábulo já aparece em português com a grafia italiana, mas não em itálico, e sofre a flexão portuguesa – trattorias. (*O Globo*, 17/10/2001)

**Tutti-frutti** (It.) **s.m.** Confeito com várias frutas. (*MG*). *SCC* registra o exemplo: “Luiza Almeida Braga...com brincos enormes que lembravam o *tutti frutti* de Cartier”. (*O Globo*, 12/05/97)

**Valpolicella** (XX; It.) **s.m.** Vinho tinto frutado e pouco encorpado da região de Verona, Norte da Itália. (*H*)

**Vermicéli** (Do it.pl. *vermicelle*) (*MG*) **s.m.** Massa semelhante ao espaguete.

**Vôngole** (Do it. *vongole*, pl. de *vongola*) **s.m.** Berbigão, molusco bivalve, hoje muito usado em culinária. (*H*)

**Zabaione** (XX;it.) **s.m.** Sobremesa cremosa à base de gema de ovo, açúcar e vinho Marsala. (*H*)

**Zucchini** (It.pl. de *zucchini*) **s.m.** Abobrinha. [O pt. não o vê como pl.] *SCC* cita o seguinte exemplo: “A maneira de fazer um bom *zucchini alla griglia* começa com...” (*O Globo*, 25/05/97)

**Zuppa inglese** (It.) **loc. subst.** Sobremesa à base de pão-de-ló, creme inglês [feito com gemas de ovos e açúcar] ou pudim e frutas, a que se acrescenta um pouco de rum e se cobre de creme. (*H*)

#### • da MÚSICA

**Adágio** (1844; do it. *adagio*) **adj.s.m.** Composição musical de andamento lento. (*AGC*)

**Allegro ma non troppo** (It.) **fraseol.** Alegre, mas não demasiado. A expressão popularizou-se em português, transportada para outros contextos, inclusive, sofrendo variações, como *Finados*, *ma non troppo*. (*Jornal do Brasil*, 03/11/2000) (*O Globo*, 21/08/2003).

**Andante** (1858; do it. *andante*) **adv.** De andamento entre adágio e alegre. **s.m.** Trecho musical nesse andamento. (*AGC*)

**Apojatura** (1871; do it. *appoggiatura*) **s.f.** Ornamento melódico que consiste na introdução de uma ou duas notas estranhas à harmonia. (*AGC*)

**Batuta** (1871; do it. *battuta*, compasso) **s.f.** Bastão com que os maestros regem as orquestras. (*AGC*)

**Bel canto** (It.) **s.m.** Canto lírico. “Homenagem à paixão de Mário Simonsen pelo *bel canto*.” (*O Globo*, 23/02/97). (*SCC*)

**Bequadro** (1813; do it. *bequadro*) **s.m.** Sinal que anula o efeito dos sustenidos e bemóis. (*AGC*)

**Cadência** (XVII; do it. *cadenza*) **s.f.** Ritmo, compasso. (*H*)

**Cantata** (XVIII; do it. *cantata*) **s.f.** Composição poética para ser cantada. (*AGC*)

**Cavatina** (XVIII; do it. *cavatina*) **s.f.** Pequena ária, geralmente intercalada num recitativo. (*AGC*)

**Clarineta** (1844; do fr. *clarinette*, provavelmente adaptação do it. *clarinetto*) **s.f.** Instrumento de sopro e palheta simples. (*AGC*)

**Coloratura** (Do it. *coloratura*) **s.f.** 1. Linha melódica vocal muito ornamentada e com valores rápidos. **adj.2g.s.2g.** 2. Diz-se de ou voz de soprano de grande extensão, capaz de realizar *vocalises* rápidos e limpos no registro agudo. 3. Diz-se de ou cantora que possui tal voz. (*H*)

**Escala** (1858; do it. *scala*) **s.f.** Sucessão de sons musicais. (*AGC*)

**Fá** (1527; do it. *fa*) **s.m.** Quarta nota da escala maior natural Os nomes das notas musicais – dó (anteriormente *ut*) ré,

mi, fá, sol, lá, si- foram introduzidos na linguagem da música, com exceção do último, pelo italiano Guido d'Arezzo (995-1050), que nomeou cada nota com a primeira sílaba de cada um dos seis primeiros versos da primeira estrofe do hino a São João Batista, composto no século VIII por Paul Warnerfried (720-799), mais conhecido por Paulus Diaconus: *Ut queant laxis/Resonare fibris/Mira gestorum/Famuli tuorum,/Solve polluti/Labii reatum/Sancte Iohannes* (Para que teus servos/Possam, nas entranhas/Tíbias, ressoar/Teus feitos miríficos,/Absolve o pecado/Destes conspurcados/Lábios, São João. O *ut* foi substituído, provavelmente no séc. XVII, por *dó*, considerado mais sonoro. O *si* foi acrescentado à escala no séc. XVII, sem dúvida das letras iniciais de Sancte Iohannes, último verso da referida estrofe. (AGC) (H)

**Grupeto** (1873; do it. *gruppetto*, grupo de notas musicais) (AGC). **s.m.** Tipo de ornamento com nota ascendente e descendente em torno da principal (H)

**Improviso** (Do it. *improvviso*) (AN) **s.m.** 1. Composição não muito extensa, em geral para piano, de forma livre, mas não necessariamente improvisada. 2. Produto musical momentâneo e não individualizado. 3. Conjunto de modificações momentâneas introduzidas pelo intérprete numa composição no momento da execução. (H)

**Libreto** (1881; do it. *libretto*, dim. de *libro*). (AGC). 1. Texto a partir do qual são compostos óperas, oratórios ou cantatas. 2. *P. ext.* O livro ou o opúsculo que contém esse libreto. Deriv.: libretista. (H)

**Maestro** (1881; do it. *maestro*) (AGC) **s.m.** 1. Compositor musical. 2. Regente de orquestra. (Aur.)

**Mezzo soprano/Mezzosoprano** (It.) **loc.subst.** 1. Registro de voz feminina que está entre o soprano e o contralto. 2. Cantora que tem tal voz. (H)

**Noveleta** (Do it. *novelletta*) **s.f.** Composição breve, de caráter romântico ou fantástico, sem delineamentos especiais de forma, gênero criado por Schumann, compositor alemão [1810-1856] (Aur.)

**Ópera** (XVII; do it. *opera*) **s.f.** Drama inteiramente cantado com acompanhamento de orquestra, ou intercalado com diálogos falados. (AGC)

**Piano s.m.** (1858: forma reduzida do it. *pianoforte*) Instrumento de cordas percutíveis por martelo de madeira revestida de feltro, munido de teclado de 88 teclas. **adv.** (1873; do it. *piano*, redução de *pianoforte*). Suavemente. (AGC).

**Quinteto** (1858; do it. *quintetto*) (AGC) **s.m.** 1. Conjunto de cinco vozes ou cinco instrumentos. 2. Composição instrumental, em geral baseada na forma da sonata clássica e especialmente escrita para esse conjunto. (Aur.)

**Récita** (Do it. *recita*) (MG) **s.f.** Apresentação em teatro lírico. (H)

**Serenata** (1813; do it. *serenata*) (AGC) **s.f.** 1. Música de conjunto instrumental, geralmente cantada, melodiosa e simples, algo semelhante às trovas dos cantores ambulantes, executada ao ar livre, não raro sob a janela de alguém; seresta. 2. Peça artística composta nos moldes da serenata. (Aur.)

**Spalla** (It.) *s.m.* Primeiro violino. (H)

**Tarantela** (XVIII; do it. *tarantella*) *s.f.* Dança popular napolitana. (AGC). O povo acreditava que, para curar a doença provocada pela picada da tarântula, era necessário pular sem parar, a fim de neutralizar o efeito do veneno. Daí, a origem do nome da dança.

**Una corda** (It.) **loc. adv.** Com o pedal doce acionado. **loc. subst.** Pedal doce. (H)

**Vivace** (It.) **adj.** Com vivacidade. (Aur.)

**Zingaro** (1874; do it. *zingaro*) **s.m.** Cigano músico. (AGC)

• das HISTÓRIAS CURIOSAS

**Baderna** (XX; de *Baderna*, nome de uma dançarina italiana que passou pelo Rio de Janeiro, em 1851) **s.f.** Desordem, confusão (AGC). *MB* conta a seguinte história: “A origem da palavra, que só existe no português do Brasil com esses sentidos – bagunça, confusão; bando, corja; ou então grupo de rapazes alegres e barulhentos – é o nome da bailarina clássica italiana Marietta *Baderna*, que, em 1849 se autoexilou no Brasil, onde conquistaria uma legião de fanáticos e aguerridos admiradores”. Reproduz, ainda fac-símile do Correio Mercantil, RJ, edição de 11/12/1849, apenas quatro meses após a chegada de Marietta ao Rio, onde se lê: “... sentimos a necessidade de criar um vocabulário, já que não nos basta a língua que fallamos quando della se trata. Eil-o;e ...Baderna...Badernar...Badernador...Baderneiros...Badernistas...Badernice...Badernismo...Badernação...Badernada”. O jornal *Comunità Italiana* (15/09/2001) informa que o escritor italiano Silverio Corvisier, ao tomar conhecimento de um artigo do jornalista Moacir Werneck de Castro, no qual abordava a conotação pejorativa do termo, veio ao Brasil para pesquisá-lo, constatando que tal significado não condizia com o comportamento da bailarina. Apresentou, então, a seguinte justificativa: ela era bailarina disciplinada, postura que aprendera com seu mestre de dança do Teatro La Scala de Milão. Culta, tocava piano e desenhava. Encantou-se com o Rio de Janeiro. Suas interpretações levariam ao delírio os homens da época que, em sua exaltação, promoviam badernas.

**Desparagonar** (XXI; de –des + it. *paragonare*) **v.** Neologismo empregado pelo jornalista Joaquim Ferreira dos Santos: “Desparagone a página certinha” (*O Globo*, 05/09/2005). Paragonar significa: comparar, cotejar, assemelhar (Aur.)

**Dressa** (XXI; do it. *dressa*) **s.f.** Trança de palha selecionada do trigo, trazida pelos imigrantes italianos que colonizaram a serra gaúcha. É molhada e amassada com garrafa de vinho, para ficar bem lisa e não arrebentar. O vocábulo não existe dicionarizado. Foi colhido em 03/01/2010, numa exposição no Aeroporto Internacional Tom Jobim, do Rio de Janeiro, a qual enfatizava a cidade gaúcha de Bento Gonçalves como local da mais importante manifestação artesanal da colônia italiana.

**Gelosia** (Do it. *gelosia*, ciúme) **s.f.** São tabuinhas da veneziana que permitem á mulher, na reclusão do lar, ver a rua sem ser vista. (AN) *MG* acrescenta ser uma abreviação da expressão italiana *gelosia della finestra*, ciúme da janela, visto como, por esse meio, o ciumento evitava que sua mulher fosse vista por outros da rua sem prejudicar a visão dela ao exterior. Registra também que é criação italiana, documentada no século XV, século em que os italianos criaram o novo sentido do vocábulo, por ocasião dos contatos com o Oriente, onde se originou essa grade de janela. *AGC* registra somente a acepção de *persiana*.

**Gueto** (XVI; do it. *ghetto*) **s.m.** Bairro onde, na Itália, os judeus eram forçados a residir. *P.ext.* bairro, em qualquer cidade, nos quais são confinadas certas minorias, por imposições econômicas e/ou raciais. (AGC) O primeiro gueto surgiu em Veneza, como consequência do acordo estipulado em 29 de março de 1516, entre a *Repubblica Serenissima* (como era chamada Veneza) e a comunidade hebraica ali residente. O vocábulo *ghetto* deriva muito provavelmente de um *getto* (fundição) que existia nessa ilha da laguna. (CALIMANI, 2001)

**Máfia** (Do dialeto siciliano *mafia*, “audácia, bazófia, insolência”, poss. do ar. *mahyah*, “ufanismo, bazófia”) **s.f.** 1. Sociedade secreta, fundada na Itália no séc. XIX para garantir a segurança pública e posteriormente acusada de participação em numerosos crimes. 2. *P.ext.* Grupo criminoso bem organizado. Deriv.: *mafioso*. Na Itália, corre uma etimologia popular, que atribui à origem do vocábulo um acróstico, surgido antes da Unificação Italiana: **Morte Ai Francesi Italia Anela** (A Itália deseja morte aos franceses).

**Mãos limpas** (XX; tradução literal da expressão italiana *Mani pulite*, mãos limpas, aplicada à operação que combateu a corrupção na Itália, em especial a provocada pela Máfia) **loc.adj.**

**Marguerita** (Do it. *margherita*) **adj.** Espécie de pizza, feita com muçarela, tomate e manjericão. Em visita a Nápoles, a rainha Margherita di Savoia, esposa do rei Umberto I, recebeu, durante o jantar num restaurante, uma homenagem do cozinheiro: uma pizza com as três cores da bandeira italiana – branca, vermelha e verde -, prato que recebeu seu nome: pizza marguerita.

**Papa mio** (It.) Paródia da expressão italiana *mamma mia*. **interj.** Meu papai. Propaganda do supermercado Pão de Açúcar, em homenagem ao Dia dos Pais: “Papa mio, que almoço!” (*O Globo*, 13/08/2011). Na semana seguinte, o mesmo jornal publicou o mesmo anúncio com a expressão *mamma mia*. (*O Globo*, 20/08/2011)

**Paparazzi** (XX; It.; termo criado a partir do antropônimo *Paparazzo*, personagem do cinema, criado pelo diretor italiano Federico Fellini (1920-1993), no filme *A Doce Vida*. **s.m.pl.** Profissionais que se dedicam a tirar fotos indiscretas de pessoas conhecidas ou célebres. No Brasil, o vocábulo, que já se havia popularizado no final dos anos 50 e começo dos anos 60, a partir da perseguição por tais fotógrafos sofrida por Jacqueline Kennedy, a primeira dama norte-americana, reapareceu largamente na imprensa, no final do século XX, motivado pelo noticiário sobre a morte da princesa inglesa Diana, lady Di. *Aur.* registra o vocábulo e sua acepção. Na Itália, por analogia já se encontra o vocábulo *mammarazzi*.

**Tarantela** (XVIII; do it. *tarantella*) **s.f.** Dança popular napolitana. (AGC) O povo acreditava que, para curar a doença provocada pela picada da tarântula, espécie de aranha, era necessário pular sem parar a fim de neutralizar o efeito do veneno. Daí, a origem do nome da dança.

**Tchau** (XX; do it. *ciao*) **s.m.interj.** (VOLP) “É um cumprimento de chegada e saída no italiano e apenas de saída (correspondente a adeus) no português.” (CARVALHO, 1989)

**Totalitário** (XX; do it. *totalitario*) **adj.** Diz-se do governo, país ou regime em que um grupo centraliza todos os poderes políticos e administrativos. Deriv.: *totalitarismo* XX; *totalitarista* XX. (AGC) O termo foi criado por Benito Mussolini, pouco tempo depois de se tornar primeiro-ministro, em 1922. O chefe italiano, ao criá-lo, intencionava dar-lhe uma conotação positiva. Mas sua política ditatorial gerou os significados que o vocábulo tem hoje.

As abreviaturas usadas, em itálico, foram as iniciais dos autores das obras consultadas:

A,G.Cunha (AGC)	Antenor Nascentes (AN)
Aurélio ( <i>Aur.</i> )	Garzanti (G)
Mansur Guérios (MG)	Márcio Bueno (MB)
Michaelis ( <i>Mic.</i> )	Reinaldo Pimenta (RP)
Sérgio Corrêa da Costa (SCC)	

## Conclusão

O trabalho aqui apresentado limitou-se a elencar os campos semânticos que mais contribuíram para a entrada de italianismos no português brasileiro: Culinária e Música. Porém ele se originou da pesquisa de Antenor Nascentes, que apresentou em seu *Dicionário etimológico* o total de 383 empréstimos. Consultou, em seguida, a abordagem do professor Mansur Guérios, que ampliou esse número para 1000 a 1050 italianismos. Preencheu seu trajeto com outras obras, etimológicas ou não, e focalizou a mídia impressa, principalmente a publicada no Rio de Janeiro. Por ser a culinária a responsável por tal ampliação, analisou também cardápios de restaurantes predominantemente cariocas, elevando o total para 1426 vocábulos. Além de tal recrudescimento, constatou: o registro do primeiro italianismo no português brasileiro; a formação de muitos derivados dos italianismos; o registro de tais vocábulos dicionarizados ou não, pela mídia impressa; a tendência de dicionarização de alguns destes; a existência, em relação a muitos vocábulos, das duas variantes gráficas: a da língua de origem e a da língua receptora; o comportamento morfológico dos que mantiveram a sua forma original. Atribuiu-se o recrudescimento à situação privilegiada que a Itália ocupou no cenário mundial de pós-guerra, ocupando o quarto lugar na economia europeia. Enfatizou a pesquisa do embaixador Sérgio Corrêa da Costa que destacou o italiano como quarta língua universal a enriquecer o léxico das demais, com as suas

*palavras sem fronteiras*. Ao elaborar o glossário, pretendeu contribuir, especificamente, para o preenchimento de uma lacuna na pesquisa acadêmica brasileira, que não se dedica a controlar quantitativa e qualitativamente o seu acervo de empréstimos.

## Referências Bibliográficas

- Alves, Ieda Maria. 1984. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. São Paulo: *Alfa*, 28 (supl.).
- \_\_\_\_\_. (1990). *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática.
- Amado, Janaína e Figueiredo, Luiz Carlos. (2001). *Brasil 1500: quarenta documentos*. Brasília: UNB, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Bueno, Márcio. (2003). *A origem curiosa das palavras*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Calimani, Riccardo. (2001). *Storia del Ghetto di Venezia*. Milano: Mondadori.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. (1972). *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- \_\_\_\_\_. (1977). *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, MEC.
- Carelli, Mário. (1985). *Carcamano e comendadores*. São Paulo: Ática.
- Carmo, Maurício Martins do. (1998). *Pauliceia scugliambada, Pauliceia desvairada*. Niterói: EDUFF.
- Carvalho, Nelly. (1989). *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática.
- Castro, Cíntia Salomão. (2011). É de massa que o brasileiro gosta mais. In: *Comunità Italiana*. Niterói: Comunità, agosto.
- Chaves, Edgard de Brito Jr. (1971). *Memórias e glórias de um teatro – sessenta anos de História do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana.
- Costa, Sérgio Corrêa da. (2000). *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro, Record.
- Cunha Antônio Geraldo da. (1999). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1999). *Novo Aurélio XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fiorani, Sílvio (2002). A vida é assim. In: Kiefer, Charles et al. *Pátria estranha – História de peregrinação e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Freitas, Cyanéa T. de A. (2002). *A cozinha italiana*. São Paulo: Melhoramentos.
- Gandavo, Pero de Magalhães (1924). 1. *Tratado da Terra do Brasil*. II. *História da Província Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil.
- Garzanti. (1984). *Il nuovo dizionario*. Italia: Garzanti.

Gonçalves, Carlos Alexandre V. (1998). Uma história bélica (e bela): impasse na doutrina neogramática. In: *Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: DIALOGARTS; São Gonçalo: CIFEFIL.

Guérios, R.F.Mansur. (1979). *Dicionário de etimologias da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional; Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

\_\_\_\_\_. (1973). Os empréstimos italianos da língua portuguesa. In: *4º. Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Gernasa.

Holanda, Sérgio Buarque de. (2002), *A contribuição italiana para a formação do Brasil*; organização e tradução de Andréia Guerini. Florianópolis: NUT/NEIITA/UFSC.

Houaiss, Antônio et al. (2001). *Dicionário HOUAISS da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Kiefer, Charles et al. (2002). *Pátria estranha – Histórias de peregrinações e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandria.

Machado, António de Alcântara. (1996). *Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China*. Rio de Janeiro: Artium.

Magno, Giuseppe. (1999). A importância e a contribuição dos italianos e descendentes no desenvolvimento brasileiro: Teresa Cristina. *Italiãmica*, n.4.

Mariz, Vasco. (2000). *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Martinet, André. (1967). *Eléments de linguistique générale*. Paris: A. Colin.

Mendes, Murilo. (1970). *Convergência*. São Paulo: Duas Cidades.

Michaelis. (1998). *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

Moreira Neto, Carlos Araújo. (1983), Presença de italianos no processo histórico brasileiro. In: Ribeiro, Berta et al. *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Index.

Nascentes, Antenor. (1955). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. vol. I. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

Oliveira, Lillian Manes de. (2010). *Non ti scordar di me*: presença de italianismos no português do Brasil. São Paulo: Annablume.

Orlandi, Eni Pulcinelli. (1988), *Política linguística na América Latina*. Campinas: Pontes.

Payer, M. Onice. Memória da língua e ensino. (2002) Modos de aparecimento de uma língua apagada no trabalho do esquecimento. In: *Encontro Nacional da ANPOLL*. Gramado.

Picchio, Luciana Stegagno. (1997). *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Pimenta, Reinaldo. (2002). *A casa da mãe Joana*. Rio de Janeiro: Campus.

Pozzenato, José Clemente. (2002). Não foi fácil. In KIEFER, Charles et al. *Pátria estranha*. São Paulo: Nova Alexandria.

Ribeiro, Berta et al. (1983). *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Index.

Ribeiro, Júlio. (1919). *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Rosa, João Guimarães. (2003). *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Salomão, Sônia. (2010). *Machado de Assis e a Itália*. O Globo, 23 jan.

Trigo, Luciano. (2002) Um modernista tardio. *O Globo*, 28 set.

Vainfas, Ronaldo. (2000). Um descobrimento suspeito. *Jornal do Brasil*, 22 abr.

Vanni, Julio Cezar. (2000). *Italianos no Rio de Janeiro*. Niterói: Comunità.

Ventura, Zuenir. (2003). Operação mãos-dadas. *O Globo*, 11 out.

Viaro, Mário Eduardo. (2011). *Etimologia*. São Paulo: Contexto.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (VOLP) (2009). Academia Brasileira de Letras. 5a. ed. São Paulo: Global

OBS.: Os periódicos estão citados por completo no corpo do trabalho.



## INOVAÇÃO LEXICAL NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: ASPECTOS MORFOSEMÂNTICOS

Inês MACHUNGO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Em Moçambique país multicultural e multilingue, coabitam línguas indígenas de origem bantu e a língua portuguesa, única língua oficial. Com a expansão do uso da língua portuguesa, assiste-se a mudanças em todos os domínios do sistema desta língua, em particular no domínio lexical. No presente estudo pretendemos descrever e analisar os processos morfosemânticos subjacentes à construção dos neologismos lexicais no Português de Moçambique (PM). Colocaremos em evidência que a construção de palavras novas baseia-se em ‘esquemas’ (Booij 2010) e que a ‘novidade’ exibida resulta fundamentalmente dos efeitos semântico-pragmáticos obtidos pela aplicação destes construtos linguísticos. A base de dados neológicos teve como suporte um corpus constituído por jornais, revistas e outros textos publicados na imprensa moçambicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismos; formação de palavras; morfologia; lexicologia

### 1. Introdução

Moçambique é um país multilingue onde coexistem línguas do grupo bantu e a língua portuguesa sendo esta a única língua oficial, língua da Administração, do Parlamento, do Sistema Nacional de Educação; é a língua dos media, televisão e rádio e exclusiva na imprensa escrita.

Apesar do quadro descrito, o português é falado como língua materna por apenas 6% da população e 39%, maioritariamente pessoas que habitam nas zonas urbanas, têm-no como língua segunda. Este quadro linguístico de línguas em contacto é propício para a ocorrência de mudanças linguísticas. Como referem Harris & Campbell (1995) o contacto linguístico é uma condição necessária para a intensificação e aceleração de processos de mudança linguística. A apropriação da língua portuguesa pelos moçambicanos, aquilo a que Firmino (2008) chama de ‘nativização do português de Moçambique’ é já um fenómeno observável, o embrião do futuro português de Moçambique.

Neste estudo analisarei fenómenos ligados à mudança lexical, em particular os novos itens lexicais que ocorrem na imprensa escrita moçambicana. Debruçar-me-ei sobre aspectos metodológicos ligados à obtenção de dados neológicos no contexto moçambicano, apresentarei os principais recursos morfosemânticos disponíveis e usados pelos falantes moçambicanos na criação de novas unidades lexicais e mostrarei que estes recursos se enquadram em “esquemas mentais” gerais de formação de palavras, residindo a ‘novidade’ nos efeitos semânticos obtidos pela incorporação de novos semas aos subesquemas de construção de palavras.

As unidades lexicais analisadas foram retiradas de uma base de dados de neologismos do português de Moçambique constituída a partir de um corpus de textos publicados na imprensa escrita moçambicana.

### 2. O método em neologia

Os estudos de neologia são recentes e a diversidade e controvérsia sobre os métodos de recolha de dados tem a ver com a ausência de uma abordagem integrada num quadro teórico consistente, estável e fiável.

O conceito de neologismo tem sido discutido por vários autores todos unânimes em considerar o neologismo como uma unidade lexical não realizada num estágio anterior da língua (Rey 1976). A problemática situa-se na identificação

<sup>2</sup> UEM, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Linguística e Literatura, Campus Universitário, Maputo, Moçambique. machungoines@aol.com

dessa unidade lexical nova: que critério adoptar para determinar o carácter neológico de um item lexical? A abordagem que tem sido usada em trabalhos sobre neologia tem sido a lexicográfica. Ancorada nos trabalhos de Guilbert consubstanciados em “La créativité lexicale” texto publicado em 1975, preconiza que a detecção de unidades lexicais novas consiste basicamente na identificação intuitiva dessas unidades, feita por um “falante-ouvinte ideal” ; estas unidades são depois confrontadas com um corpus de exclusão constituído por dicionários de língua e outras bases de dados lexicais. As unidades que não se encontrem registadas nos dicionários são consideradas neologismos:

*“L’attestation ou la non attestation dans le dictionnaire est fréquemment prise comme test de la nouveauté, avec une application simple: si la lexie figure dans le dictionnaire, elle n’est pas néologique, si elle n’y figure pas, elle l’est. (Sablayrolles 1996:15).<sup>3</sup>*

O critério lexicográfico embora aceite e usado na maioria dos trabalhos de neologia, apresenta fragilidades que podem enfermar os resultados obtidos. Por exemplo, o “sentimento neológico” do investigador é condicionado por factores de ordem linguística e extra-linguística (domínio de língua, inserção e estatuto social do investigador entre outros). Por outro lado os dicionários usados como corpus de exclusão não contêm todas as palavras de uma língua.

Estas deficiências apresentadas pela abordagem lexicográfica são acentuadas quando, como no caso de Moçambique, se propõe identificar neologismos em contexto linguístico diglósico em que a língua em observação não é a língua primeira dos falantes. Por outras palavras os problemas que se colocam na identificação dos neologismos do PM têm a ver com:

- o português não ser a primeira língua não só da fonte de informação, como dos investigadores, estando o “sentimento neológico” comprometido por este factor;
- não existirem dicionários<sup>4</sup> desta variante do português, pelo que o corpus de exclusão é constituído por dicionários do português europeu (PE) e do português do Brasil (PB) tendo como consequência que:

i - Unidades neológicas caíam em desuso sem que tenham sido dicionarizadas.

Exs. *xirico* – nome de pássaro usado como marca de rádio e por processo metonímico passou a designar qualquer rádio portátil. Com o desaparecimento do aparelho no mercado também a palavra deixou de ser usada.

*estrutura* – pessoa com posição de relevo na hierarquia administrativa. Esta palavra é actualmente pouco usada mas o derivado *estruturite* - usado para referir pessoas que têm a tendência de se relacionar apenas com figuras importantes da arena política e social do país - tem muita vitalidade.

*chapa cem* – de moeda de pagamento em transportes públicos passou a designar o próprio transporte; com recurso a um processo subtrativo de formação de palavras os falantes criaram o neologismo *chapa* e derivados *chapeiro* e *chapista*.

ii - Certos neologismos por serem muito usados não são sentidos pelos falantes como tal; muito embora este fenómeno não se circunscreva exclusivamente a contextos diglósicos torna-se exacerbado nesta situação. Por exemplo, a palavra “geleira” no PM tem como sinónimo ‘frigorífico’ no PE e ‘geladeira’ no PB. “frigorífico” no PM tem como equivalente “arca frigorífica no PE e PB. Porque os termos existem noutras variantes do português, os falantes do PM não se dão conta de que novos significados lhes foram atribuídos não ‘sentindo’ portanto estas palavras como novas.

iii - Existam zonas de sombra quando se pretende distinguir moçambicanismos de neologismos.

<sup>3</sup> “A atestação ou não no dicionário, é frequentemente tomada como teste de novidade, com uma aplicação simples: se a lexia figura no dicionário ela não é neológica, se não figura, é.” (tradução livre da autora).

<sup>4</sup> Esta situação tende a mudar pois já existem trabalhos lexicográficos sobre o PM. Veja-se por exemplo, Dias 2002 e 2009, Lopes et al. 2000, Machungo 2000, Mendes 2000 e 2010, Lindegaard 2009 e o recentemente criado “Observatório de Neologismos do Português de Moçambique” de que a autora é coordenadora.

Com o desenvolvimento da linguística computacional e da linguística de corpus algumas das questões acima referidas podem ser tratadas de modo menos arbitrário. Por exemplo, ainda que não existam dicionários impressos do PM, é possível criar em tempo reduzido, uma base de dados lexicais informatizada para esta variante que se assumirá como corpus de exclusão.

Assim, para a recolha e constituição do corpus e base de dados que serviu de fonte ao presente estudo, adoptei o método lexicográfico, por considerar que dos métodos disponíveis é o mais objectivo e fiável.

Os neologismos semânticos são aqui entendidos como aqueles em cujo processo de formação se evidenciam mais os aspectos semânticos isto é, na constituição de um neologismo semântico, opera-se uma modificação (que poderá ser por adição ou supressão) de pelo menos um dos semas que compõem a palavra. Pelas suas características, ou seja por na sua formação não obedecerem a esquemas derivacionais, os neologismos semânticos não se deixam tratar com recurso a esquemas construcionais pelo que caem fora do âmbito da análise que nos propomos realizar neste trabalho. Fazem parte deste grupo unidades lexicais como as que se seguem:

- *-vir* com o significado de ‘ir’, em que o sentido do movimento da deslocação é garantido pelo uso do advérbio *aí*.  
Ex: ‘Amanhã <venho> *aí* para cumprimentar a tua tia.  
O equivalente no PE seria ‘amanhã <vou> *aí* para cumprimentar a tua tia’.
- *parada* com o sentido de ‘de pé’.  
Ex: ‘...enquanto ao seu lado viaja <paradinha> uma velhota, um impedido físico’.  
*paradinha* neste contexto significa ‘de pé’.
- *Nação* com o sentido de ‘capital’.  
Ex: ‘...prepararam a OMM para receber os camaradas que vêm da <nação>’.  
Esta frase é equivalente a ‘...prepararam a OMM para receber os camaradas que vêm da <capital>’.
- *despachar* com o sentido de ‘vender’.  
Ex.: ‘...ela só queria <despachar> as roupas’.
- *Exigir* com o sentido de ‘pedir identificação’.  
Ex.: ‘...quando saímos da escola <somos exigidos>’.

### 3. Esquemas mentais na formação dos neologismos do PM

Várias tem sido as abordagens usadas na análise da formação de palavras, tomando como unidade base para a derivação *morfemas* ( Halle 1973), *palavras* Aronoff (1976), ou constituintes morfológicos tais como *radicais* e *palavras* (Corbin 1987, Villalva 2000, Rio-Torto 19 entre outros). Não discutirei aqui as implicações que cada uma das abordagens tem na análise dos neologismos do PM; apresentarei em linhas gerais o modelo adoptado e demonstrarei de que modo ele se revela adequado à descrição dos produtos objecto deste trabalho.

O modelo de morfologia construcional desenvolvido por Booij em particular o seu trabalho publicado em 2010 *Construction Morphology* apresenta dois aspectos que me parecem fundamentais quando se analisam produtos lexicais novos, a saber:

- os processos mentais que se operam na mente do falante quando produz palavras novas;
- como se podem descrever e representar tais processos.

Um dos conceitos base utilizados por Booij (2010) é o de *construção*<sup>5</sup> entendida como uma relação entre um “esquema” e a unidade lexical. Para Booij palavras como *trabalhar* - *trabalhador*, *fazer*-*fazedor*, etc. estão numa relação paradigmática que pode ser projectada na forma da estrutura morfológica interna da palavra. Assim, uma forma como ‘trabalhador’ tem a seguinte estrutura:

(1) [trabalha]<sub>RV</sub> dor]<sub>N</sub> ‘aquele que trabalha’

Na mente dos falantes, o conjunto de palavras que possuem idêntica estrutura interna, forma um esquema abstracto que pode ter a seguinte forma:

(2) [X]<sub>V</sub> dor] ‘aquele que V’

Este esquema explicita uma generalização sobre a *forma* e o *significado* de nomes deverbais em *-dor* listados no léxico, e pode constituir o ponto de partida para a formação de novas palavras em *-dor* a partir de verbos. Isto quer dizer que os novos nomes deverbais em *-dor* não são criados necessariamente por analogia com um determinado verbal em *-dor*, mas podem ser cunhados com base neste esquema abstracto. Através de uma operação de *unificação* pode-se criar uma palavra nova substituindo a variável X no esquema por um verbo concreto. No processo de aquisição de uma língua o falante começa por representar casos concretos de uso da língua e gradualmente o aprendente faz abstrações a partir de construtos linguísticos com propriedades similares, formando assim um sistema abstracto subjacente a esses construtos linguísticos. Contudo, nem todos os falantes fazem as mesmas subgeneralizações, estando estas dependentes do conhecimento lexical, que varia de falante para falante.

O esquema (2) da conta do facto de *-dor* ser um morfema preso, isto é, não ocorre na língua como uma palavra dado que não está listado no léxico. Por outro lado da conta também do facto de existirem outros constituintes com a mesma forma fonética de *dor* mas que não tem a mesma função do morfema preso. Este aspecto é garantido pelo facto de o esquema comportar a semântica a ele associado.

Uma vez formadas as palavras complexas e no caso de terem propriedades idiossincráticas e convencionalizadas ficam armazenadas no léxico da língua. Uma palavra torna-se convencional quando é escolhida pelos falantes de uma determinada comunidade linguística para denotar um certo conceito. Por exemplo, a palavra *cabritismo* derivada de *cabrito* é interpretada pelos falantes do PM como uma actividade ligada à corrupção, compadrio. A palavra *cabrito* foi extraída de um provérbio local segundo o qual ‘o cabrito come onde está amarrado’ querendo isto significar que as pessoas servem-se das posições que ocupam na hierarquia social e política para se beneficiarem a si próprios.

Os neologismos *urinador*, *personificador*, *politicador*, *penalizador*, podem ser incorporados no mesmo esquema (2). Já as formas *condor* e *fedor* por exemplo embora tenham como terminação uma forma fonética idêntica à de *trabalhador*, por não exibirem uma estrutura morfológica interna semelhante à de *trabalhador* não deverão ser analisadas e integradas neste esquema.

Vejamos o esquema que representa a nominalização deverbais em *-nte*:

(3) [X]<sub>V</sub> nte]<sub>N</sub> ‘aquele/aquilo que V’

Por analogia com formas como *falante*, *variante* os falantes formulam um esquema como (3) e criam neologismos em *-nte*, do tipo *concurante*, “aquele que concursa”, *litigante*, ‘aquele que litigia’, *perfilante* ‘aquele que perfila’ e *revelante* ‘aquele/aquilo que revela’. As formas neológicas produzidas não violam princípios de nenhum dos níveis hierarquizados de formação de palavras, a saber, nível fonológico, sintáctico e semântico.

<sup>5</sup> Corbin (1987) utiliza o termo construção numa acepção diferente da de Booij; para Corbin as palavras são construídas a partir de regras, estas têm portanto capacidade gerativa, servindo de input para a construção de palavras. As regras implicam um input e um output.

Os esquemas morfológicos tem as seguintes funções:

- expressam propriedades previsíveis de palavras complexas existentes;
- indicam o modo como novas palavras poderão ser formadas;
- estruturam o léxico de tal forma que as palavras complexas se estruturam em subs-listas.

Os esquemas propostos por Booij como próprio autor afirma, são similares às regras morfológicas de Aronoff representadas em (4)

(4)  $[X]_{V \rightarrow} [[X]_{V,er}]_N$  semântica: ‘aquele que Vs habitualmente, profissionalmente’<sup>6</sup>

Contudo, as regras preconizadas por Aronoff (1976) diferem dos esquemas em alguns aspectos fundamentais de que destacamos:

- as regras Aronovianas são sempre direccionadas a partir de uma fonte (source-oriented), isto é, toma-se uma palavra como base sobre a qual se processam operações morfológicas; os esquemas podem também ser orientados para o produto (output-oriented). Ilustrando este fenómeno Booij analisa palavras terminadas em *-ism* em inglês equivalente a *-ismo* em português que ocorre em palavras como *baptismo*, *autismo*, *anacronismo*, *metabolismo*, etc. nomes estes que denotam um fenómeno abstracto, cujo significado não é previsível porque não têm uma palavra de base correspondente. Ou seja, a base formal X não tem categoria lexical não tendo por isso entrada lexical. São radicais que só são identificáveis como parte de palavras complexas, sendo portanto idênticos a afixos. Este fenómeno pode ser capturado pelo esquema:

(5)  $[X^{3/4} \text{ism}]_{Ni}$  « [FENÓMENO, IDEOLOGIA, DISPOSIÇÃO, etc.]<sub>i</sub>

O esquema (5) não pode ser formulado como regra, dado que as regras exigem um input sobre o qual se operam mudanças morfológicas. Esta é uma das vantagens de se operar com esquemas ao invés de regras.

Um outro aspecto relevante que a abordagem por esquemas morfológicos ajuda a compreender é a assunção da existência de uma “herança - padrão” (Booij 2010) que está associada a uma análise morfológica por níveis. De acordo com este princípio nem toda a informação que é derivada de um nó superior está contida no inferior, por outras palavras uma propriedade constante da palavra-base pode não reocorrer na palavra complexa de que faz parte. Isto permite fazer generalizações e subgeneralizações acerca das propriedades das palavras no léxico.

O conceito de ‘herança - padrão’ permite-me analisar uma formação como *catembeiro* nos seus diversos níveis explicitando as relações que se estabelecem entre as várias formas. *Catembe* é uma vila cujos habitantes são denominados de *catembeiros*; os ferryboats que ligam a Catembe à cidade de Maputo designam-se de *catembeiros* sendo a mesma designação atribuída aos trabalhadores que operam nos ferryboats.

Para dar conta destas relações morfosemânticas existentes entre todos os derivados de Catembe, terei de postular a existência de um significado protótipo que constituiria o ponto de partida para a derivação dos outros significados e de um léxico hierarquizado que me permite estabelecer subesquemas para as diferentes interpretações:

(6)  $[N_i - \text{eiro}]_{N/A_j} \leftrightarrow$  [entidade envolvida em SEM]<sub>j</sub>



Esta análise revela polissemia de uma categoria morfológica que pode ser representada nos seguintes subesquemas:

<sup>6</sup> X= variável que representa uma sequência arbitrária de sons; V representa categoria lexical maior (N;V;A;P).

- (7) a.  $[[X]_{Ni} \text{eiro}]_{Nj} \leftrightarrow$  [ pessoa com alguma relação com SEM]<sub>j</sub>  
 b.  $[[X]_{Ni} \text{eiro}]_{Aj} \leftrightarrow$  [ habitante de SEM]<sub>j</sub>  
 c.  $[[X]_{Ni} \text{eiro}]_{Nj} \leftrightarrow$  [entidade com relação R com SEM]<sub>j</sub>

O esquema em (6) mostra as vantagens de uma abordagem em esquemas abstractos e hierarquias, pois permite fazer generalizações e ao mesmo tempo criar subesquemas que representam as diferentes interpretações dos produtos derivacionais.

Os esquemas abstractos associados ao processo de analogia na criação lexical também permite explicar casos como o de formações com outros formante como por exemplo *-gate*. Tal como Booij (2010) refere, Watergate foi um escândalo político/pessoal que ocorreu nos Estados Unidos da América a partir do qual muitas palavras em inglês foram formadas por analogia. Contudo, muito mais palavras se formaram em outras línguas incluindo no PM e já não é óbvio que seja a palavra Watergate que está na base destes neologismos. Os falantes encontraram algo de comum nas palavras formadas e fizeram uma generalização atribuindo ao formante *-gate* o significado de ‘escândalo político’ quando faz parte de um composto. A analogia e o esquema coexistem neste processo de formação de palavras que é produtiva noutras línguas e também exemplificado no PM.

- (8)  $[[X]_{Ni} [\text{gate}]_{Nj}]_{Nj} \leftrightarrow$  [escândalo político pertencente a SEM]<sub>j</sub>  
 Exs.: ‘...e apelide os seus escândalos sexuais de <Felíciogate>.’  
 “mondlanegate”<sup>7</sup>

#### 4. Breve caracterização de alguns neologismos do PM

Adoptando a classificação dos neologismos proposta por Boulanger (1983) apresentarei os principais recursos morfosemânticos utilizados pelos falantes moçambicanos na criação dos neologismos – prefixação, sufixação, e composição.

##### 4.1 Neologismos formais formados com base em construções que integram uma base e um afixo:

###### 4.1.1 Prefixação

Os prefixos que mais ocorreram no corpus analisado foram *des-* e *in-* incorporados nos esquemas abaixo.

###### 4.1.1.1 Prefixo *-des*

- (9)  $[\text{des} [X]_{N/V}]_{N/Vj} \leftrightarrow$  [acção contrária à de SEM]<sub>j</sub>  
 Note-se que o prefixo por não ser um item lexical não tem índice; a categoria sintáctica do produto derivacional mantém-se o que mostra que nos casos de prefixação a categoria sintáctica do derivado não muda. Este esquema da conta de neologismos como *desisolar*, *despressionar*

(10) O Governo Português<desisola> os rebeldes interferindo na contenda a favor de uma das partes.

(11) Os ganenses pareciam mais <despressionados>, muito mais à vontade.

Formações como *descapinar* ‘tirar o capim’ embora apresentem o formante *des-* não são considerados casos de prefixação dado que o derivado não contém informação semântica relevante.

<sup>7</sup> *mondlanegate* é um título que apareceu no jornal “O País” aquando do escândalo desencadeado pelo comportamento corrupto de um magistrado de nome Mondlane.

#### 4.1.1.2 Prefixo in-

(12) [in [X]<sub>NV/Ai</sub>]<sub>NV/Aj</sub> ↔ [negação, desprovido de SEM]<sub>jNV/Aj</sub>  
Exemplos: *indocumentar, inconseguimento*

(13) "...quando encontram alguém<indocumentado> prendem"

(14) "já vimos em tantos anos que a doença de "estruturite" é responsável pelo <inconseguimento> que o público mostra...."

Formações como *incientificação* podem ser analisadas postulando a existência de processos de unificação de esquemas que permitem analisar este tipo de palavras complexas sem precisar de recorrer a fases intermediárias, ou seja sem precisar de ter como base de formação de palavras lacunas acidentais (palavras possíveis mas não atestadas). Deste modo, tendo em conta que os esquemas de formação de palavras são abstractos, um determinado esquema pode unir-se a outro e formar um esquema mais complexo. Os esquemas tem vantagens sobre as regras pois as regras necessitam de um input para produzirem um derivado; tornar-se-ia difícil do ponto de vista formal formular duas regras que dessem conta do fenómeno. O derivado *incientificação* resultaria da unificação dos esquemas seguintes:

(15) [in-V]<sub>v</sub> + [V - çãõ]<sub>N</sub> = [in [V - çãõ]<sub>N</sub>

Os esquemas unificados mostram a capacidade que os falantes possuem de estabelecer uma relação directa entre a palavra de base e a palavra complexa. Um esquema do tipo de (15) permite igualmente dar conta de processos de parassíntese, como nos evidenciam os neologismos *enlonar* (colocar sob lonas) e *amodestar* (tornar modesto) que não são objecto de análise neste estudo.

### 4.1.2 Sufixação

#### 4.1.2.1 sufixo -ar

O sufixo verbalizador *-ar* é dos mais produtivos no corpus analisado e por ser semanticamente vazio combina-se com outros sufixos verbalizadores nomeadamente os sufixos *-iñc-* e *-iz-*. As estruturas resultantes desta combinação constituem as bases para a junção dos sufixos *-çãõ* e *-mento* que também são igualmente produtivos; produtividade é aqui entendida em termos de grande número de ocorrências. Uma das razões que se podem apontar para o elevado número de ocorrências dos sufixos *-çãõ* e *-mento*, tem a ver com o facto de tal como o sufixo *-ar*, estes serem semanticamente vazios o que reduz as restrições semânticas de co-ocorrência com as bases que seleccionam. O sufixo *-çãõ* estatisticamente ocorre mais vezes e particularmente com os sufixos *-iz-* o que tem a ver com o número crescente de verbalizações denominais em *-iz-*. Resultado idêntico foi encontrado por Basílio (2008) para o Português do Brasil. O esquema morfológico associado ao sufixo *-ar* está representado em (16).

(16) [X] - ar]<sub>vj ↔ [V relacionado com SEM]<sub>j</sub></sub>

Em que X pode ter as categorias sintácticas de N,A,V e interjeição.

(17) "...durante a greve os estudantes começaram a <confusionar> e a polícia teve de intervir."

(18) "... os jovens...queixavam-se dos preços e da falta de dinheiro e um deles <oxalava> que a PRM reforce o cerco contra os ladrões de carteiras".

No corpus analisado a adjunção do sufixo *-ar* a bases verbais também ocorre quando esta base é um empréstimo: *pahlar<sub>v</sub>* - deverbais formado a partir do verbo do Xichangane *kupahla*<sup>8</sup>

(19) "... a família Mazive foi <pahlar> no terreno dos contedores.  
*txovar<sub>v</sub>* - deverbais formado com base no verbo do Xichangane *kutxova* 'empurrar'.

(20) "...o carro não pegava, então tivemos que <txovar>...."

#### 4.1.2.1 Sufixo -çãõ

O sufixo *-çãõ* ocorre no seguinte esquema:

(21) [X] - çãõ]<sub>vj ↔ [acção, processo relacionado com SEM]<sub>jN</sub></sub>

(22) "<Frelimização> na FMF?."

(23) "...disse-me ela num inglês quebrado "it's like Disneyland". Fiquei a pensar nisso. A <disneyficação> da religião."

(24) "...instrumento de humilhação e de <fantochenização>".

#### 4.1.2.2 Sufixo -aria

(25) [[X]<sub>Nj</sub> - aria]<sub>Ni ↔ [quantidade/local/actividade/conjunto de Y relacionado com SEM]<sub>jNi</sub></sub>

Esta abordagem associativa de nomes locativos, de actividade e quantidade baseou-se numa reflexão feita por Rio-Torto (1998); a autora refere que:

"alguns deste nomes que têm em comum um conteúdo locativo e de actividade não excluem de todo os semas de quantidade, uma vez que o local onde se exerce uma actividade relacionada com determinada matéria ou produto pressupõe a existência desta/e em grande quantidade. (Rio-Torto 1998:196).

Assim *sograria, cunhadaria, verboaria, vozearia, cabelaria*, enquadram-se nos seguintes subesquemas:

(26) [[X]<sub>Nj</sub> - aria]<sub>Ni ↔ [conjunto de Y relacionado com SEM]<sub>jNi</sub></sub>

(27) "...<cunhadaria> é sempre <cunhadaria>, não dá para confiar".

(28) [[X]<sub>Nj</sub> - aria]<sub>Ni ↔ [local/ conjunto de Y relacionado com SEM]<sub>jNi</sub></sub>

(29) "... onde a linhagem é matriarcal, o homem tem de ir viver para a <sograria>.

(30) [[X]<sub>Nj</sub> - aria]<sub>Ni ↔ [quantidade de Y relacionada com SEM]<sub>jNi</sub></sub>

(31) a. "...como se não bastasse suportar a zaragataria e <verboaria> típicas."

<sup>8</sup> cerimónia em que se invocam os antepassados para pedir protecção.

- b. “ ...esta até nem fala, nós é que nos encarregamos de fazer propaganda a seu favor como se o trabalho fosse tanta <verboaria>”.

(32)  $[[X]_{N_j} - \text{aria}]_{N_i} \leftrightarrow [\text{local/actividade de Y relacionado com SEM}]_{N_i}$

(33) “Vou à <cabelaria>”.

### 4.1.2.3 Sufixo -ista

O sufixo *-ista* ocorre com radicais nominais e as bases com as quais coocorre são semanticamente heterogêneas. Os produtos derivacionais em que o sufixo se integra referem-se a entidades com o traço [+hum] e que podem ser parafraeados por ‘aquele que Nbase’. A relação entre o derivado e o nome da base pode ser parafraçada recorrendo ao uso de diferentes expressões/verbos:

- (34) a. O *comboista/chapista* guia comboios/chapas  
 b. O *agriculturalista* faz agricultura  
 c. o *frelimista* é um adepto da FRELIMO

Não existe regularidade semântica entre os verbos/expressão, *guiar*, *fazer* e *ser adepto de* usadas para expressar a relação entre os derivados e derivantes. De acordo com (Dell 1970) estes derivados devem ser analisados como idiossincráticos. Analisarem-se estas formações como idiossincráticas não é desejável pois haveria muitas idiossincrasias na língua. Teríamos uma análise mais sustentável e plausível se considerarmos um esquema mental que englobe as várias significações associadas aos verbos que servem para produzir as paráfrases.

(35)  $[X - \text{ista}]_{N_i} \leftrightarrow [\text{pessoa com habilidade, fenómeno, ideologia, disposição Y}]_{N_j}$   
 Se  $X = N_j, A_j$  então Y está relacionado com SEM<sub>j</sub>

A provisão condicional deve-se ao facto de se X for um N ou um A o semantismo da base ser determinante no semantismo de derivado. Se em alguns casos a análise semântica é transparente ou seja se em *chapista* podemos afirmar sem ambiguidades que “é uma pessoa que guia chapas” (minibus), noutros como no caso de *kadafista* não deve ser interpretado como uma pessoa com habilidade para Xbase, mas uma pessoa que adere aos ideais de Kadafi (Booij, 2010).

- (32) a. “... os <kadafistas> avançam em direcção a Bengazi...”  
 b. “O patrão do <chapista> vai mandar consertar o carro”.

### 4.1.2.4 Sufixo -ismo

O sufixo *-ismo* tem sido descrito em gramáticas de língua como sendo associado a bases para designar doutrinas políticas, filosóficas, religiosas, literárias etc. No corpus analisado este sufixo tem uma elevada percentagem de ocorrências e é usado para expressar significações que dependem do semantismo da base. O sufixo subcategoriza bases nominais, adjectivais, verbais e adverbiais como ilustra o esquema e exemplos que se seguem:

(33)  $[X - \text{ismo}]_{N_i} \leftrightarrow [\text{fenómeno, ideologia, disposição...}]_{N_j}$   
 em que X pode ser um  $N_j, A_j, V_j, Adv_j$  cujo significado está relacionado com SEM<sub>j</sub>.

- (34) a.  $[\text{cout}]_{RN} \text{ismo}]_N$ <sup>9</sup>  
 b.  $[\text{apadrinh}]_{RV} \text{ismo}]_N$

9 Derivado do gentílico Couto

- c.  $[\text{defecal}]_{RA} \text{ismo}]_N$   
 d.  $[\text{mal}]_{RAAdv} \text{ismo}]_N$

## 4.2 Neologismos não formais

Nesta breve caracterização das novas unidades lexicais derivacionais presentes no PM faremos menção ao processo de importação de palavras por se tratar um dos recursos disponíveis no enriquecimento do acervo lexical desta variante do português. Consideraremos vários dos aspectos ligados à importação de palavras, em particular:

**4.2.1** Incorporação no PM de uma unidade lexical proveniente de um outro sistema linguístico cuja estrutura gramatical é diferente do da língua importadora, neste caso o português. As línguas que mais contribuem para o aumento do manancial lexical do PM são sem dúvida as línguas bantu, e depois o inglês. As línguas bantu transportam consigo toda uma vivência e práticas socioculturais ausentes no sistema léxico-semântico do português.

*Txova-xi-ta-duma* é uma expressão que significa ‘empurra que vai andar’. Por transferência semântica passou a designar ‘carrinho de mão usado para transporte de bens’; esta expressão sofreu um processo de redução dando origem à forma *txova*. Hoje usa-se o termo *txova* com múltiplas significações embora estejam todas ancoradas no sema ‘empurrar’. É comum empregar-se o nominal *txova* ou o verbo semi - integrado no sistema morfológico do português *txovar*, em substituição de *ajudar* (35) ou de *bater* (36)

(35) ‘...dás-me uma *txova*?’

(36) ‘...depois da discussão ainda lhe *txovou* bem’.

Casos há em que a mesma realidade sociocultural é expressa por palavras diferentes importadas das línguas bantu usadas nas várias regiões linguísticas do país. Por exemplo, *dumba-nengue*<sub>N</sub> é uma palavra importada da língua Xichangane, falada na região sul do país, para designar ‘mercado informal’. A mesma realidade é expressa na zona centro, cuja língua dominante é o CiSena, pela expressão *txunga-moio*.

**4.2.2** A adopção e generalização de palavras importadas. Por exemplo, o nominal *xima* foi importado da língua Emakhuwa no português e por via do português se generalizou tornando-se parte do vocabulário comum dos Moçambicanos em praticamente todas as regiões do país.

São muitos os empréstimos lexicais que estando integrados no PM, constituem base para processos derivacionais. Tal é o caso de:

(37) mukherista	$[\text{mukher}]_{RN} \text{ista}]_N$	‘mulher que se dedica ao comércio informal’.
dumbanenguista	$[\text{dumbanengu}]_{RN} \text{ista}]_N$	‘vendedor no dumbanengue’.
bacelinha	$[\text{bacel}]_{RN} \text{inha}]_N$	‘pequena bacela’ <sup>10</sup>
timbileiro	$[\text{timbil}]_{RN} \text{eiro}]_N$	‘tocador de timbila’
canhoeiro	$[\text{canh}]_{RN} \text{eiro}]_N$	‘árvore do canhú’
kanganhiceiro	$[\text{kanganhic}]_{RV} \text{eiro}]_N$	‘aldrabão’

É contudo na formação de verbos onde se registam mais itens lexicais importados de línguas bantu: *kenhar* ‘pontapear’, *nholar* ‘contar até que os parceiros de jogo se escondam todos’, *navelar* ‘invejar’, *txovelar* ‘pôr o pão no molho’, *txuelar* ‘chegar atrasador’, *txaiar* ‘bater’, *belecar* ‘pôs o bebé nas costas’, *bulabular* ‘falar muito, fofocar’.

10 Kubasela é um verbo que significa dar de oferta ao comprador, parte do produto comprado.

## 5. Considerações finais

O estudo ora apresentado pretendeu sistematizar alguns dos processos de criação lexical usados pelos falantes moçambicanos; analisei em particular processos formais de construção de palavras. A análise destes processos ancorada em esquemas morfológicos revelou que a inovação lexical não é caótica, que os falantes não armazenam listas de palavras nas suas mentes, possuem um conjunto de esquemas construídos com base em analogias e a partir destas formulam generalizações morfológicas.

Este estudo procurou também mostrar que os falantes do PM não possuindo um acervo lexical extenso, tem uma competência morfo-lexical poderosa que lhes permite formular esquemas morfológicos complexos e inteligíveis para qualquer falante do português.

## Referências Bibliográficas

- Booij, Geert. 2010. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- Boulanger, Claude. 1983. Néologie et terminologie. *Néologie en marche*. Montréal. 4-128.
- Dell, François. 1970. Les règles phonologiques tardives et la morphologie dérivationnelle du français. Dissertação de doutoramento. MIT.
- Firmino, Gregório. 2008. Processo de transformação do Português no contexto pós-colonial de Moçambique. [http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=83&Itemid=69](http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=83&Itemid=69).
- Guilbert, Louis. 1975. *La créativité lexicale*. Col. Langue et Langage. Paris: Larousse.
- Harris, A & Campbell, L. 1995. *Historical syntax in cross linguistic perspective*. Cambridge. CUP.
- Rey, Alain. 1976. Néologisme: un pseudo-concept. *Cahiers de lexicologie*. Paris: Institut Nationale de la Langue Française. Vol. XXVII. 1-3-17.
- Rio-Torto, Graça. 1998. *Morfologia Derivacional: teoria e aplicação ao português*. Coleção Linguística. Porto: Porto Editora.
- Sablayrolles, Jean-François. 1996. Néologisme et nouveauté(s). *Cahiers de lexicologie*. Paris: Institut Nationale de la Langue Française. p.5-42

## A POESIA DA PALAVRA-VALISE

Carlos Augusto NOVAIS<sup>11</sup>

**RESUMO:** Elabora-se uma leitura crítica da *palavra-valise*, pedra angular da construção textual do romance-ideia *Catatau*, de Paulo Leminski, na sua radical experimentação lexical. Carregando a fama de ininteligível, o livro, publicado em 1975, permanece restrito a um pequeno grupo de apreciadores e/ou especialistas. No caso da *palavra-valise*, os efeitos estéticos de linguagem nela presentes favorecem os jogos de palavras, trocadilhos e a multiplicidade de sentidos em breves doses poéticas. As idéias se acumulam em camadas, reverberam-se nas analogias dos sons, detonando um campo de significação plural. A partir da distinção entre *neologismo na língua* e *neologismo literário*, chega-se a uma definição possível da *palavra-valise* e à identificação de suas características morfológicas e funcionais. Considerando a ausência de referências desse processo neológico na maioria das gramáticas em língua portuguesa, parte-se para a elaboração de uma possível taxionomia dos diversificados processos de formação da *palavra-valise*. Estabelecem-se seis critérios básicos (classes gramaticais das bases, modos de combinação, quantidade, arranjo sonoro, métodos de composição, resultados semânticos), com a identificação de quatorze tipos diferentes. A explicitação dos seus recursos, com ênfase no *método ideográfico* de composição, conjugada às descrições dos mecanismos morfológicos e sintáticos utilizados (regulares e inventados), ao lado do destaque de seu caráter poético, constitui-se numa interessante ferramenta auxiliar de leitura do *Catatau*.

**PALAVRAS-CHAVE:** neologismo literário; palavra-valise; literatura experimental; método ideográfico; montagem.

## A palavra-valise como recurso literário

A *palavra-valise* assume no discurso do *Catatau* uma importância radical na organização de sua composição. O conceito de *dominante*, desenvolvido pelos formalistas russos, parece se aplicar, neste caso, com muita propriedade. Jakobson (1983:485) o define “como sendo o centro de enfoque de um trabalho artístico: ele regulamenta, determina e transforma os seus outros componentes. O dominante garante a integridade da estrutura”. Segundo reconhece o próprio Leminski (2001:48), a *palavra-valise* “desempenha papel principal” na composição do *Catatau*. Sua presença, intensa e extensiva, contamina a organização textual, provocando a exacerbação de um tipo de escrita, mais encontrável na prosa moderna, que poderíamos classificar de *divergente* (texto de invenção), em relação a variações narrativas mais comumente reconhecíveis. Derek Attridge (1992:348), em estudo dedicado ao *Finnegans Wake*, de James Joyce, romance-emblema que também faz uso intencional desse procedimento, registra:

Nós já aprendemos a aceitar os romances sem enredos firmes ou personagens consistentes, romances que fundem períodos históricos ou submergem a presença autoral, até mesmo romances que fazem trocadilhos ou aliteraões; sessenta anos após suas primeiras aparições, porém, o romance – se ainda se pode chamá-lo de romance – que faz da palavra-valise a pedra angular de seu método, permanece uma presença perturbadora nas instituições da vida literária.

Leminski tinha nítida consciência desse desvio operado na ideia habitualmente aceita de romance. Ecoando uma atitude que se mostrou presente no interior de certa crítica, e mesmo entre diversos autores na virada e nas primeiras décadas do século passado, chega a comentar a possível “morte” do romance. Numa entrevista concedida ao jornal artístico-cultural *Nicolau*, de Curitiba (Ano III, n.19), fala sobre a “mentira” que consistia em escrever um romance nos dias atuais:

Essa visão redonda do século XX acabou. O romance não é um ícone do século XX. Os grandes romancistas

<sup>11</sup> UFMG/Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Av. Antônio Carlos 6627, Campus Pampulha, CEP 31270-901. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. carlosanovais@yahoo.com.br

do século XX nasceram no século XIX. Kafka, Thomas Mann, Joyce fizeram a cabeça um pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Seu universo era do século XIX. Escritores com a cabeça feita no século XX não são capazes de escrever um romance. São produtores de mensagens do século XX. O romance não é mais possível.

Obviamente, ele falava de certo tipo de romance. Nas narrativas tradicionais e mesmo em grande parte das modernas, a constituição dos sentidos se faz, geralmente, de maneira gradual, *convergente*, a partir do acúmulo de sequências narrativas; no romance-ideia *Catatau*, os sentidos se realizam como estilhaços, relâmpagos, de modo surpreendente e desconexo. Nele, tendo em vista a polissemia constituinte da *palavra-valise*, que não permite a fixação do sentido, contaminando, inclusive, as significações ao seu entorno, novidade acaba gerando mais novidade, frustrando continuamente a expectativa do leitor. Assistimos, portanto, a uma mudança não só de perspectiva e de método, mas também, e principalmente, da própria concepção de gênero e de literatura. Prosa e poesia se fundem e a conceituação de literatura tem seus contornos e limites deslocados. O texto inventivo, de caráter experimental, está sempre a exigir novos padrões de leitura, de reconhecimento e de legitimação.

Aqui, talvez, seja necessário um breve comentário a respeito dessa questão. Diferentemente de uma visão essencialista da arte, que a pressupõe como pré-existente à sua própria determinação, o que o texto de invenção evidencia está de acordo com outra perspectiva teórica, que reconhece a arte e a literatura como representações culturais, portanto, elementos fundamentalmente institucionais, de características históricas, isto é, dependentes das circunstâncias que as possibilitam e produzem.

Dessa perspectiva, os conceitos de arte e literatura são compreendidos como estando sempre vinculados a uma determinada “poética”, a um código de normas, traduzido em um conjunto de acordos implícitos, temporários, estabelecidos pela comunidade que os elaboram. Vários, nesse caso, são os mecanismos, processos e entidades de validação institucional, que compõem o chamado “sistema artístico”. Entre eles, destacam-se os próprios artistas e escritores, a tradição, o cânone, os agentes e instrumentos pedagógicos, as academias, os museus, os prêmios, o mecenatismo estatal e privado, os canais de divulgação, os críticos e ensaístas, os curadores, enfim, o mercado artístico-literário propriamente dito, envolvendo os editores, *marchands*, distribuidores, revendedores e o público consumidor.

Segundo Compagnon (1999:46), toda tentativa de estabelecer uma conceituação conclusiva de literatura, ou mesmo de formular eventuais critérios definitivos de *literariedade*, acaba sempre numa “inevitável petição de princípio”. Com isso, ele quer dizer que a definição de sua natureza, que é o que as diferentes teorias procuram fixar, já é naturalmente criada e pressuposta pelos próprios argumentos explicativos. Estamos irremediavelmente encerrados numa circularidade da proposição, na habitualidade de uma poética.

Assim, o que toda obra inventiva realiza, no limite, é a contestação de certos hábitos estético-conceituais enraizados em determinados padrões de gosto vigentes, sua consequente superação e a proposição de outra poética, ancorada em novos processos supostamente mais adequados à sensibilidade contemporânea.

Em estudo introdutório à antologia de algumas traduções da poesia de Ezra Pound, no item destinado aos *Cantos* ou *Cantares*, caracterizados por H. Kenner de “épica sem enredo” (*apud* Campos, H., 1985:145), Augusto de Campos (1985:34) registra:

A narração de índole fragmentária, alógica, atemporal, descontínua, e portanto econômica e ecumênica (ao contrário da narração uniforme e contínua, casuisticamente desenvolvida), se impõe como o método formal adequado para a mente contemporânea, habituada, pelo desenvolvimento tecnológico dos meios de reprodução e de comunicação, a digerir o máximo de informação no mais breve espaço de tempo.

Tendo por horizonte essa concepção artístico-literária, o texto do *Catatau*, de acordo com Leminski (1989:210), “procura gerar a informação absoluta, de frase para frase, de palavra para palavra: o inesperado é sua norma máxima”.

Ele é, desse modo, um texto mutante. O princípio da montagem da *palavra-valise*, associado a uma compreensão da linguagem como um vir a ser ilimitado, conduz sua composição estrutural. Os mecanismos de criação das *palavras-valise* orientam os processos de elaboração das sentenças que, por sua vez, indicam os princípios de organização textual. Texto-labirinto que aparenta se auto-produzir, num devir performativo, numa deriva rigorosa.

A *palavra-valise* participa desse percurso, atuando também na desnaturalização da narrativa, ao romper com alguns implícitos e habituais “protocolos” padronizados de leitura, que privilegiam um pretense caráter referencial da linguagem ficcional. Tal situação não só faz deslocar os alicerces metafísicos pressupostos na linguagem, como também evidencia os códigos estéticos do “*Catatau*”, seus procedimentos construtivos, enfatizando, sobretudo, sua inclinação metalinguística.

O estranhamento provocado por ela em relação ao léxico convencional, aliado à força criadora do acaso, faz dela um elemento perturbador da linearidade lógico-discursiva, presente em nossa herança linguística indo-européia. Nesta, a lógica ocidental, caracterizada pela “lógica da identidade” e pelas concepções correlatas de “substância”, “atributo” e “causalidade”, se realiza em sua gramática. Esse modelo, aristotélico e também cartesiano, é posto em xeque pelo processo de elaboração da *palavra-valise* que se estrutura tendo por base o método ideográfico de composição, de caráter predominantemente relacional e não-causal, presente, por exemplo, na língua chinesa.

Campos (2000:84) comentando o estudo de Chang Tung-Sun a respeito das lógicas que presidem as línguas ocidentais e a chinesa, confirma:

O tipo tradicional de proposição sujeito-predicado é ausente da lógica chinesa, assim como a idéia de substância é estranha ao pensamento chinês, não ontológica por natureza [...] Em lugar de uma “lógica da identidade”, o pensamento chinês responderia a uma “lógica da correlação” ou da “dualidade correlativa”, onde os opostos não são excluídos, mas integrados numa inter-relação dinâmica, mutuamente complementar.

Diante do que foi até aqui exposto, podemos caracterizar o texto do *Catatau*, tomando por empréstimo a expressão cunhada por Antônio José Saraiva (1980:30), para nomear um aspecto do discurso engenhoso do Padre Antônio Vieira, de “discurso lexicológico”. Um discurso que faz da *palavra-valise* o foco irradiador de sua estrutura composicional.

### O neologismo literário

O conceito de *neologismo literário* é utilizado por Rifaterre (1989:52) em contraposição ao de *neologismo na língua*. Segundo ele, enquanto este “é forjado para exprimir um referente ou um significado novo”, dependente de uma “relação entre palavras e coisas” (representação inteligível de uma idéia), o *neologismo literário* “ao contrário, é sempre captado como uma anomalia” e vinculado a relações situadas “inteiramente na linguagem” (produção de um efeito estético).

Outros aspectos diferenciais que se apresentam entre esses dois modos são: a aceitabilidade do neologismo pelo grupo linguístico a que se destina, a sua posterior inserção no léxico e a sua dimensão semântica. No caso do *neologismo na língua*, sua difusão a partir do uso recorrente em novos processos de comunicação é que lhe dá legitimidade como unidade lexical, ficando passível, assim, de dicionarização. Para que isso ocorra, entretanto, deve tender para a monosemia (orientação unidirecional do sentido). Já o *neologismo literário*, polissêmico por natureza (orientação pluridirecional do sentido), tem sua recepção restrita a um contexto específico de enunciação, no qual se basta, dificultando, desse modo, seu registro como norma. Trata-se, portanto, de uma formação esporádica, válida para uma ocorrência discursiva particular.

Quanto aos seus processos de criação, o *neologismo na língua* segue, predominantemente, as regras dos processos regulares de formação de palavras reconhecidos e admitidos pelos padrões linguísticos vigentes, sem prejuízo, é óbvio, de algumas irregularidades já cristalizadas e de outras aceitas tacitamente por uma comunidade de falantes. Já o *neologismo literário*, por sua vez, tanto pode seguir as regras morfológicas tornadas padrão, quanto assumir deliberadamente novos mecanismos. Ficam destacadas, assim, sua singularidade estética, sua autonomia e sua liberdade. Conforme os processos por ele subsumidos, podemos reconhecer dois tipos distintos: um que optamos por denominar de *neologismo literário geral*, uma vez que adota processos de formação semelhantes aos admitidos pelo *neologismo na língua*, especialmente aqueles mais modelares (derivação e composição por justaposição); e outro, mais específico e imprevisível, que é a *palavra-valise*.

Do primeiro caso, temos, no Brasil, o exemplo profícuo de Guimarães Rosa, apresentando formações originais e sugestivas, oriundas de um uso inusitado das regras preferenciais para formação de palavras, tais como alterações na categoria gramatical das bases, transgressões prefixais e sufixais, e substituições de afixos já tornados convencionais, entre outros recursos. Do segundo, Paulo Leminski e o seu *Catatau*, que ora estamos analisando.

No estudo que realizou sobre a natureza e a constituição do *sentido*, tomando por referências a obra de Lewis Carrol, Gilles Deleuze (2003:46) trabalhou com o conceito de *palavra esotérica* para designar novas palavras inventadas ou antigas modificadas, em que suas significações tornavam-se obscuras, herméticas, propositalmente polissêmicas e indefinidas. Diversos procedimentos são por ele considerados, determinando-se seus vários tipos: da contração de elementos silábicos de uma ou várias proposições a alongamentos silábicos, perdas de vogais, entre outros. Este conceito coincide, a nosso ver, com o de *neologismo literário* referido acima, adotado por Rifaterre. Entretanto, essa referência vem aqui apresentada tendo em vista a definição de *palavra-valise* feita por Deleuze, comentada no próximo item.

### A Palavra-valise como neologismo literário

A *palavra-valise*, tradução da “portmanteau word” lewis Carrolliana, fruto do descompasso com os modelos, constitui-se, talvez, na possibilidade menos convencional de realização do *neologismo literário*. Sua primeira definição é formulada pelo próprio Carroll: trata-se de uma palavra nova que carrega dois sentidos dentro dela [“there are two meanings packed up in one word” (Carroll *apud* Leminski, 2001:43)]. Estamos diante, portanto, de um procedimento semelhante ao utilizado na língua chinesa (ou japonesa), destacado no já famoso ensaio de Ernest Francisco Fenollosa (1853-1908) intitulado *The Chinese Written Character as a Medium for Poetry*, editado, em 1919, por Ezra Pound: o método ideográfico de composição. Este texto foi traduzido entre nós por Heloysa de Lima Dantas e publicado por Haroldo de Campos, originalmente em 1977, ao lado de outros estudos.

Segundo esse procedimento, os sentidos de dois elementos que se somam não produzem um terceiro, mas apontam para uma relação fundamental entre ambos. De acordo com Campos (1972:58), “a ‘palavra-valise’ é quase que uma contraparte verbal do ideograma, ou seja, a reprodução do efeito do ideograma através da palavra, que já não mais secciona, mas incorpora em um ‘continuum’ os vários elementos da ação ou da visão”. Esta condição expandida (incorporação de mais de dois elementos) possibilita a convivência ilimitada de sentidos.

Aqui retomamos o referido estudo de Deleuze (2003), no capítulo em que procura especificar a singularidade da *palavra-valise*. Para ele, trata-se de um tipo especial das *palavras esotéricas* e a definição “segundo a qual ela contrai várias palavras e encerra vários sentidos, não passa de uma definição nominal” (p.48). Seria preciso, ele continua, acrescentar à palavra assim construída uma função específica, isto é, ela “não tem somente por função conotar ou coordenar duas séries heterogêneas, mas além disso introduzir nelas disjunções” (p.49). A definição de Deleuze se baseia, então, em dois critérios: um que se apóia no aspecto morfológico geral da *palavra-valise*, ou seja, a contração de vários sentidos; e outro que reconhece uma função específica para a síntese assim constituída, a de provocar disjunções, reduplicações, ramificações dos sentidos associados. Ele apresenta como exemplo uma palavra criada por

Lewis Carrol, “furiante”, assim justificada pelo seu autor:

Se vossos pensamentos se inclinam por pouco que seja do lado de fumante, direis fumante-furioso; se eles se voltam, ainda que com a espessura de um fio de cabelo, ao lado de furioso, direis furioso-fumante; mas se tendes este dom raríssimo, ou seja, um espírito perfeitamente equilibrado, direis *furiante*. (Carrol *apud* Deleuze, 2003:49)

Neste caso, de acordo com Deleuze (2003:49), a disjunção provocada pela *palavra-valise* não se estabelece, como pode parecer em um primeiro momento, entre suas bases constituintes, “fumante” e “furioso”. Ambas designam situações passíveis de existência conjunta. Na verdade, ela ocorre entre “fumante-e-furioso” e “furioso-e-fumante”. A *palavra-valise*, portanto, reduplica e ramifica os sentidos iniciais, realizando a chamada “síntese disjuntiva”. Neste exemplo, a amplificação dos sentidos torna-se ainda maior, tendo em vista a natureza das suas bases que podem assumir ambas, de acordo com a associação de sentidos imaginada, alternativamente, tanto a função de substantivo quanto de adjetivo. Assim, na hipótese “fumante furioso”, furioso funcionaria como adjetivo de fumante (substantivo), e, em “furioso fumante”, ocorreria o inverso, isto é, fumante passaria a adjetivo de furioso, agora substantivo (“o furioso que fuma”).

Segundo Deleuze, atendo-se apenas ao primeiro aspecto da definição, o morfológico, teríamos uma *palavra-valise* tão somente de modo acessório ou secundário. Sua realização plena se daria, entretanto, pela simultânea efetivação do seu aspecto funcional específico, o de “ramificar a série em que se insere” (p.49).

Nosso estudo contempla igualmente esses dois aspectos, porém amplia o primeiro, uma vez que outros processos de composição, além do de contração, são por nós identificados no texto do *Catatau*, e também podem cumprir semelhante função.

Outro analista desse poderoso mecanismo de irrupção de novos sentidos, Derek Attridge, em estudo realizado sobre sua utilização como procedimento orientador da organização do texto do *Finnegans Wake*, de James Joyce, reconhece duas outras dimensões no universo de sua atuação: sua condição de trocadilho e o parentesco sonoro presente em sua constituição. Para ele,

a palavra-valise desafia dois mitos que servem de base à maioria das suposições com respeito à eficácia da literatura. Como trocadilho, a palavra-valise nega que as palavras possam ter, numa dada ocasião, um único significado; e com os vários recursos de assonância e rima, nega que os padrões múltiplos de semelhança, ao nível do significante, sejam desprovidos de significado. (Attridge, 1992:348)

Esta segunda dimensão é também destacada por Michel Butor na sua análise do mesmo romance de Joyce, com ênfase na qualidade poética do processo de montagem básico da *palavra-valise*. Ao descrever esse procedimento, afirma:

para que a contração possa ocorrer, é necessário que haja entre as duas ou três palavras primitivas algumas letras ou sílabas comuns. A palavra contraída é pois, sempre, uma aliteração contraída. Ora, a aliteração, da qual a rima não é mais do que uma espécie, é o processo poético por excelência, já que ele consiste em fazer tender a linguagem para aquele ideal de coerência absoluta no qual som e sentido estariam enfim solidamente ligados por leis. (Butor, 1974:155)

De fato, este é o processo com frequência quase absoluta na composição da *palavra-valise*. O princípio da função poética da linguagem, proposto por Jakobson, o da superposição da similaridade à contiguidade, aqui se mostra de maneira evidente. Entretanto, como registraremos a seguir, outros mecanismos, além do de contração das palavras/bases primitivas, também comparecem e alguns, em menor número, é claro, não chegam a apresentar o compartilhamento de elementos sonoros. Na classificação das *palavras-valise*, que propomos mais à frente, adotamos um critério que leva em conta esse aspecto.



### Características do processo de formação da palavra-valise

Percorrendo algumas das mais importantes gramáticas da língua portuguesa, mais especificamente as seções reservadas aos estudos morfológicos e lexicais, não encontramos quase nada a respeito do processo de formação de palavras aqui denominado de *Palavra-valise*. Mesmo o pouco existente não dá conta da sua complexidade, eximindo-se de uma definição mais precisa, chegando, às vezes, a aceitá-la apenas como uma exceção. Algumas razões poderiam ser arroladas, tais como sua função normativa e descritiva, especialmente daquelas de caráter pedagógico. Talvez outro motivo seja o pouco prestígio, considerando-se sua fraca presença, desse procedimento na literatura canônica. Ou ainda, o próprio fato da *palavra-valise* não almejar a dicionarização, bastando-se aos contextos literários de onde emerge. Finalmente, talvez porque não seja mesmo da ordem da gramática, da ordenação, mas da expressão das pulsões inconscientes.

Diante desse fato, sentimos a necessidade de abordar com mais detalhes o processo de formação desse neologismo não convencional.

Fazendo uso, de modo geral, do diversificado processo de formação reconhecido como *Composição por Aglutinação* – contração de duas ou mais bases em uma só palavra gráfica, subordinada a um único acento tônico, na qual pelo menos uma das bases sofre modificações na sua integridade morfológica –, a montagem da *palavra-valise* pode agregar, ainda, outros recursos estranhos que contrariam os planos e normas consensuais, “outros processos de formação vernácula, difíceis ou impossíveis de sistematizar: obscuras analogias, intuição poética, espírito chistoso, vivacidade da imaginação” (Melo, 1975:225).

Pelos processos modelares de formação, uma nova palavra criada – o *neologismo na língua*, tem como resultado um outro significado previsto e realizado, também autônomo e independente, ainda que conseqüente dos elementos originais. Já pelo processo de montagem da *palavra-valise*, os sentidos dos primeiros elementos permanecem ecoando, reverberando novas significações, fluidas e híbridas. Daí sua identificação com o método de composição do ideograma. De um ponto de vista mais radical, esta característica dificultaria, ou mesmo impediria, a sua dicionarização. Quando isto ocorre, geralmente é porque um significado já se cristalizou, fechando-se a palavra em uma definição institucionalizada e familiar, apagando-se seu aspecto mais fulgurante de *palavra-valise*. É o caso, entre outros, da palavra “aguardente”, citada equivocadamente em algumas gramáticas como exemplo de *palavra-valise*. Na sua origem, certamente os sentidos de “água” e “ardente”, suas bases constituintes, se faziam presentes e atuantes, ao lado do novo sentido pretendido, o que poderia justificar tal exemplificação. Entretanto, após sua aceitação pela comunidade linguística como vocábulo novo e conseqüente dicionarização, ocorreu com ela o processo que se denomina de *desneologização*, eliminando-se aquele aspecto acima citado. A *palavra-valise*, como de resto o *neologismo literário*, portanto, é neologismo que permanece sempre neologismo, novidade que se mantém novidade. Caso contrário, ela se extingue.

Finalmente, deve-se ressaltar que, no processo de formação de algumas *palavras-valise*, nem sempre as palavras/bases participantes de sua construção ficam evidentes. É possível até que outras bases, embora não tenham sido previstas diretamente para a sua elaboração, fiquem sugeridas e/ou aludidas, tendo em vista a forma final atingida e/ou mesmo seu contexto. Estas, numa relação de comensalismo, também se agregam ao sentido ampliado da *palavra-valise*, de modo mais ou menos claro.

### Uma possível classificação das palavras-valise

A partir de diferentes critérios – classes gramaticais constitutivas, modos de associação das bases, processos de formação, quantidade de bases envolvidas, composição fônica e âmbito dos novos sentidos criados –, propomos algumas classificações possíveis para as múltiplas modalidades que as *palavras-valise* podem assumir. Deve-se ressaltar,

contudo, o caráter aberto e provisório dessa tentativa de taxionomia, considerando-se a particularidade do universo do discurso literário, que não sustenta uma normatividade discursiva. Cada ocorrência textual de certa maneira impõe suas próprias condições. Como diria Maiakóvski (1977:17), “não forneço qualquer regra capaz de transformar um homem em poeta e de o levar a escrever versos. Essas regras não existem. Poeta é justamente o homem que cria as regras poéticas”. Finalmente, registramos que todos os exemplos apresentados foram retirados do *Catatau* e que as modalidades não são excludentes, isto é, algumas palavras podem fazer parte concomitantemente de diferentes classificações.

Segundo as classes gramaticais das palavras/bases que as constituem, identificamos dois tipos básicos: a) as *palavras-valise paradigmáticas*, formadas por bases de mesma classe gramatical. Exemplos: “sensibilisca” (verbos: sensibiliza + belisca), “constatelação” (substantivos: constatação + constelação); b) as *palavras-valise sintagmáticas*, formadas a partir de bases de classes gramaticais diferentes, estabelecendo uma relação sintagmática entre elas. Exemplos: “alucilâmina” (adjetivo: alucinante + substantivo: lâmina), “irreversando” (adjetivo: irreversível + verbo: conversando).

De modo geral, o primeiro tipo aparenta ser mais produtivo, na medida em que efetua reduções sintáticas que favorecem a indeterminação das relações entre os significados justapostos. Seu laconismo e conseqüente caráter de sugestão incitam a imaginação e dela exige uma participação audaciosa e criativa. A função “disjuntiva” da *palavra-valise* fica, neste caso, mais evidente.

Segundo os modos de associação das bases, temos quatro situações diferentes: a) as formadas por interseção dos elementos, em que os sentidos das bases se mesclam, apresentando uma relação de natureza metafórica. Exemplos: “acasalha” (<agasalha + casa> possuem o sentido comum de proteção), “armandíbula” (<arma + mandíbula> têm em comum o fato de serem elementos que ferem); b) as por contigüidade, em que os elementos apresentam uma relação de natureza metonímica. Exemplos: “dansálias” [dança + sandálias. Metonímia: sandálias / pés (o calçado pelos pés que dançam)], “convicerversa” [conversa + vice-versa. Metonímia: o resultado pelo processo (vice-versa / diálogo: ato de conversar)]; c) as por adição dos elementos, quando os sentidos se somam, compondo um mesmo campo semântico. Exemplos: “cerpentauro” (serpente + centauro: figuras mitológicas), “sacrufilho” (sacro + filho + sacrifício + cruz: elementos da paixão de Cristo); d) as por oposição dos elementos, em que os sentidos se contradizem, formando campos semânticos antitéticos. Exemplos: “colopso” [antítese: positivo (colosso) x negativo (colapso)], “moluscofuscolaturas” [antítese: flacidez / imprecisão (molusco / lusco-fusco) x rigidez (musculaturas)].

Este critério de classificação evidencia o método ideográfico de composição, que instaura um novo modo de criação de sentido, diferente da forma lógico-linear tradicional. O ideograma não é simplesmente um símbolo ou imagem de um som, como as palavras que compõem as línguas fonéticas, mas um ícone, um desenho correspondente a uma idéia (conceito, processo ou qualidade). Sua forma primitiva é chamada de pictograma, reprodução gráfica estilizada de coisas e de relações entre elas. A combinação de pictogramas mais simples – o método ideográfico de compor propriamente dito – possibilita a representação de idéias complexas, impossíveis de serem “pintadas” graficamente. Esta passagem dos pictogramas simples para as imagens compostas tem força poética justamente, entre outras coisas, pela sua enorme capacidade sugestiva, a partir da junção de representações descontínuas. O método ideográfico, que está na base de formação do idioma chinês, e sua perspectiva estética informam os mecanismos de associação dos sentidos das *palavras-valise*.

Segundo o processo de formação, apresentam-se dois formatos básicos: a) aquelas montadas pelo processo de composição por contração, sem regras definidas quanto às modificações morfológicas das bases. Exemplos: “plantasma” [planta + fantasma = PL(ANTA) + f(ANTA)SMA; perda de elemento de uma das bases (“f” de fantasma) e compartilhamento dos elementos comuns (“anta”) na seqüência em que se encontram], “alfabábula” [alfabeto + fábula = ALFAB(eto) + (f)ÁBULA; perda de elementos por ambas as bases, no final de uma e no início da outra], “desembocaria” [desembocaria + provocaria = desemPROb(ocaria); inserção de uma sílaba de “PROvocaria” entre a segunda e terceira sílabas de “desembocaria” (tmese) e compartilhamento das letras finais]; b) por outros recursos

não passíveis de sistematização. Exemplos: “onteantem” (alteração da ordem das sílabas: as duas primeiras sílabas de “ANTEontem” se colocam entre a segunda e a última letras da quarta sílaba, ficando “onteANTEm”), “dansálias” (inversão de letras: “s” e “d” de “sandálias” são trocadas de posição, fazendo surgir a alusão a “dança”), “exerxésito” [inserção de elementos de uma base no interior de outra (tmese), compartilhamento de elementos comuns e perdas de elementos: “Xerxes” é inserido em “exército”, após a primeira sílaba, compartilhando com esta a sílaba “xer”; por sua vez, “exército” perde a letra “c”, cuja função sonora é exercida pelo “s” de “Xerxes”).

Este formato deixa clara a grande liberdade de composição admitida pelos neologismos literários, sua autonomia e alto grau de imprevisibilidade, bem como põe em evidência a capacidade criativa de seu autor.

Segundo o número de bases envolvidas em sua montagem, podemos dividi-las em dois grandes grupos: a) as *palavras-valise duplas*, formadas por duas bases. Exemplos: “aqualerolera” (aquarela + lero-lero), “esferiência” (esfera + experiência); b) as *palavras-valise múltiplas*, formadas por mais de duas bases. Exemplos: “milavrilhas” (mil + milagres + maravilhas), “debabelde” (debalde + babel + rebelde).

O primeiro grupo é considerado o mais comum, chegando mesmo a coincidir com a própria definição de *palavra-valise* formulada por Lewis Carroll. Entretanto, o segundo, prolonga seu efeito, multiplicando a possibilidade de expansão dos sentidos postos em contato.

Segundo a composição fônica das bases utilizadas, temos dois grupos: a) as de estrutura rímica ou contendo destacados efeitos sonoros. Exemplos: “antepasmados” (“antepassados” e “pasmados” compartilham a mesma sílaba PAS e a rima final em ADOS), “despêsames” (as duas sílabas finais de “desPESA” são coincidentes com as duas primeiras de “PÊSAmes), “dúplica” [temos o compartilhamento do encontro consonantal PL em “duPLo” e “sÚPLICA”; rima toante, em U, no início das três bases e toante completa (U, I, A) em “dÚVlDA” e “sÚPlICA]; b) as *palavras-valise brancas*, nas quais não se sobressaem aqueles jogos sonoros. Exemplos: “dimensura” (DIMENSão + largURA), “ninqual” (NINguém + QUAL), “quonde” (QUal + ONDE).

As do primeiro tipo são as mais típicas e, portanto, comuns. Ao contrário, as do segundo tipo são mais raras, podem ser consideradas quase como exceções, normalmente tendo as bases aproximadas em razão de participarem de um mesmo campo semântico.

Segundo o âmbito dos novos significados advindos da sua criação, temos dois tipos básicos: a) as *palavras-valise suficientes*, nas quais os significados resultantes advêm tão somente das bases utilizadas. Exemplos: “rumilhante” (ruminante + humilhante), “oferensa” (oferenda + ofensa); b) as *palavras-valise opulentas*, quando a composição final faz alusões, além dos significados oriundos das bases, a outras possibilidades de significados, admitidos pelo contexto e/ou pela morfologia da nova palavra. Exemplos: “levianta” (bases: levita + levanta; significado agregado, sugerido pela nova morfologia: Leviatã), “apariência” (bases: aparição + aparência; novo significado sugerido: experiência).

Se as do primeiro grupo já possibilitam as ramificações dos sentidos, as do segundo potencializam o procedimento ao expandir a palavra, fazendo com que ela não só contamine o seu entorno, mas seja também por ele intencionalmente contaminada.

Chegamos ao final de nossa categorização das *palavras-valise*. Como alertamos no início deste tópico, as classificações acima constituem uma primeira proposta de taxionomia desse procedimento tão profícuo de formação de neologismos literários. Sua riqueza expressiva pode ser comprovada na explicitação de seu caráter poético, a partir, principalmente, do método ideográfico contemplado em sua composição. Sua presença intensa e exaustiva no *Catatau*, de Paulo Leminski – cerca de 2.900 registros –, confirma a utilidade de uma proposta de classificação para compreensão da estrutura e dos modos de composição do referido romance-idéia.

## Referências Bibliográficas

- Attridge, Dereck. 1992. Desfazendo as palavras-valise, ou quem tem medo de *Finnegans Wake*? In: Nestrovski, Arthur (Org.). *Riverrun*: ensaios sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago. (Biblioteca Pierre Menard)
- Butor, Michel. 1974. *Repertório*. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Debates, 103)
- Campos, Augusto de (Org.). 1985. *Ezra Pound. Poesia*. Trad. Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünewald, Mário Faustino. 2. ed. São Paulo: Hucitec.
- Campos, Haroldo de. 1972. *A arte no horizonte do provável*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Debates, 16)
- Campos, Haroldo de (Org.). 2000. *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. 4. ed. São Paulo: EDUSP.
- Compagnon, Antoine. 1999. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. (Humanitas)
- Deleuze, Gilles. 2003. *Lógica do sentido*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Estudos)
- Jakobson, Roman. 1983. A dominante. In: COSTA LIMA, Luiz (Sel.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Leminski, Paulo. 2001. *Anseios crípticos 2*. Curitiba: Criar.
- Leminski, Paulo. 1989. *Catatau: um romance-idéia*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina.
- Maiakóvski, Vladimir. 1977. *Poética: como fazer versos*. São Paulo: Global. (Coleção Bases, 2)
- Melo, Gladstone Chaves de. 1975. *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*. 5. ed. rev. melh. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Rifaterre, Michael. 1989. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes. (Ensino Superior)
- Saraiva, Antônio José. 1980. *O discurso engenhoso: estudos sobre Vieira e outros autores barrocos*. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Debates, 124)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM DA INTERNET EM PORTUGUÊS E EM POLACO



Fonte: [http://quemtemmedodeportugues.files.wordpress.com/2010/08/cartum28\\_12\\_2009.jpg](http://quemtemmedodeportugues.files.wordpress.com/2010/08/cartum28_12_2009.jpg)  
Edyta JABLONKA<sup>12</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo comparar a linguagem usada pelos portugueses e polacos na Internet. Tendo em conta que esta problemática é muito vasta, decidimos limitar-nos ao estudo de alguns fenómenos e analisar as modificações no léxico. A Internet já está presente em vários campos da vida humana e está sempre a evoluir. Reconhecendo a sua grande importância no mundo contemporâneo, pretendemos descrever os fenómenos ocorrentes nos processos de modificação da linguagem empregue pelos utilizadores da Internet. O estudo incluirá alguns exemplos do „miguxês”, conhecido também como *pita talk* ou *pita script*, o nome dado a um socioleto usado por adolescentes portugueses e brasileiros. Em polaco este socioleto é determinado como „internetowy język młodzieżowy” („internetês dos jovens”) ou „młodzieżowy slang internetowy” („jargão juvenil de Internet”). O vocabulário de Internet desenvolveu-se da maneira tão rápida que já existem diferentes dicionários especializados em explicação dos vocábulos de Internet, também nasceu o fenómeno chamado „Netiqueta”, o conjunto de regras de comportamento na rede que determina como se deve realizar a comunicação entre os internautas. Com este estudo, esperamos contribuir para o desenvolvimento das pesquisas sobre a linguagem do século XXI e o seu funcionamento em Portugal e na Polónia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Internet; estrangeirismo; abreviatura; internetês; português.

Introdução

As novas tecnologias de informação e comunicação introduziram na vida quotidiana e profissional uma grande variedade de novas ferramentas, que, devido à sua eficácia, ganharam uma grande popularidade. Naturalmente, esse facto causou as consequências significativas nas mudanças na maneira como as pessoas comunicam entre si. Os meios técnicos como computador ou telefone móvel desempenham um papel importante, mas, com a sua ajuda, torna-se notável o facto de superar as barreiras naturais, podemos observar a diminuição do espaço e a sincronidade de contacto, a disponibilidade a qualquer tempo e em qualquer lugar, a capacidade de transferir grandes quantidades de informação, ricos recursos de meios de comunicação de massa, a transmissão de materiais audiovisuais, a escolha do contacto direto ou indireto, dependente das necessidades pessoais de cada usuário.

A Internet é um ambiente relativamente novo para a comunicação humana. No entanto, o comportamento na rede não é realmente muito diferente do tradicional, porque muitas vezes transferimos para lá o que já aprendemos, as regras e as formas de comunicação conhecidas. Quando na realidade virtual parecem ser insuficientes, desenvolvem-se os cânones mais adequados às características específicas da comunicação no ciberespaço, tais como: a redução da experiência sensorial (principalmente domina a forma de comunicação escrita); a flexibilidade de identidade e o anonimato (o internauta pode divulgar qualquer um dos componentes da sua identidade); e equalização de estatuto dos

usuários (o espaço virtual oferece os direitos iguais aos seus participantes, independentemente de raça, riqueza, estatuto social, etc.); a exibição de restrições espaciais (a distância física é irrelevante para a e-comunicação); o alongamento e espessamento de tempo (o movimento na rede é acompanhado por uma sensação subjetiva da passagem do tempo); o aumento da disponibilidade de contactos (pode-se comunicar com usuários individuais ou grupos de indivíduos); a possibilidade de um registo permanente de interação (contactos e conversas podem ser documentados na forma de arquivos); experiências de “buracos negros” (do inglês *black holes experiences*, quer dizer, situações quando o contacto é quebrado por um participante, o que por vezes causa reações negativas dos outros internautas).

A linguagem no mundo da comunicação foi e é de vital importância devido à sua versatilidade e capacidade de expressar os pensamentos abstratos. É um meio natural, direto e personalizado de comunicação. Na época do desenvolvimento de uma sociedade baseada em novos meios de comunicação, fala-se muito sobre o facto de que o progresso tecnológico pode destruir a linguagem. Acredita-se que a Internet, como um meio muito popular, tem um poder de formação de opinião enorme, por isso tem as ferramentas que dão à linguagem uma nova forma. No entanto, parece que as vozes alarmantes são um pouco exageradas.

A especificidade das medidas técnicas torna-se cada vez mais visível e cada vez mais comum nas alterações do idioma usado na comunicação *on-line*. Deve-se investigar se realmente podemos ver o impacto direto desses meios de comunicação às mudanças na língua. A linguagem da Internet é uma parte da língua amplamente utilizada e com uma longa tradição nacional. É uma parte integrante de um sistema complexo, o seu ramo em crescimento, e apesar dos seus aspetos controversos (como p. ex. palavras e primitivismos) não pode ser tratada como um fenómeno marginal. Desenvolve-se na linha da evolução relevante para a linguagem em geral. Neste confronto encontram-se as tendências gerais para manter a forma básica da língua e a tendência de adaptar a linguagem simplificada mais cómoda para os utilizadores. A linguagem da Internet é apenas um exemplo de tal conflito do equilíbrio e da sua deturpação, e este atrito é a sua oportunidade de desenvolvimento. A Internet oferece diversas ferramentas disponíveis para dar modo de vida aos meios de comunicação interativa, a comunicação síncrona e assíncrona. Elas permitem estabelecer a comunicação e a compreensão rápida entre as pessoas. Produzem uma convenção específica, cujas principais características são a velocidade, a dinâmica e a precisão de comunicação. Além destes requisitos, a Internet deve cumprir todas as funções básicas da linguagem, que deve ser usada para expressar sentimentos, fazer contactos sociais, fazer perguntas e acima de tudo, fornecer informações.

1. Comunicação na Internet

A comunicação interpessoal na Internet introduz uma série de mudanças na maneira de executar essas funções. Estas diferenças resultam das características específicas deste meio. A ferramenta fundamental de comunicação da Internet é a palavra escrita (em *e-mails*, chats, postagens nos fóruns), que tem uma função criativa. As palavras que fluem na Internet, têm a mesma natureza que as utilizadas numa conversa normal ou numa carta. A diferença está apenas na velocidade e na sincronia de interação. Assim, a comunicação na rede está destinada ao verbalismo escrito. Isto pode, às vezes, tornar-se um grande impedimento.

A especificidade da linguagem da Internet está no facto de que carrega tanto as características de língua escrita e de língua falada, quer dizer, utilizada principalmente na forma de escrita, tem os traços da língua falada.

Na comunicação linguística encontramos quatro códigos, que envolvem diferentes aspetos: auditivo (som), prosódico (entoação), cinético (gestos do falante e expressões faciais), elementos da proxémica<sup>13</sup> (que define a distância direta entre as pessoas). Na comunicação via Internet, usamos principalmente a linguagem escrita, limitando assim a comunicação

<sup>13</sup> „Comunicação proxémica é uma das abordagens em voga, trata do jogo de distâncias e proximidades que se entretencem as pessoas no espaço. Traduz os modos pelos quais nos colocamos e movemos uns em relação aos outros, como gerimos e ocupamos o espaço envolvente, considerada a presença do outro. São fatores relevantes a tal linha de análise a relação que os comunicantes estabelecem entre si, a distância espacial entre eles, a orientação do corpo e do rosto, a forma como se tocam ou se evitam, o modo como dispõem e se posicionam entre os objetos e os espaços, permitindo captar mensagens latentes. – (Fonte: <http://www.scribd.com/doc/8762690/Proxémica>)

<sup>12</sup> Jablonka, Edyta, UMCS, Instituto de Filologia Românica, Departamento dos Estudos Portugueses, Pl. M. Curie-Sklodowskiej 4a, 20-031 Lublin, Polónia, ejablonka@wp.pl.

com apenas um código. No entanto, vai-se desenvolvendo o processo de compensar as deficiências causadas por essa limitação: ele tem um sistema de signos para substituir a expressão do som e entoação (refletindo as emoções) e o comportamento não-verbal (refletindo a atitude). Há, portanto, uma necessidade de outra forma de expressão, que complementaria esta ausência de uma forma satisfatória. Esta função em algum grau foi assumida por *emoticons*. Eles são uma forma praticamente não-verbal de expressão, são um fenômeno localizado na ligação entre o discurso e o signo, não têm a forma das palavras, mas possuem a sua riqueza do significado. Ao mesmo tempo satisfazem o critério básico de uma linguagem moderna - a velocidade e a capacidade de informação.

A organização das palavras na comunicação na Internet também está subordinada a esses critérios. A estrutura proposicional completa da linguagem escrita, que constitui o seu privilégio, não se submete aos critérios de velocidade de transmissão. As estruturas devem ser substituídas por formas curtas, formas simplificadas, o que marcava o fraco desenvolvimento da linguagem. A simplificação vai mais longe: algumas expressões e até mesmo uma frase simples são substituídas por siglas (4U [for you] - para ti, para vocês) ou *emoticons* (: - # - boca fechada). Nas estruturas proposicionais parecem ser abreviaturas totalmente autorizadas, com base num registo simplificado, parece justificada também a rejeição de acentos, que prolongam o processo de entrada no computador. As mudanças simplificadoras muitas vezes tendem a persistir e expandir-se para comportamentos em outras línguas, tais como a língua falada coloquial, que já está a absorver as abreviaturas criadas, apreciando a resultante economia de tempo, o fenômeno que ainda vamos desenvolver na parte seguinte deste estudo. O ato da fala assume a forma de comunicação escrita mantendo a sua forma verbal. Isto é especialmente importante nas comunicações da Internet. No entanto, deve-se notar que a forma da escrita introduz as mudanças significativas na natureza da mensagem: fortalece a validade dos argumentos, aumenta o tempo de exposição da mensagem, muda a sua percepção, reforça o peso emocional das palavras, aumenta o número de interpretações possíveis, aumenta a quantidade de possíveis interferências no nível da descodificação, aumenta a importância do uso eficiente da língua escrita, aumenta o risco de interferência causada pela transmissão de hábitos de linguagem falada, altera os critérios de eficiência, provoca as mudanças nos hábitos linguísticos e comunicativos.

As formas de organização do texto, determinante do seu significado e do impacto sobre o leitor, assumirão as funções de mensagens não-verbais tradicionais, assim podemos descobrir nos textos os traços característicos seguintes: mensagem descritiva (ou mensagem sintética); seleção de frases marcadas emocionalmente; uso de diminutivos, aumentativos, uso do jargão, dialeto; erros de digitação, às vezes grande quantidade de erros; repetição; inclusão de imagens e emoticons; instalação de desenhos formados de sinais de pontuação; ligações e anexos com arquivos adicionais, imagens, materiais, miniprogramas e outras formas ilustrativas; outros elementos não diretamente relacionados com a linguagem que podem aparecer nas mensagens.

## 2. Linguagem da Internet

A observação da linguagem da Internet mostra que todas essas características se relacionam com este tipo de linguagem. Muito frequentemente temos na rede as combinações de sinais de pontuação ou siglas. Esta tendência não pode ser considerada como um defeito da linguagem da Internet – afinal, a língua de sinais há muito tempo evolui numa direção similar, embora não use os meios técnicos de comunicação. A linguagem da Internet pode, portanto, ser vista como uma tentativa de criar uma representação visual da comunicação sonora. Sublinha-se a consciência da necessidade de desenvolver os recursos linguísticos lexicais, especialmente durante as mudanças turbulentas na civilização. Não deve, portanto, ser surpreendente a tendência para desenvolver os recursos do idioma para formar novas palavras, alterar os significados das palavras e introduzir os empréstimos das línguas estrangeiras – neste caso o inglês, que para a Internet é uma língua natural. Em polaco e em português, o uso dos termos em inglês relativos ao computador e à Internet é uma necessidade. Apesar de muitas tentativas, a introdução dos termos nacionais está destinada ao fracasso. Com o desenvolvimento da informática em Portugal e na Polónia nos últimos anos, repara-se em grande número de neologismos na linguagem relacionada com as novas tecnologias, os novos objetos e fenômenos tais como *Facebook* ou *Twitter*. Alguns

termos possuem os seus equivalentes, portanto, sob a influência do inglês, os empréstimos são muito mais populares do que as palavras polacas correspondentes, p.ex. *justować*, um neologismo que substitui o verbo polaco „wyrównać” (ajustar). Alguns termos entraram na realidade portuguesa e polaca muito depressa – p. ex. as palavras como *router*, *trackball*, *joystick*, *gamepad*, *hardware*. Com o aparecimento da Internet, nasceram novas palavras, pois para usar a rede, as pessoas precisavam de um „modem.” „Webmasters” começaram a criar as páginas da rede, colocando nelas „scripts” e „applets”. Para entrar numa página, às vezes precisamos de „zalogować się”, então introduzir o *login* e a senha. Os polacos e os portugueses começaram a fazer *downloads* (*downloadować*) e discutir nos *chats*. Com o emprego do correio eletrónico, o termo considerado demasiado longo („poczta elektroniczna” em polaco) foi substituído pela forma mais breve *e-mail*, de que por sua vez derivou o verbo „mailować”, segundo as observações recentes escrito também „mejlować”. Os fenômenos relacionados com os perigos na rede têm os nomes ingleses, p. ex. *cracker*, *firewall*.

Na rede aparecem frequentemente as propostas de introduzir os termos nacionais, embora os seus efeitos sejam bastante cómicos (por exemplo, o clique traduzido como *mlaskanie* – “o ato de mastigar” – ou a palavra “Interrede”, proposta por um internauta para substituir a palavra Internet).

Forma-se então um grupo considerável de empréstimos. Esta tendência não deve ser interpretada como uma ameaça – a língua pode utilizá-los para se desenvolver mais rapidamente. Com este processo atual, mais tarde pode-se construir e reconstruir os recursos existentes. Esta mudança – a expansão por meio de empréstimos – parece antes positiva pois, segundo I. M. Alves (1998: 25), os neologismos “resultam de uma criação motivada, ditada pela necessidade de dominação inerente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas.”

Outro fenômeno antes preocupante é o primitivismo da linguagem. A elegância na linguagem escrita, os princípios de composição de texto, coesão e coerência, adquiridos pelos internautas na escola não são mais válidos. É fácil estar a saltar os signos diacríticos e cometer erros de digitação. Escreve-se palavras ofensivas e palavrões, apesar de a netiqueta aconselhar ou até implicar a sua omissão. Vale a pena lembrar o que significa este novo termo criado na rede. A netiqueta (do inglês “network” e “etiquette”) é „uma etiqueta que se recomenda observar na internet. A palavra pode ser considerada como uma gíria, decorrente da fusão de duas palavras: o termo inglês *net* (que significa “rede”) e o termo “etiqueta” (conjunto de normas de conduta sociais). Trata-se de um conjunto de recomendações para evitar mal-entendidos em comunicações via Internet, especialmente em *e-mails*, *chats*, listas de discussão, etc. Serve, também, para reger condutas em situações específicas.<sup>14</sup>”

As origens da Netiqueta são anteriores ao aparecimento da World Wide Web, o termo „netiquette” já é usado desde 1983. Gostávamos de lembrar aqui alguns exemplos de regras:

- Evitar enviar mensagens exclusivamente em maiúsculas.
- Usar sempre a força das ideias e dos argumentos. Nunca responder com palavrões.
- Apesar de compartilhar apenas virtualmente um ambiente, ninguém é obrigado a suportar ofensas e má-educação.
- Evitar enviar mensagens curtas em várias linhas.
- Ninguém é obrigado a usar a norma culta, mas é preciso usar um mínimo de pontuação.
- Evitar ser arrogante ou inconveniente.
- Não interromper o assunto tratado pela outra pessoa.
- Evitar ao máximo usar emoticons de letras, palavras e coisas do género.
- Dependendo do destinatário de seu texto, evitar o uso de acrónimos e do internetês.<sup>15</sup>

Tem havido uma maior liberdade na forma de lidar com as palavras e uma maior expressão de agressão emocional – um fenômeno denominado “chama na rede”, pois é mais fácil entrar em contacto com o participante sem descobrir

<sup>14</sup> <http://www.icmc.usp.br/manuals/BigDummy/netiqueta.html>  
<sup>15</sup> *Ibidem*.

o seu próprio nome. As regras ortográficas são quebradas numerosas vezes, assim que se apresenta uma pergunta: quantas vezes estamos perante a ignorância dos usuários e quantas são os recursos específicos dos internautas, que desta maneira querem chamar a atenção dos outros participantes do processo de comunicação? Para ver este fenómeno mais detalhadamente, queríamos apresentar um caso especial, a história de um internauta anónimo, que se tornou famoso na Polónia graças aos comentários que costumava colocar no portal *onet.pl* e que já são objeto dos estudos sociológicos, tema dos artigos nos jornais mais sérios e tema de discussões ardentes na rede. Cada comentário contém muitos erros de ortografia, em geral o maior número de erros possíveis e desperta emoções muito fortes entre os internautas, do ódio ao riso. Durante seis meses, esta pessoa colocou dez mil postagens e recebeu inúmeras respostas. Atualmente, o seu nome introduzido no motor de busca Google tem quase 85 mil resultados. Continua a ser anónimo, apesar de numerosos pedidos dos internautas para revelar a sua identidade. Com certeza, ao ler os comentários dele, é preciso ter grande sentido de humor e não levar em sério quando escreve p. ex. sobre a sua riqueza, a sua empresa ou p. ex. descreve a história quando ele quis falar português com uma mulher durante o jantar e como as polacas, na sua opinião, não sabem falar línguas estrangeiras, tinha que mandar vir uma portuguesa.<sup>16</sup> O seu caso revela que quebrando totalmente as regras da língua pode-se ganhar popularidade no mundo não somente virtual, assim como outras vantagens. A nossa suposição foi que esta personagem era um funcionário do portal ou uma pessoa empregue pelos gerentes, que dessa maneira atraía atenção dos internautas.

Cada idioma tem uma tendência a repetir e ampliar os seus próprios padrões. A linguagem da Internet desenvolve-se ao longo do tempo, evoluindo de acordo com as tendências enriquecedoras e simplificadoras. Absorve novas tendências, produz novas estruturas que são melhores do que as anteriores. Ao mesmo tempo, reduz as formas muito longas, sacrificando a elegância em prol da praticidade. Essa linguagem viva tem as suas estruturas e hierarquias, que impedem o crescimento descontrolado da língua para fora do controlo cultural. Portanto, há uma perspectiva realista que irá cumprir a sua função como principal ferramenta da comunicação de educação e da comunicação em geral.

Portanto, nem sempre as opiniões sobre a linguagem virtual são positivas. Alguns até falam do “analfabetismo virtual” entre os jovens utilizadores. Gostávamos portanto de citar o texto publicado nas atas de uma conferência organizada na Polónia dedicada aos novos fenómenos linguísticos na rede onde encontramos tanto as vozes críticas como as opiniões positivas, independentemente da faixa etária dos autores. A opinião geral é que as pessoas mais jovens são partidários da nova linguagem, mas dos trabalhos publicados nas atas resulta que os investigadores “jovens” estavam mais preocupados e receosos perante esta nova linguagem do que os investigadores mais “idosos”, que propunham soluções que podíamos chamar até revolucionárias, como p. ex. a alteração do alfabeto polaco sob influência da linguagem da Internet.

Vejamos agora alguns tipos da linguagem da Internet e tentemos descobrir qual é a influência que têm sobre a língua comum. Como primeiro, escolhemos o fenómeno chamado “internetês.”

„Internetês” é o termo que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que “as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão, duas ou no máximo cinco letras”, onde há “um desmoronamento da pontuação e da acentuação”, pelo uso da fonética em detrimento da etimologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas gramaticais.<sup>17</sup>

Para S. Marconato, o internetês é uma „forma de expressão grafolingüística [que] explodiu principalmente entre adolescentes que passam horas na frente do computador no Orkut, em chats, blogs e comunicadores instantâneos em busca de interação - e de forma dinâmica.”<sup>18</sup>

Para a pesquisadora J. Neves o internetês é uma adequação linguística. O internetês exige rapidez no diálogo porque o seu objetivo principal é o de ganhar tempo sem perder as informações, mesmo provocando a quebra das normas gramaticais. Segundo a especialista, o usuário devia perceber que, para cada situação, haverá uma exigência e que ao escrever um texto em que se deve usar a língua-padrão, devem-se executar as atividades de formulação, e faz-se um maior cuidado com o texto.

O internetês, usado inicialmente apenas para IRC (Internet Relay Chat), atualmente é usado sobretudo como troca de ficheiros, possibilitando a conversa em grupo ou privada, é utilizado em mensageiros instantâneos. Nesta linguagem, as emoções humanas são na sua maioria expressas pelos emoticons. Estes símbolos escritos também são chamados smileys (em inglês, *sorrisos*), são substituídos por pequenos desenhos. Nos *emoticons*, os olhos são representados pelos sinais ;, :, =, 8 ou ainda x ou X. A boca pode ter os seguintes símbolos a representá-la: (, ), \*, /, \, T e D.

### Miguxês

Miguxês, conhecido em Portugal como *pita talk* ou *pita script*, é o nome popular da linguagem usada por adolescentes brasileiros e portugueses na Internet e outros meios eletrónicos. O seu nome deriva de *miguxo*, palavra derivada de *amiguxo*, por sua vez um termo utilizado para designar o “amiguinho”. Há muitas diferenças entre os fenómenos tais como miguxês, internetês e *leet*.<sup>19</sup>

Basicamente, a opção por cada categoria depende da intenção do usuário. Enquanto que o internetês têm um propósito prático de comunicar-se com rapidez por meio de abreviações, o miguxês carrega em si uma intenção afetiva, seja para expressar uma linguagem infantilizada numa conversa entre amigos ou mesmo satirizar este mesmo estilo de comunicação.

### Ortografia

Embora as características ortográficas variem de pessoa para pessoa e de região para região, há determinadas características encontradas frequentemente, como:

- Substituição de s e c por x, simulando a palatização da fala infantil: *você, vocês* > *vuxeh vuxeix*;
- Omissão de diacríticos, ou a sua substituição, em alguns casos, pela letra h (acento agudo) ou n/m (til): *será, árvore, não* > *serah, arvore, nawn/naum*
- Substituição de i por ee, por influência da língua inglesa: *gatinha* > *gateenha*;
- Substituição de o ou e por u e i, em especialmente em sílabas não-tónicas: *quero* > *keru*.
- Substituição do dígrafo qu e da letra c por k, e de u não-silábico por w: *quem, escreveu* > *kem, ixkrewev*.<sup>20</sup>

### Leet

*Leet*, em polaco chamado também *leet speak*, *hack mowa*, é „uma forma de se escrever o alfabeto latino usando outros símbolos em lugar das letras, como números por exemplo. A própria palavra *leet* admite muitas variações, como l33t ou l337. O uso do *leet* reflete uma subcultura relacionada ao mundo dos jogos de computador e Internet, sendo muito usada para confundir os iniciantes e afirmar-se como parte de um grupo.” Supostamente a palavra *leet* provém da palavra inglesa *elite*, no sentido de que o usuário que escreve em *leet* faz parte de uma elite dentro da comunidade. O *leet* difere do internetês pelo „uso de símbolos e números no lugar das letras para contornar os mecanismos de autocensura desses grupos, que proibiam o uso de palavras de baixo calão ou que pudessem estar contidas em mensagens ilegais (como mensagens dos *hackers* p. ex.).”<sup>21</sup>

16 <http://www.nfo.pl/apps/pbcs.dll/article?AID=/20070813/REPORTAZ/70810029>

17 <http://homepage.esoterica.pt/~amcf/internetes.html>, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs>

18 *Ibidem*.

19 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Migux%C3%AAs>

20 *Ibidem*.

21 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Leet>

### 3. Influência da linguagem da Internet

Qual é a influência da linguagem da rede nas línguas atuais? Os linguistas que investigam a linguagem da Internet concentram-se sobretudo em aspetos genológicos, em novos textos, tais como blogues ou *chats*, nos processos derivacionais ou no papel dos signos gráficos na comunicação na rede. Uma publicação muito conhecida na Polónia, uma das primeiras dedicada a esta temática, da autoria de J. Grzenia (2007), tenta classificar estes fenómenos. O investigador indica algumas situações em que a influência da linguagem da Internet já se tornou muito forte, p.ex. na publicidade e na imprensa, mas atualmente parece que esta influência é ainda mais importante, o que queríamos demonstrar na parte seguinte deste estudo.

Para descrever a linguagem na Internet, parece imprescindível analisar vários níveis: textual, não-verbal/icónico, lexical, gramatical. Na rede podemos encontrar todos os tipos de textos, muitas vezes modificados graças às novas oportunidades oferecidas por este meio, p. ex. podemos tratar o e-mail como uma modificação de uma carta. Existem também vários elementos de comunicação não-verbal – p. ex. *emoticons* ou símbolos gráficos já mencionados neste estudo. No nível lexical, observamos grande número de transformações causadas pelo aparecimento de novos fenómenos, objetos e funções. Graças à rede, nos nossos dicionários entraram as palavras tais como *chat* ou *blog* e os seus derivados, outras palavras alargaram o seu significado (extensão semântica), p. ex. plataforma, janela, rato. Vários lexemas foram importados do inglês, como já mencionámos. Para dar um exemplo onde esta passagem do mundo virtual ao mundo real é evidente, vejamos o uso da expressão „Off-topic.”

*Off Topic*, *off-topic* (ou abreviado para OT, ou até mesmo a expressão “em off”) é um termo em inglês bastante comum no internetês que traduzido seria “fora do assunto”. É utilizado geralmente nos títulos de fóruns ou listas de discussão para indicar que o assunto do corpo da mensagem não tem a ver com o tema principal previamente proposto. É também muito comum que o termo seja colocado entre colchetes ([e]) assim: [OT] , [Off Topic] e [OFF]. O termo tornou-se tão comum que certas vezes extrapola o mundo virtual e é usado no quotidiano pelas pessoas para indicar uma situação fora do contexto situado no momento. Por exemplo: numa roda de conversa onde o assunto no momento é política, tolera-se trocar “mudando de assunto...” por “em off” ou “off-topic”.<sup>22</sup>

No nível gramatical, não se repara em grande número de mudanças. Os processos derivacionais, portanto, são bastante intensos e consistentes, em geral, na criação das palavras compostas de primeira letra da primeira palavra e de segunda palavra integral, p.ex. e-book, i-sklep, m-bank, em português temos os termos correspondentes e-comunicação, e-banca. É um novo fenómeno, na Polónia estudado por K. Waszakowa (2001) e D. Ochmann (2004), mas com certeza continuará sendo analisado pelos linguistas. Segundo K. Waszakowa, não existem razões para tratar o componente „e” como prefixo neste tipo de palavras. Para D. Ochmann, o componente „e” caracteriza-se por uma grande criatividade, apesar de ser um elemento novo e não típico. „E”, pronunciado [e], já aparece em 70 formas no ano 2003, atualmente observamos muitas palavras deste tipo, com o segundo componente em polaco, em português ou em inglês, p.ex. *e-komunikowanie*, *e-learning*, *e-sąd*. Ultimamente têm aparecido as palavras com o componente i-, m-, v- (*i-book*, *i-sklep*, *m-edukacja*), não registadas nos dicionários por serem muito recentes, mas frequentes na rede e não só, encontramos-las muitas vezes na imprensa.

A criatividade dos usuários da rede parece enorme, das mudanças mais recentes que podemos observar, foram as palavras derivadas das abreviaturas ROTFL (*Rolling On The Floor Laughing*) e LOL (*Laughing Out Loud*), que provêm do inglês, e à base delas são derivados os verbos e os substantivos, com grafias diferentes: *rotflować*, *rotflowanie*, *ROTFlować*, *LOLOWać*.

Podemos observar as mudanças no comportamento das pessoas, que se realizam não só por causa da Internet. Na rede evitam-se as fórmulas de tratamento oficiais tais como Senhor/Senhora, Pan/Pani, a terceira pessoa do singular. O tratamento tornou-se mais direto, predomina a segunda pessoa do singular (tanto em Portugal como na Polónia), vê-se a tendência para sublinhar a sua própria pessoa (uso frequente dos pronomes eu, meu, para mim, me / *ja*, *mnie*).

<sup>22</sup> <http://tmvc2000.no.sapo.pt/Dicionario%20do%20Internetes.htm>

### Considerações finais

Resumindo, podemos determinar alguns traços característicos e algumas propriedades dos textos eletrónicos. Segundo Grzenia (2007), devemos ter em conta a sua plasticidade. São os textos realizados graças aos programas específicos, que permitem reorganizar o texto, copiá-lo, acrescentar os elementos gráficos e sonoros. Como segundo elemento, podemos citar a destinação, pois são os textos criados para a comunicação à distância. O terceiro, é o método de arquivar que facilita a reprodução do texto ou o seu cancelamento. Portanto, é possível acrescentar a criatividade e a produtividade, tendo em conta grande número de modificações e inovações linguísticas que constantemente aparecem na rede. As modificações lexicais presentes na linguagem da Internet de certa maneira servem para criar uma nova identidade do grupo que a tinha criado. Esta criação dos seus próprios padrões, em oposição à norma codificada, pode ser submetida à função integradora, como é o caso de um socioleto (Satkiewicz 1994 citado por Dziedzic, Furmanek 2004), percebido como uma língua da subcultura, desenvolvida à base da norma coloquial. O espaço virtual abre novas possibilidades. Como diz P. Lévy (2000, citado por N. M. C. Pellanda, E. C. Pellanda 2000:13), „todas as mensagens se tornam interativas [...] e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.” A pergunta que gostávamos de colocar terminando estas considerações é a seguinte: em que grau a influência desta nova língua será visível no futuro na língua-padrão, quer portuguesa, quer polaca? Com certeza, parece-nos imprescindível continuar as pesquisas neste campo.

### Referências Bibliográficas

- Alves, Ieda Maria. 1998. Neologia e tecnoleto. In: Oliveira, A. M. de, Isquierdo, A. N., (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia da ANPOLL*. Recife: Faculdade de Letras, UFRJ, p. 95-106.
- Bajerowa, Irena. 1980. *Wpływ techniki na ewolucję języka polskiego*. Wrocław-Warszawa-Kraków-Gdańsk: Zakład Narodowy im. Ossolińskich.
- Bloomfield, Leonard. 1935. Linguistic aspects of science. In: *Philosophy of Science*, vol.2.
- Boardman, Mark. 2005. *The language of websites*. Routledge.
- Burszta, Wojciech Jerzy. 2003. Internetowa polis w trzech krótkich odsłonach. In: Burszta, W. J. (Org.). *Ekran, mit, rzeczywistość*. Warszawa: Twój Styl.
- Data, Krystyna. 2009. Wpływ komunikacji sieciowej na współczesną polszczyznę. In: Ulicka D. (Org.). *Tekst w sieci. Tekst, język, gatunki*. Warszawa: Wydawnictwa Akademickie i Profesjonalne, p. 131-138.
- Dziedzic, Beata, Furmanek, Marek. 2004. Świat ludzki, świat semiotyczny. Generowanie znaczeń w komunikowaniu interpersonalnym – medialnym. In: Kożusznik B. (Org.). *Komunikacja w dobie Internetu*. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, p. 87 – 101.
- Fiske, John. 1999. *Wprowadzenie do badań nad komunikowaniem*. Wrocław: Wydawnictwo Astrum.
- Grzenia, Jan. 2007. *Komunikacja językowa w Internecie*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN.
- Juszczak, Stanisław. 2000. *Człowiek w świecie elektronicznych mediów – szanse i zagrożenia*. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego.

Lubina, Ewa, <http://www.e-mentor.edu.pl/artukul/index/numer/11/id/190>

Lubina, Ewa, Furgol, Stanisław. Język Internetu – językowe i psychologiczne aspekty rozwoju języka komunikacji internetowej. Disponível em formato WORD: [\\_furgol.googlepages.com/jezyk\\_mediow\\_1.doc](http://www.furgol.googlepages.com/jezyk_mediow_1.doc)

Marconato, Sílvia. A revolução do internetês. Disponível em <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>  
Pellanda, Nize M. Campos, Pellanda, Eduardo Campos. 2000. *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Rejter, Artur. 2009. Lingwistyczne refleksje nad komunikacją internetową – perspektywa historyczna. In: Ulicka D. (Org.). *Tekst w sieci. Tekst, język, gatunki*. Warszawa: Wydawnictwa Akademickie i Profesjonalne.

Ribas, Elisângela. A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes. Disponível em [www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf)

Roślowski, Bronisław. 2009. Postać graficzna i ortograficzna polskich tekstów w sieciach. In: Ulicka D. (Org.). *Tekst w sieci. Tekst, język, gatunki*. Warszawa: Wydawnictwa Akademickie i Profesjonalne.

Szpila, Grzegorz. 2004. *Język trzeciego tysiąclecia*. Kraków: Tertium.

## Páginas web

<http://tmvc2000.no.sapo.pt/Dicionario%20do%20Internetes.htm>

<http://homepage.esoterica.pt/~amcf/internetes.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Migux%C3%AAs>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Leet>

[www.ufpe.br/.../LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf](http://www.ufpe.br/.../LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf)

<http://www.scribd.com/doc/8762690/Proxemica>

<http://www.icmc.usp.br/manuals/BigDummy/netiqueta.html>

## NEOLOGISMO FORMAL

Irene MENDES

Universidade Politécnica,

Escola Superior de Estudos Universitários de Nampula (ESEUNA),

Nampula, Moçambique,

[irenemendes@yahoo.com](mailto:irenemendes@yahoo.com)

**RESUMO:** O actual contexto sociolinguístico moçambicano, sobretudo a convivência entre as principais línguas (línguas moçambicanas, português e inglês), o bilinguismo e/ou multilinguismo, o contexto sócio-económico e político e a influência da informática, são factores fundamentais que determinam a criação de neologismos no Português de Moçambique com características específicas, diferenciando-os dos neologismos que surgem em Angola, São Tomé, Guiné Bissau e Cabo Verde. Neste trabalho, apresentamos apenas os neologismos formais mais frequentes que ocorrem no português contemporâneo de Moçambique que resultam de morfemas do português e de construções híbridas, envolvendo várias línguas: português, línguas moçambicanas e inglês.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismo formal, Português de Moçambique, contexto sociolinguístico, contacto entre línguas, formas híbridas

Neste III Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa, apresento para análise um termo, pertencente à área da Lexicologia, mais precisamente à subárea da Neologia. Refiro-me ao termo de neologia formal que designa a criação de unidades lexicais novas através de vários processos: formais (e semânticos), empréstimos interlinguísticos e hibridismos resultantes de duas ou mais línguas.

Neste trabalho, irei referir-me apenas a unidades lexicais novas resultantes de processos formais que, linguisticamente, se designam por neologismos formais. Transpondo para a realidade sociolinguística moçambicana, consideraremos neologismo formal a unidade lexical que não se encontra registada em dicionários portugueses. Esta opção é devido ao facto do Português de Portugal ser a variante adoptada como língua oficial em Moçambique.

As formas que serão, aqui, apresentadas, foram extraídas do *corpus* que constituiu a base da nossa investigação, quer a nível do mestrado, quer a nível do doutoramento. O *corpus* foi constituído por cartas de leitores da revista *Tempo*, artigos da revista *Índico* da LAM e da revista *Estudos Moçambicanos*, do Centro de Estudos Africanos da UEM, artigos de natureza social e económica dos principais jornais moçambicanos, textos de obras literárias escritas por autores moçambicanos. Também foram analisados os registos orais de conversas informais registadas no chapa (transporte público privado) e nos mercados. Esta pesquisa compreende o período de 1990 a 2008.

Os neologismos formais, que ocorrem no Português de Moçambique (PM), podem resultar de: a) construções de origem portuguesa e b) construções híbridas resultantes de duas ou mais línguas, principalmente do português, de línguas moçambicanas e do inglês.

### 1. Construções de origem portuguesa

#### 1.2. Processos de formação neológica

No grupo de neologismo formal integram-se os seguintes processos de formação: 1. derivação; 2. composição; 3. recomposição; 4. forma braquigráfica; 5. redução.

##### 1.2.1. Derivação

Refiro-me apenas à derivação afixal que pode ser por: prefixação, sufixação e prefixação e sufixação. Isto quer dizer que excluí as derivações imprópria e regressiva.

Há autores que estabelecem a distinção entre as unidades lexicais derivadas parassintéticas e as derivadas por prefixação e sufixação. As *parassintéticas* são àquelas “...que ligam, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a uma base”. A expressão “ao mesmo tempo” marca a diferença entre as derivadas parassintéticas das derivadas por prefixação e sufixação, isto quer dizer que nas derivadas por prefixação e por sufixação, a junção do prefixo e do sufixo não ocorre ao mesmo tempo.

Entende-se por *derivação por prefixação* aquela que agrega *prefixos* a um radical, ex: **infeliz**. *Derivação por sufixação* será, portanto, aquela formação que agrega *sufixos*, isto é, morfemas que seguem o radical, ex.: **tinroso**. *Derivação parassintética* é o processo derivacional do qual resultam “...vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical” (Cunha e Cintra 1990:103), ex.: *renovar*. E a *derivação por prefixação e sufixação* é o tipo de formação que agrega prefixo e sufixo, sem que o fenómeno ocorra ao mesmo tempo.

Como a diferença entre a derivação *parassintética* e a *derivação por prefixação e sufixação* não é pertinente para esta análise, não procederei a qualquer distinção entre estes dois processos. Optarei pelo termos “derivação por prefixação” e “derivação por sufixação”.

A derivação é um dos processos de formação de unidades lexicais, aproveitado pela neologia para a construção de novas unidades lexicais, com base em prefixos e sufixos.

A maior parte das formas derivadas a partir de uma base portuguesa são verbos; segundo o princípio da economia da língua, é mais fácil utilizar uma única unidade lexical simples do que uma unidade lexical complexa ou uma construção frásica. Frequentemente, cria-se um verbo para substituir uma construção expandida: um sintagma verbal ou uma frase. Ex.: *bichar* em vez de “formar bicha”; *depressar* em vez de “andar depressa”...

### Prefixação

O prefixo mais produtivo é *des*, com o sentido de negação. Acontece que raramente ocorre numa situação de simples derivação prefixal, surgindo, frequentemente, em situação de prefixação e sufixação. No entanto, registámos um exemplo de prefixação que tende a fixar-se na língua:

*Desconseguir* – Forma constituída pelo prefixo *des* + o verbo *conseguir*. Em vez de se utilizarem duas formas: o advérbio de negação *não* e o verbo *conseguir*, opta-se por utilizar *desconseguir* quando se quer dizer “não conseguir”. Deixou de ser neologismo, pois aparece dicionarizado no *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa e nas duas obras lexicográficas moçambicanas referenciadas.

### Sufixação

O sufixo mais produtivo é *ar*, desinência verbal, marca da primeira conjugação, que conseqüentemente origina uma unidade lexical, isto é, um verbo conjugável:

*Bichar* – Unidade lexical constituída pelo nome *bicha* + o sufixo (desinência verbal) *ar*. Como nos afirmámos anteriormente, é mais fácil dizer-se: “vou *bichar*” do que “vou formar bicha”. No dicionário português, aparece registado o seu homónimo *bichar*, derivado da unidade lexical “bicho”, como: *criar bichos (fruta)*; (*Brasil*) *cochicar*” (DULP:224); enquanto a forma proposta tem “bicha” como unidade primitiva, significando “fila”. Assim, “bichar” significa “formar bicha; fazer uma fila”. Deixou de ser neologismo porque já aparece inserida no *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa e nas duas obras lexicográficas moçambicanas.

### Prefixação e sufixação

As unidades lexicais constituídas por prefixo e sufixo são muito frequentes, dando origem à criação de unidades lexicais tais como: *desmobilizados*, *desminagem* e *destrocar*. Todas elas são constituídas com o prefixo *des* com a significação de “contrário” que, como vimos, é muito produtivo no PM. Os sufixos, que também são desinências verbais, *ar*, *ir* (infinitivo) e *ados* (particípio passado) são aqueles que mais contribuem para a criação de novas unidades lexicais derivadas por prefixação e sufixação.

*Desmobilizado* – Unidade lexical constituída pelo prefixo *des* + o verbo *mobilizar* + o sufixo (desinência verbal) *ado*, significando “indivíduo que foi dispensado do Serviço Militar Obrigatório e autorizado a participar na sociedade civil”.

*Desminagem* – Unidade lexical constituída pelo prefixo *des* + o nome *mina* + o sufixo *agem*. Significa “acção de retirar minas”.

*Destrocar* – Unidade lexical constituída pelo prefixo *des* + o nome *troco* + o sufixo (desinência verbal) *ar*. Significa trocar (dinheiro). Deixou de ser neologismo pelo facto de já ter sido dicionarizado no *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa.

## 1.2.2. Composição

A maioria das gramáticas indica dois tipos de composição: por justaposição e por aglutinação: o primeiro, quando “os elementos de uma palavra composta podem estar: a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade: *chapéu-de-sol*, *passatempo*. O segundo tipo quando os elementos que constituem a palavra estão “intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tónico e sofrem perda da sua integridade silábica: *aguardente*, *embora*” (Mira Mateus et alii 1994:390 e Cunha e Cintra 1990:106-107).

Não darei, aqui, qualquer importância a unidades lexicais compostas por aglutinação uma vez que não têm qualquer interesse no PM: são raros ou inexistentes os casos em que se recorre a este processo para criação de novas unidades. Pelo contrário, as unidades lexicais compostas por justaposição, designadas, por vezes, de *lexias complexas* são frequentes; este termo é utilizado em substituição dos termos “palavra composta” e “lexia composta”. Assim, são integradas nas *lexias complexas*, unidades lexicais compostas por mais de uma *lexia simples*, ou seja, as tradicionais palavras compostas por justaposição, as *lexias* compostas e complexas, na asserção de Rey. Este processo de composição alimenta-se de várias combinações, podendo integrar nomes, adjectivos e verbos, ligados ou não por preposição, com ou sem hífen.

Estas *lexias complexas* têm sido muito produtivas na criação de unidades lexicais no PM, para designar objectos, nomes de associações sociais e profissionais, nomes de grupos sociais, nome de transporte colectivo privado. Aparecem, particularmente, em discursos escritos, contrariamente às formas abreviadas que surgem mais frequentemente em discursos orais.

Apresentamos alguns exemplos de *lexias complexas*, agrupadas em subconjuntos e com a indicação dos elementos constituintes:

### Associações

*Associação das Cooperativas de Consumo* (n+p+n+p+n)

*Associação dos Dadores de Sangue de Moçambique* (n+p+n+p+np)

*Associação de Investigação Científica de Moçambique* (n+p+n+adj+p+np)

*Associação de Mineiros Moçambicanos* (n+p+n+adj)

*Associação Moçambicana para o Desenvolvimento Rural* (n+adj+p+a+n+adj)

*Associação Moçambicana para o Desenvolvimento Urbano* (n+adj+p+a+n+adj)

*Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Mulher Rural* (n+adj+p+a+n+p+n+adj)



*Associação das Trabalhadoras do sexo* (n+p+n+p+n)

A maioria de lexias complexas utilizadas para designar grupos sociais que têm surgido, face a nova dinâmica socioeconómica de Moçambique, que a seguir vamos apresentar, formam-se, essencialmente, pelas combinações nome + preposição + nome (n+p+n), assemelhando-se às tradicionais palavras compostas por justaposição. Exceptuam-se raros casos, como por exemplo, de uma construção recente *Mestre e Conselheira de raparigas* (Telejornal das 20 h do dia 07/01/07) que apresenta a seguinte combinação: nome + conjunção + nome + preposição + nome (n+c+n+p+n).

#### Grupos sociais

*Deslocados da guerra* – (n+p+n) Indivíduos que foram obrigados a emigrar das suas residências, ou da sua província, devido à guerra civil, para se refugiarem em zonas mais protegidas e seguras.

*Mestre e Conselheira de raparigas* – (n+c+n+p+n) Senhora que tem a função de aconselhar as raparigas sujeitas aos ritos de iniciação feminina; conselheira de raparigas durante a cerimónia dos ritos de iniciação feminina.

*Refugiados das cheias* – (n+p+n) Indivíduos que foram obrigados a emigrar das suas residências, situadas em zonas baixas, propensas, a serem alagadas, devido às cheias de 2000/2001 que ocorreram nas zonas sul e centro de Moçambique.

*Trabalhadoras do sexo* – (n+p+n) Prostitutas

*Vítimas de guerra* – (n+p+n) Indivíduos que viveram e sofreram a guerra civil

#### Transporte

No domínio dos transportes, embora pouco produtiva, a forma *transporte semi-colectivo* foi, oficialmente, criada para designar “transporte colectivo de passageiro privado” como sinónimo de “chapa”. Eis alguns exemplos:

*Transporte semi-colectivo* – (n+adj) O mesmo que chapa 100.

*Paragem dos transportes semi-colectivos* – (n+p+n+adj) Local para entrada e descida dos transportes colectivos privados (chapa 100).

*Terminal dos transportes semi-colectivos* – (n+p+n+adj) Local onde os chapas iniciam e terminam uma determinada rota.

### 1.2.3. Recomposição

Para além das unidades lexicais neológicas, referidas anteriormente, existem outras formas menos frequentes, mas com interesse linguístico. Estou a referir-me à recomposição, isto é, processo de formação semelhante ao da tradicional composição por justaposição. Por isso, não é fácil estabelecer a diferença entre estes dois processos de formação de unidade lexical: a composição e a recomposição.

Na formação destas unidades, utilizam-se alguns radicais latinos ou gregos junto à unidade lexical que pode ser simples ou não. Nestes casos, há sempre uma dificuldade de classificação, não se sabendo se são unidades derivadas ou compostas.

Assim, segundo Cunha e Cintra, denomina-se *recomposição* as unidades lexicais em que, na sua formação, entram “... certos radicais latinos e gregos [que] adquiriram sentido especial nas línguas modernas” (1990:113).

No PM, foram registados os morfemas *mini*, *semi* e *super*, que entram, respectivamente, na composição das unidades lexicais complexas *mini-bus*, *semi-colectivo* e *super maheu*. São prefixóides que funcionam como um prefixo, ou melhor, são morfemas que gozam de autonomia, característica que os prefixos não têm.

*Mini-bus* – Forma híbrida, constituída pelo prefixóide *mini* (de miniatura) + a truncção do empréstimo nominal inglês *bus* (autocarro). Significa “autocarro pequeno, com capacidade para, aproximadamente, quinze ou vinte e cinco lugares”.

*Semi-colectivo* – Forma composta por *semi* (metade, meio) + adjectivo “colectivo”, significando *tamanho mediano* de colectivo. Desempenha papel de adjectivo do nome “transporte”, na unidade lexical “transporte semi-colectivo”.

*Super maheu* – Forma híbrida, constituída pelo prefixo *super* (de superioridade, superior) + o empréstimo do Ronga *maheu* (bebida tradicional confeccionada à base da farinha de milho). Bebida muito energética, com vários sabores, confeccionada à base da bebida tradicional *maheu*.

### 1.2.4. Forma braquigráfica

Tendo em conta a designação dos processos de formação de unidades lexicais, contemplada pela Gramática tradicional, senti-me limitada acerca da designação a atribuir as unidades lexicais como: *T-shirt*, *chapa-100* e *T-3*. Aparentemente se assemelham às unidades lexicais compostas. Mas bem sabemos que a composição não prevê esta combinação, constituída por números e unidades lexicais ou letras e unidades lexicais.

Ao observarmos os processos de formação de termos científicos, constatámos que o terminólogo Kocourek se refere a este processo de formação que integra letras, números e unidades lexicais, designando-o por formas braquigráficas; este autor define estas formas do seguinte modo: “São unidades lexicais braquigráficas e variantes braquigráficas, as unidades construídas, por letras, números e símbolos especiais [...], e através das suas diversas combinações, ou enfim, através de reagrupamento de uma unidade plenamente articulada e os elementos braquigráficos”. (1991:158). Assim, decidimos acrescentar este processo de formação aos anteriores, apesar de se tratar de um processo característico das terminologias científicas e técnicas.

Estas formas, por vezes, transformam-se em reduções, razão pela qual este autor as insere no ponto “Abreviação em Terminologia”. Neste trabalho, preferimos analisá-las separadamente em virtude da sua combinação peculiar e interessante. De seguida, vamos apresentar algumas dessas formas que aparecem no PM:

*2M* – Abreviatura de Mac-Mahon. Note-se que o processo de formação é relativamente parecido com o da forma *tontonto*, em que o algarismo é o número de vezes que a letra *m* ocorre em posição inicial do nome próprio Mac-Mahon: 1. Marca de cerveja moçambicana. 2. Fábrica de cerveja moçambicana.

*Chapa 100/Chapa-100* – Unidade lexical formada por *chapa*, metonímia (ou parte) de carro + o número 100, valor inicialmente cobrado nesses meios de transporte. Transporte colectivo privado de passageiro.

*K-7* – Abreviatura da unidade simples *cassete*. A construção desta forma é interessante por resultar de uma lexia simples, uma vez que, geralmente, as reduções são feitas a partir de lexias complexas. É uma forma que aparece na televisão, em anúncios publicitários referentes a álbuns musicais.

*4x4* – Abreviatura da expressão inglesa *four by four*, construída por dois números quatro (4), separados pelo sinal vezes (x). Em Português, dever-se-ia ler “quatro por quatro”, no entanto, fixou-se na língua, através da gíria inglesa, para designar “todo o terreno”, ou melhor, para se referir à viatura dotada de tracção e, por isso, apta a passar por estradas

de difícil acesso. A sua forma coocorrente é exactamente a expressão “todo o terreno”. Significa “viatura com tracção; viatura que passa por todo o tipo de terreno”.

T-3 – Redução de *tontonto* (aguardante tradicional), em cuja unidade lexical se utilizam três “t”. É o nome de uma localidade da Província de Maputo. A sua origem, provavelmente, deve-se ao facto de, naquela localidade, se produzir ou consumir grandes quantidades de *tontonto* (aguardante).

### 1.2.5. Redução

Hoje em dia, há uma tendência muito frequente em abreviar unidades lexicais complexas ou formas já por si abreviadas, encurtando-as ainda mais. As reduções são processos de formação muito produtivos, sobretudo na língua oral corrente, embora exista uma tendência recente de seu uso em enunciados escritos. As terminologias científicas e técnicas recorrem frequentemente a este fenómeno. As gramáticas tradicionais mais recentes inserem este processo nos processos de formação de palavras. Por exemplo, Cunha e Cintra integram no grupo das reduções: a abreviação vocabular, as siglas e os acrónimos.

Por seu turno, Dubois et alii consideram *redução*: “...a transformação de uma unidade em outra unidade mais curta por abreviação, apócope, evolução fonética, etc.” (1989:413).

Este termo “redução” pode ter duas interpretações: uma com sentido lato, em que o termo redução funciona como inclusivo de outros processos de formação reduzidos; e outra, com sentido mais restrito, em que o termo redução funciona como uma espécie de co-hipónimo de outros processo de formação reduzidos.

Neste trabalho, referir-me-ei a ele com sentido lato, inserindo, portanto, no grupo da redução, o acrónimo, a sigla, a truncção, que são as formas que ocorrem com mais frequência no PM.

Muitas vezes, as reduções criam embaraço na comunicação, sobretudo quando são utilizadas pela primeira vez. Nesses casos, é aconselhável que estas formas reduzidas sejam acompanhadas do sintagma correspondente.

As reduções mais produtivas no PM são: as siglas e os acrónimos, podendo, no entanto, encontrar, com menos frequência, algumas truncções. Embora alguns autores não distingam a sigla do acrónimo, nós distingui-los-emos. Assim, consideramos *sigla*, a redução que utiliza apenas uma letra inicial de cada unidade lexical que entra na sua constituição e *acrónimo*, redução que utiliza as primeiras letras iniciais, sílabas ou a mistura de letra e sílabas das unidades lexicais constituintes

#### 1.2.5.1. Sigla

Autores como Kocourek (1991:141) e Cunha e Cintra (1990:116) não estabelecem distinção entre sigla e acrónimo. No entanto, para Lino et alii, a sigla é um “*Termo complexo abreviado ou nome formado a partir das letras iniciais dos seus elementos [...] Uma sigla forma uma sequência cuja pronúncia é alfabética, silábica ou ambas*” (p.278). Esta definição encerra, de uma forma implícita, a diferença entre sigla e acrónimo. À semelhança Lino et alii, também farei essa distinção.

As siglas costumam ser utilizadas, na língua, essencialmente, para a designação de estabelecimentos de ensino superior, organizações e associações, ministérios, empresas e instituições; exemplos:

#### Estabelecimentos de Ensino Superior

Os nomes de estabelecimentos de ensino superior, por serem constituídos, na sua maioria, por sintagmas longos, são mais conhecidos pelas formas reduzidas correspondentes, maioritariamente, por siglas. Isto significa que, no dia a dia, se prefere utilizar as algumas *siglas* como:

*UEM* em vez de Universidade Eduardo Mondlane;  
*ISPU* em vez de Instituto Superior Politécnico e Universitário;  
*UP* em vez de Universidade Pedagógica. Recentemente, apareceu a redução;  
*UDM*<sup>23</sup> em vez de Universidade Técnica de Moçambique.

Esta última sigla (*UDM*) foge à regra da constituição de siglas, uma tendência que parece ter ganho campo nas formações actuais de siglas que tendem a não inserir, na sua redução, os elementos constituintes do sintagma seu correspondente.

A nível de cursos e disciplinas verifica-se também essa tendência de redução. Assim, registámos as seguintes siglas:

- relativas a cursos:  
*AGE* (Administração e Gestão de Empresas);  
*CJ* (Ciências Jurídicas), *CC* (Ciências da Comunicação);  
*TGET* (Turismo e Gestão de Empresas Turísticas);  
*CA* (Contabilidade e Auditoria).  
 - relativas a disciplinas:  
*HIPC* (História das Ideias e do Pensamento Contemporâneo),  
*TEC* (Técnicas de Expressão e Comunicação),  
*RP* (Relações Públicas).

#### Organizações e associações

Igualmente, registámos siglas resultantes de combinações lexicais longas relativas a organizações e associações criadas a seguir à Independência e outras mais recentes que integram grupos sociais, políticos ou profissionais. Assim, temos uma lista enorme de *siglas* para designar essas associações:

*OCM* (Organização dos Continuadores de Moçambique);  
*OJM* (Organização da Juventude Moçambicana);  
*OMM* (Organização da Mulher Moçambicana);  
*ONP* (Organização Nacional dos Professores);  
*ONJ* (Organização Nacional de Jornalistas).

#### Ministérios, empresas e instituições

Na presente fase de desenvolvimento do país, assiste-se à criação de empresas, ministérios e instituições que têm denominações com uma estrutura idêntica às lexicais complexas com tendência a sofrer fenómenos de redução, dando origem a siglas:

*MEC* (Ministério da Educação e Cultura) que substituiu o acrónimo (MINED – Ministério da Educação);  
*MAE* (Ministério de Administração Estatal);  
*CDFF* (Centro de Documentação e Formação Fotográfica);  
*B.O.* (Brigada de Operações).

Recentemente, há uma nova tendência na construção de siglas, isto é, a integração, na sua formação, do grafema *D*, relativo à redução da preposição *de*. Este fenómeno não fazia parte dos princípios da siglação, uma vez que os conectores tais como as preposições e as conjunções eram ignoradas neste processo. Exemplos de siglas + *de*:

Águas de Moçambique é *ADM*;  
 Cervejas de Moçambique é *CDM*;  
 Electricidade de Moçambique é *EDM*

<sup>23</sup> É curioso notar que *UDM* não seguiu nenhum processo de redução conhecido, considera-se, contudo, uma sigla, que se seguisse a regra tradicional de formação, seria: *UTM*.

Telecomunicações de Moçambique é *TDM*.  
A nível gráfico, verifica-se a tendência para eliminar os pontos que separam um grafema de outro.

### 1.2.5.2. Acrónimo

Segundo Lino et alii, *acrónimo* é “...o termo complexo abreviado, formado de letras ou grupo de letras de um termo e cuja pronúncia é exclusivamente silábica” (1991:30).

Estas autoras realçam a pronúncia silábica dos acrónimos, principal diferença entre estes e as siglas. Isto quer dizer que, pelo facto de os acrónimos serem construídos com base em associação de grafemas, é possível uma pronúncia silábica da forma reduzida. Isto acontece raramente com as siglas, embora recentemente haja uma tendência para também se pronunciarem as siglas, tal é o caso das siglas: ISPU, LAM.

Por outro lado, o acrónimo resulta da junção de elementos resultantes da truncação de uma ou mais unidades lexicais.

No *corpus* analisado, aparecem acrónimos para designar instituições do ensino superior, organizações, associações, ministério, empresas e instituições, que, na sua maioria, são constituídos por sintagmas extensos; exemplos:

#### Estabelecimentos de Ensino Superior

A nível de instituições de ensino superior, fiz o registo do *acrónimo* *ISCTEM*, redução de Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique. Considero que é um acrónimo pelo facto de, na redução, aparecer a sílaba *TE*, que é uma redução de *tecnologia*.

#### Organizações e associações

Neste grupo, temos uma vasta lista de *acrónimos*. No entanto, apresento apenas alguns exemplos:

*AEMO* (Associação de Escritores Moçambicanos);  
*AMODER* (Associação Moçambicana para o Desenvolvimento Rural);  
*AMIMO* (Associação de Mineiros Moçambicanos);  
*AVIMAS* (Associação das viúvas e mães solteiras);  
*AICIMO* (Associação de Investigação Científica de Moçambique);  
*AMOCINE* (Associação Moçambicana de Cinema).

#### Ministérios, empresas e instituições

Igualmente, aqui, encontramos vários acrónimos:

*MADER* (Ministério de Agricultura e do Desenvolvimento Rural);  
*MICOA* (Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental)  
*MUSET* (Museu de Etnologia);  
*mCel* (Moçambique celular);  
*ADENA* (Agência Nacional de Despacho);  
*CARBOMOC* (Carvão de Moçambique);  
*MANUFRIO* (Manutenção do Frio – Empresa de Reparação de Aparelhos de Refrigeração “Frio”);  
*MOZAL* (Alumínio de Moçambique)  
*INAGRICO* (Indústria Agricultura e Comércio).

Chama-se a atenção para o facto de, neste último grupo, alguns acrónimos serem de origem inglesa e, por isso, a sua redução é feita, directamente, a partir de lexias complexas de origem inglesa, e não do Português. Isto acontece, sobretudo nas empresas estrangeiras com sucursais em Moçambique. Ex.: *MOZAL* (Mozambique+Aluminium),

É interessante a formação do acrónimo *mCel* que apresenta uma forma diferente dos restantes acrónimos. Provavelmente, por uma questão de estilo ou de marketing, o grafema *m* de Moçambique aparece grafada em minúscula, apesar de designar nome de um país, pois, o que se pretende destacar, neste caso, é o produto “celular”.

### 1.2.5.3. Truncação

De acordo com Kocourek, a truncação é “...a formação de uma unidade abreviada a partir de uma só unidade base, cuja forma é reduzida a um pedaço silábico que, todavia, ultrapassa duas letras (dois fonemas)” (1991:139). Esta construção confunde-se, muitas vezes, com uma lexia simples ou com *prefixóide*.

Apesar de, em menor número, no PM, aparecem algumas formas truncadas. Eis dois exemplos de formas truncadas (apócope), preferencialmente utilizadas no lugar das suas unidades lexicais correspondentes, são: *cine* (cinema) e *pólio* (poliomielite).

## 2. Construções híbridas

Houve alguma indecisão em integrar algumas formas, pois, por vezes, fica-se sem saber se deviam ser incluídas nos empréstimos ou nos hibridismos, uma vez que todas as formas híbridas resultam de línguas diferentes. Assim, entende-se por formas híbridas as unidades constituídas por uma combinação de “morfemas” de duas ou mais línguas. Os morfemas, que entram na formação, podem ser livres (os radicais) ou presos (os prefixos ou sufixos). É um processo de formação que ocorre em algumas formas neológicas no PM, por isso, a sua importância nesta análise. O empréstimo é considerado uma forma resultante de uma única língua estrangeira com ou sem transformação.

Dubois et alii recorrem à gramática tradicional para definirem a unidade híbrida, como “... uma unidade composta em que os constituintes são emprestados a radicais de línguas diferentes” (1989:256). Para Cunha e Cintra as unidades híbridas são “...aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes” (1990:115).

No PM, o hibridismo é um processo de formação também muito produtivo. A maior parte das formas híbridas advêm do processo de formação de derivação, existindo, contudo, algumas excepções.

Estas formas são, geralmente, nomes e verbos criados para designar novas unidades lexicais. Podem ser formadas a partir de: a) morfemas prefixais das línguas bantu, associados à base portuguesa ou inglesa; b) uma base lexical de línguas moçambicanas, à qual se juntam morfemas portugueses (geralmente sufixos), seguindo o processo de derivação das unidades lexicais da gramática portuguesa; e c) uma base inglesa ou espanhola na qual se lhe juntam sufixos ou desinência verbal portuguesa.

Algumas dessas formas híbridas foram criadas para denominar novas actividades económicas ou o indivíduo que pratica uma actividade, quer para acompanhar o desenvolvimento económico do país; por exemplo, *cambista*, aquele que efectua o câmbio (troca de moeda estrangeira); quer para lutar pela sobrevivência *guevista*, aquele que compra para revenda. Outras, para demonstrar a acção praticada por alguns desses grupos sociais, ex: *guevar*.

Os processos mais produtivos na construção de formas híbridas são a derivação por sufixação e a derivação por prefixação e sufixação. Geralmente acrescenta-se o morfema prefixal e sufixal ou apenas sufixal português ao empréstimo, que é a base lexical. São raros os casos em que as novas formas são construídas apenas por prefixo, exceptuando os casos do morfema bantu *ma*, marca plural, que se coloca antes da unidade primitiva, funcionando como prefixo, e que tem sido muito utilizado na criação de formas híbridas.

Apresentaremos, em seguida, alguns exemplos de formas híbridas:

*Magueva(s)* – Esta forma tem interesse pelo facto de apresentar um duplo plural: a marca do plural portuguesa (*s*) que foi acrescentada à unidade lexical Ronga (língua do sul de Moçambique) *gueva(r)* e o prefixo *ma*, marca de plural bantu. A sua forma no singular aparece registada na obra de Lopes et alii. No PM, significa “senhoras que compram produtos hortícolas ou fruta aos mercados para os revenderem, por vezes, os adquirem directamente de machambas ou pomares”.

*Cambiar* – É um verbo derivado do substantivo (com origem no espanhol) *câmbio*+sufixo português (desinência verbal) *ar*. É coocorrente do sintagma verbal “trocar dinheiro”. Tem sido muito produtivo, por se tratar de uma lexia simples, consequentemente, mais fácil e simples de utilizar: é mais fácil dizer: “vou *cambiar*” do que “vou trocar dinheiro”. Significa “trocar (ou comprar) moeda estrangeira para moeda nacional ou vice versa”.

*Cambista* – Substantivo derivado da forma espanhol *câmbio*+ sufixo português *ista*, que significa “aquele que pratica o câmbio”; “aquele que troca moeda estrangeira”.

*Conectar* – Verbo construído a partir do verbo inglês (to) *connect*+sufixo *ar* (desinência verbal portuguesa). Provém do domínio da Informática, fazendo parte da língua corrente. Significa “ligar”.

*Conectado* – Ligado”. Ver conectar.

*Guevar* – É um verbo derivado por sufixação, construído pelo verbo tsonga (*ku*)*gueva*\*+ *ar* sufixo português, (desinência verbal). Esta actividade é sobretudo desenvolvida por senhoras que se deslocam a determinados mercados, onde os preços são acessíveis a fim de comprarem grandes quantidades de produtos para revenderem nas suas zonas residenciais, sobretudo, nos passeios ou nos quintais. Mas também podem comprar produtos directamente a um machambeiro(a). Aparece registado na obra de Lopes et alii. No PM, significa “revender na zona residencial; comprar para revender”.

*Guevista* – É, igualmente, uma forma derivada por sufixação. À base tsonga *ku gueva* (comprar para revender), anexou-se-lhe o sufixo português *ista*. Na actual realidade, o negócio é feito nas fronteiras moçambicanas e, particularmente, por mulheres. Ainda não se encontra dicionarizada, embora o verbo (*guevar*) e o substantivo (*gueva*) já se encontrem registados na obra de Lopes, et alii (2002:71). Significa “indivíduo que compra produtos (em grandes quantidades) para revenda”.

*Printar* – Verbo construído a partir do Inglês *print*+sufixo português *ar* (desinência verbal). Provém do domínio de Informática, fazendo parte do vocabulário do cidadão comum que lide minimamente com o computador. Significa “imprimir”.

Não poderia deixar de fazer referência a uma nova forma que está a ser muito produtiva entre a camada jovem e, não só; refiro-nos à forma verbal híbrida *tchunar* (txunar), provinda de *tchuna* (txuna). Desconheço a verdadeira origem e o seu primeiro significado, mas as investigações feitas levam-me a admitir a possibilidade de ter vindo do Changana (língua de Gaza), significando “limpar, brilhar”. Actualmente, faz parte da língua comum, através da gíria juvenil, significando: “estar bonito” (por causa da roupa), “estar bem vestido”, “estar atraente” (devido à roupa), “estar caprichosamente vestido”, “estar rigorosamente vestido”.

*Madjermanes* – É um nome formado por: *ma* (prefixo bantu e marca de plural)+ *german* (Inglês) ou *germano* (referente aos Germanos, à Alemanha; alemão) (Cf. DULP:777) + sufixo *e* (e a marca do plural portuguesa *s*).

É uma forma que se fixou na língua para designar o grupo de indivíduos que, a seguir à Independência, e ao abrigo de um acordo entre os dois países: Alemanha e Moçambique, emigrou para se formar como operários em diferentes ramos de actividades. A maior parte permaneceu a trabalhar na Alemanha, depois da sua formação. Após a queda do muro de Berlim, estes moçambicanos foram obrigados a regressar a Moçambique, causando ao país problemas de ordem social, pois, na altura, o país não estava preparado para acolher um número elevado de trabalhadores. A forma significa

“moçambicanos regressados da antiga RDA (Alemanha)”.

*Majonejone/Majonijoni* – É uma forma derivada por prefixação e sufixação, seguindo um processo de derivação diferente do modelo português. Ao empréstimo aportuguesado *jone*, de John (África do Sul), juntou-se-lhe o prefixo bantu *mu*, transformado em *ma* que funciona como prefixo (sem qualquer marca de plural), repetindo-se a forma *jone*, que desempenha o papel de sufixo. Como se pode constatar, esta construção sufixal não faz parte do processo de derivação por sufixação do PE. Contudo, chamamos a atenção para o facto de esta construção repetitiva (redobro) da forma-base ser normal no processo de formação das Línguas Bantu.

É uma forma que surgiu no seguinte contexto social: “Os machanganas, um grupo étnico do sul de Moçambique, tinham como tradição emigrarem para a África do Sul, a fim de trabalharem nas minas sul africanas. Só depois dessa experiência é que estavam aptos a *lobolarem* (casarem) as suas mulheres”. Dias grafa *madjonedjone*, como “mineiro da África do Sul” Lopes et alii grafam *majonejone* e *madjone-djone*. No PM, apresentamos as duas grafias que serviram de entrada a esta explicação. Significa “moçambicano que trabalha nas minas da África do Sul”.

## Conclusão

Em jeito de conclusão, resta-me dizer que, na derivação, há uma forte tendência de formação de neologismos por sufixação e de neologismos por prefixação e sufixação. Isto quer dizer que são raros os casos de formas neológicas derivadas resultantes apenas por prefixação. O sufixo *ar* é o mais produtivo, uma vez que a partir deste sufixo, encontram-se várias formas neológicas.

A nível da composição, verifiquei que existe uma tendência para criações neológicas compostas para designar novos fenómenos socioprofissionais e associações criadas para diferentes finalidades.

Na oralidade, há cada vez mais tendência para surgirem reduções e para serem utilizados acrónimos em detrimento das siglas.

Na gíria, os jovens tendem a criar formas braquigráficas para designar nomes quer de grupos musicais, quer de vários objectos associados ou não à música.

## Referências Bibliográficas

CABRAL, António C. Pereira, 1972. Pequeno Dicionário de Moçambique (Moçambicanismos e termos nativos mais correntes), Lourenço Marques, ed. do Autor.

COLLINOT, A., MAZIÈRE, F. 1997. *Un prêt à parler: le dictionnaire*, Paris, PUF.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley, 1990. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 7ª ed., Lisboa, ed. João Sá da Costa.

DIAS, Hildizina Norberto, 2002. *Minidicionário de Moçambicanismos*, Maputo

DUBOIS, Jean et alii, 1989. *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse.

ELUERD, Roland, 2000. *La Lexicologie*, Que sais-je? Le point des connaissances actuelles, collection Encyclopédique, Paris, PUF.

GAUDIN, François e GUESPIN, Louis 2000. *Initiation à la lexicologie française. De la néologie aux dictionnaires*, Bruxelles, Champs Linguistiques, Bruxelles, éd. Duculot.

KOCOUREK, Rostislav, 1991. *La Langue française de la technique et de la science. Vers une linguistique de la langue savante*, 2ª ed., Germany, Wiesbaden: Oscar Brandstetter Verlag GMBH & CO.KG Wiesbaden.

KOCOUREK, Rostislav, 1991. "Textes et termes" in *META: La Terminologie dans le monde: orientations et recherches/ Terminology in the world: trends and research*, Journal des Traducteurs/Translator's Journal, vol. 36, nº 1, mars, 1991, Montréal, Les Presses de l' Université de Montréal.

LEHMANN, Alise, MARTIN-BERTHET, Françoise, 2000. *Introduction à Lexicologie sémantique et morphologie*, Lettres SUP, Paris, éd. Nathan.

LINO, Maria Teresa et alii, 1991. "Terminologia da Lexicologia e Lexicografia; Terminologia da Terminologia e Terminografia", in *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol.II, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, APL.

LOPES, Armando Jorge, SITO, Salvador J., NHAMUENDE, Paulino J., 2002. *Moçambicanismos. Para um léxico de usos de Português Moçambicano*, Maputo, Livraria Universitária.

LOPES, Armando Jorge, 1997. *Política Linguística. Princípios e Problemas*, Maputo, Livraria Universitária.

MENDES, Irene, 2000. *O Léxico no Português de Moçambique. Aspectos neológicos e terminológicos*, Maputo, Promédia.

POLGUÈRE, Alain, 2003. *Lexicologie et sémantique lexicale. Notions fondamentales*, Paramètres, Canada, Les Presses de l'Université de Montréal.

PRUVOST, Jean, SABLAYROLLES, Jean-François, 2003. *Les néologismes*, Que sais-je? Paris, PUF.

RONDEAU, Guy, 1984, *Introduction à la Terminologie*, 2ª ed., Chicoutimi, Québec, Canada, Gaëtan Morin éditeur.

SABLAYROLLES, Jean-François, 2000. *La néologie en français contemporain. Examen du concept et analyse de productions néologiques récentes*, Paris, Honoré Champion Éditeur.

## NEOLOGIA TERMINOLÓGICA: EVOLUÇÃO CONCEPTUAL E SEMÂNTICA

• Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (Portugal) unl.tlino@mail.telepac.pt

• Madalena Contente

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa - (Portugal)

madalena.contente@gmail.com

**RESUMO:** Esta comunicação tem por objecto a terminologia da Medicina, que apresenta um número significativo de neónimos (neologismos terminológicos) relativos a conceitos não estabilizados ou não harmonizados pela comunidade científica médica. A dinâmica da ciência reflecte-se na evolução dos conceitos e na própria língua de especialidade, onde novos termos são criados para denominar novos conceitos e/ou mudanças conceptuais; surgem, conseqüentemente, neologismos terminológicos que designam não apenas novos conceitos, mas também novas particularidades cognitivas relativas à evolução de um conceito. Estas questões estão subjacentes a vários fenómenos terminológicos; por um lado, a estabilidade conceptual reflecte-se nas denominações e nas definições de termos; por outro lado, a instabilidade, a evolução conceptual, o processo de construção e criação de novos conceitos científicos têm como consequência o aparecimento de novos traços conceptuais que, no plano do sistema linguístico, se traduzem por variantes terminológicas, neologismos, sinónimos, polissemias, entre outros; esses novos traços conceptuais delimitadores do campo conceptual do novo conceito são explicitados na definição terminológica, muitas vezes formulada pelo cientista quando apresenta um novo conceito e um novo termo à comunidade científica. A neologia, a variação lexical e terminológica da Língua Portuguesa, nos países de língua oficial portuguesa, onde a língua está em constante evolução, resultante da coabitação com outras línguas e culturas, merecem uma descrição urgente por parte da Rede de Neologia e Terminologia da Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** neologismo terminológico, variação terminológica.

**1.** Este artigo tem como tema central a neologia terminológica e a variação terminológica na língua de especialidade da Medicina, na Língua Portuguesa, em Portugal e nos outros países de Língua Oficial Portuguesa, onde a língua não cessa de evoluir, pelo facto de estar em contacto com outros tipos de línguas e de culturas.

A neologia, a variação lexical e terminológica da Língua Portuguesa, nos países de países da CPLP merecem uma observação e descrição urgente por parte da Rede de Neologia e Terminologia da Língua Portuguesa<sup>24</sup>.

Os critérios de identificação dos fenómenos de neologia, tradicionalmente aceites, são, hoje, insuficientes para dar conta desta nova realidade; os *corpora textuais e lexicográficos*, os bancos de terminologia internacionais e os documentos produzidos por instituições nacionais de normalização continuam a ser parâmetros importantes, mas não conseguem contribuir de uma forma clara e inequívoca na delimitação de um neónimo (neologismo terminológico), em consequência da dinâmica da língua nos vários países de Língua Portuguesa, com culturas específicas.

**2.** A informática de orientação textual, a Linguística de *corpora* a Terminologia textual vieram problematizar a relação significação/sentido numa perspectiva de semântica textual. Esta nova abordagem textual, assim como a descrição dos fenómenos de variação em contexto constituem uma transgressão aos princípios clássicos da terminologia wusteriana que privilegiava a tríade termo/conceito/referente, preconizando a monosemia do termo científico e técnico. Em consequência destas novas perspectivas e das novas propostas da Socioterminologia e da Terminologia Cultural, a nossa investigação incide, hoje, sobre a neologia terminológica, os vários tipos de variação terminológica aos quais se associam aspectos de lexicultura,

<sup>24</sup> Projecto da Linha de Investigação de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa que mereceu o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

presentes em muitos neónimos e termos científicos. Todos estes fenómenos linguísticos têm uma grande incidência na descrição terminológica, na lexicografia de especialidade, na tradução e no ensino-aprendizagem das línguas de especialidade.

Paralelamente a estas particularidades linguísticas, temos um interesse especial pelo estudo da variação fonomorfo sintáctica e da variação semântica, isto é, a polissemia<sup>25</sup>, a sinonímia<sup>26</sup>, a reformulação terminológica<sup>27</sup> e a fraseologia<sup>28</sup>, fenómenos que participam muitas vezes na neónimia<sup>29</sup> e que são, por vezes, portadores de elementos de lexicultura.

Para estas investigações partimos de *corpora textuais de especialidade* informatizados constituídos por textos recentes altamente especializados, isto é, obras e revistas científicas, teses de doutoramento e de mestrado.

Em paralelo, temos *corpora lexicográficos de especialidade* caracterizados por novas macros e micro-estruturas de dicionários terminológicos recentemente elaborados.

Como os *corpora textuais de especialidade* envelhecem rapidamente, em consequência da evolução do conceito científico, utilizamos *corpora orais de especialidade* recolhidos junto de especialistas, em situação de comunicação especializada.

A organização dos *corpora* depende do objectivo da investigação; assim, por vezes, optamos por constituir *corpora monolíngues, bilingues ou pluríngues*; no entanto, os *corpora comparáveis* de variantes da língua Portuguesa da Língua Portuguesa de Portugal, do Brasil<sup>30</sup>, de Angola<sup>31</sup>, de Moçambique<sup>32</sup>, da Guiné-Bissau<sup>33</sup> e de Cabo-Verde<sup>34</sup> têm como objectivo a observação da neologia de língua corrente e da neologia científica e técnica, em particular no domínio da Medicina e das ciências da saúde.

3. A dinâmica das ciências reflecte-se nas línguas de especialidade das várias áreas do conhecimento, onde novos termos são criados para denominar novos conceitos e mudanças conceptuais de conceitos já existentes; surgem neónimos (neologismos terminológicos) que designam novos conceitos ou novas particularidades cognitivas relativas a um novo conceito, no seio de um sistema terminológico.

Nos discursos de especialidade que integram os *corpora* de especialidade de Medicina observamos um número significativo de neónimos de discurso (neologismos terminológicos) relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados.

Estes neologismos podem ser analisados numa perspectiva diacrónica, sublinhando a instabilidade e o recurso à formação de um novo termo para designar um novo conceito ou uma nova particularidade conceptual.

A título de exemplo, apresentamos um conjunto de designações relativas a um determinado período de instabilidade conceptual: “gripe mexicana”, “gripe suína”, “gripe influenza A H1N1”, “gripe A (H1N1)”, “gripe A”. Nestes exemplos, a instabilidade neónímica é uma consequência da instabilidade e variação conceptual dada através da ocorrência de várias designações para o mesmo conceito, numa fase em que este ainda não tem contornos precisos. Estes fenómenos têm, frequentemente, como consequência o aparecimento de vários termos sinónimos que coabitam no sistema terminológico da Medicina.

A partir do momento em que o conceito científico é descrito e harmonizado pela comunidade científica, tornando-se numa entidade estável, essa mesma comunidade preocupa-se em encontrar um termo harmonizado ou normalizado,

25 Cf. GARCIA, Lurdes (2003).

26 Cf. CONTENTE, Madalena (2008).

27 Cf. CONCEIÇÃO, M. Célio (2001).

28 Cf. GONÇALVES, Sónia (2003).

29 Cf. LINO, Teresa (2003).

30 Cf. FILHO, Sebastião (2006).

31 Cf. CHICUNA, Alexandre (2009).

32 Cf. MENDES, Irene (2009).

33 Cf. SCANTAMBURLO, Luidgi (1999).

34 Cf. TAVARES, Alice (2009); GRAÇA, Evódea (2010).

evitando a ambiguidade da comunicação especializada; consequentemente, alguns sinónimos passam a ocorrer com menos frequência, envelhecendo e, por vezes, tendem a desaparecer no discurso científico; assim, “gripe mexicana”, “gripe suína” não são mais termos especializados, mas passaram a integrar níveis de vulgarização de vários tipos de contextos comunicacionais.

Os termos braquigráficos “gripe influenza A H1N1”, “gripe A (H1N1)” são os termos harmonizados pela comunidade científica após a harmonização e estabilização conceptual. No termo, “gripe A (H1N1)”, houve uma elipse de *influenza*, fenómeno muito frequente nas línguas de especialidade, muito em especial na terminologia médica.

O termo “gripe A” pertence a um nível de vulgarização e entrou, praticamente, no léxico da língua corrente.

Assistimos a uma diacronia no âmbito de uma terminologia que traduz a evolução rápida de um conjunto de termos médicos, em consequência de uma evolução conceptual e semântica num curto espaço de tempo.

As línguas de especialidade e as suas terminologias são estratificadas e caracterizadas por diferentes níveis de especialização: níveis altamente especializados, níveis de banalização e vários níveis de vulgarização.

No presente ano, com o surto de “infecções por *Escherichia coli* enterohemorrágica”, na Alemanha, a Direcção Geral de Saúde de Portugal apresentou informação periódica aos médicos e aos meios de comunicação social sobre este problema. Estes esclarecimentos continham orientações e dados quanto ao número de casos de “síndrome hemolítico-urémico”, referentes às pessoas que contraíram a doença na Alemanha ou noutros países como Suécia, Holanda, Dinamarca, França e Reino Unido, mas que tinham história de viagem à Alemanha.

Estes documentos e outros textos integrados nos *corpora* textuais apresentam termos e fraseotermos que designam não apenas a “infecção por *E. coli*”, mas também a “complicação por *E. coli*” ou a “complicação de gastroenterite aguda por infecção à *Escherichia coli*” ou “complicação de gastroenterite aguda por infecção à *Escherichia coli* produtora de toxina enterohemorrágica”.

Nos *corpora* de textos médicos altamente especializados, seleccionámos conjuntos de termos que passamos a apresentar:

- 1) termos sinónimos resultantes de variantes lexicomorfo sintácticas; no segundo termo houve uma abreviatura de *escherichia*:  
 “estirpe hemorrágica da bactéria *escherichia coli*”  
 “estirpe bacteriana de *e.coli* hemorrágica”
- 2) termos sinónimos resultantes de variantes morfo sintácticas; no segundo termo podemos observar uma elipse do adjectivo “hemorrágica”:  
 “estirpe hemorrágica *e.coli*”  
 “estirpe de *e.coli*”
- 3) neónimos que integram *e.coli*:  
 “estirpe tóxica de *e.coli*”  
 “nova variante da estirpe da bactéria *e.coli*”  
 “estirpe bacteriana 0104:H4 de *e.coli* hemorrágica (EHEC)”
- 4) termos sinónimos em que um deles apresenta a forma reduzida *e.coli* :  
 “*escherichia coli* enterohemorrágica” ; sigla : EHEC

“*e.coli* enterohemorrágica” ; sigla : EHEC

\*nota: a sigla EHEC usada em português tem origem no termo inglês:  
“enterohemorrágic *e.coli*”

5) neónimos sinónimos em que um deles integra uma sigla:

“infecção por *e.coli* enterohemorrágica”  
“infecção por EHEC”

6) sinónimos resultantes também de variantes morfossintáticas:

“síndrome hemolítico-urémico” ; sigla: SHU  
“síndrome urémico hemolítico”

Estes conjuntos de termos dão conta da evolução e da variação conceptual do conceito “*escherichia coli*” e do aparecimento de um novo conceito que, durante um determinado período, foi analisado, descrito e harmonizado pela comunidade científica médica.

As alíneas 4), 5) e 6) apresentam os termos com um carácter neónimico, que reflectem uma progressiva estabilidade conceptual:

“*escherchia coli* enterohemorrágica” ; sigla : EHEC  
“*e.coli* enterohemorrágica”

“infecção por *e.coli* enterohemorrágica”  
“infecção por EHEC”

“síndrome hemolítico-urémico” ; sigla: SHU  
“síndrome urémico hemolítico”

Estes termos, neologismos e variantes terminológicas existem também nos *corpora* de especialidade dos países de Língua Oficial Portuguesa. No entanto, em *corpora* de textos brasileiros, encontramos algumas variantes específicas a essa norma:

“*escherchia coli* êntero-hemorrágica” ; sigla : ECEH  
“síndrome hemolítica urémica” ; sigla : SHU

4. A neologia e a variação terminológicas têm causas múltiplas e, por vezes, não possuem limites claros; no entanto não podemos confundir conceito, neologismo terminológico, candidato a termo, termo e unidade lexical da língua corrente.

As Normas ISO 1087-1 e 704 que têm como objecto a “Terminologia da Terminologia” e o “Trabalho em Terminologia: Teoria e Aplicação” definem conceito como “unidade do conhecimento criada por uma combinação única de características” e termo como a “designação verbal de um conceito numa língua de especialidade num domínio específico”. Estes documentos definem neologismo terminológico como “um novo termo criado para designar um novo conceito” ou uma nova particularidade cognitiva do conceito.

Segundo a Norma ISO 1087-1, a harmonização dos conceitos designa a “actividade que consiste em reduzir ou eliminar as diferenças entre dois ou mais conceitos”; a harmonização dos conceitos constitui parte integrante da normalização que tem uma vocação internacional e um carácter de obrigatoriedade.

Por outro lado, segundo esta mesma Norma, a harmonização dos termos diz respeito à “actividade que visa designar, nas várias línguas, um mesmo conceito por termos que reflectem características idênticas ou similares ou cuja forma

é a mesma ou similar”.

5. Concluindo, a neologia terminológica e a variação terminológica exigem uma observação constante da língua; hoje, essa análise incide sobre diferentes tipos de *corpora* escritos e orais de línguas de especialidade ou de *corpora* lexicográficos, por parte de terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos.

A harmonização conceptual é efectuada exclusivamente pela comunidade científica e tem, muitas vezes, um carácter internacional; no entanto, em muitas áreas do conhecimento, o conceito é sensível a elementos de cultura e a estruturas da sociedade.

Alguns aspectos da harmonização conceptual reflectem-se na harmonização terminológica que é exercida sobre a língua e que tem por objectivo uma reflexão sobre os vários tipos de neologia terminológica e as diferentes modalidades de variação terminológica. Do trabalho de equipa realizado em colaboração entre terminólogos e especialistas de uma comunidade científica resultará, por consenso, uma terminologia a ser utilizada por esses especialistas e, se possível, pelos vários países de Língua Oficial Portuguesa.

Por último, queremos sublinhar que a harmonização terminológica tem que ter em conta e registar as variantes terminológicas específicas a cada país de Língua Portuguesa; são variantes morfossintáticas ou variantes semânticas (polissemias, sinónimos) que muitas vezes exprimem elementos de cultura, muito em especial as de carácter semântico.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda (Org.) (2010) *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo, Paulistana, CNPq.

BÉJOINT, Henri et THOIRON, Philippe (2000) *Le sens en terminologie*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, Travaux du Centre de Recherche en Terminologie et Traduction, Université Lumière – Lyon 2.

BENTO, Joaquim Rodrigues (2007) *Da construção do corpus à construção de uma ontologia e base de conhecimentos terminológicos*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

CHICUNA, Alexandre (2003) *Léxico Português-Kyiombe do Corpo Humano: particularidades dos morfemas flexionais*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

CHICUNA, Alexandre (2005) “A situação em Angola. Os termos do coberto arbóreo no Mayombe (Cabinda)”, *Terminómetro - A terminologia em Portugal e nos países de língua portuguesa em África*, número especial, União Latina, p.78-82.

CHICUNA, Alexandre (2009) *Tratamento Lexicográfico dos Portuguesismos em Kyiombe*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.

CONCEIÇÃO, M. Célio (2005) *Concepts, Termes et Reformulations*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

CONTENTE, Madalena (2008) *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Colibri, 2008.

CONTENTE, Madalena e FILHO, Sebastião (2009), “A criação neológica nas variantes portuguesa e brasileira”, *II SIMELP 2009*, Universidade de Évora, *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas* (Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva, 2010, Universidade de Évora.

COSTA, Rute (2001) *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

COSTA, Rute e SILVA, Raquel (2004) "The verb in the terminological collocations. Contribution to the development of a morphological analyser", *Proceedings LREC 2004 –IV International Conference on Language Resources and Evaluation*, Lisboa, p.1531-1534.

DECHAMPS, Christina (2006) *Problemáticas do ensino/aprendizagem das colocações de uma língua de especialidade a um público alófono: o caso do francês jurídico a aprendentes portugueses*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

FILHO, Sebastião C. Silva (2006) *Dicionário contextual da toxicodpendência: a polissemia nos neologismos técnicos e científicos*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

GARCIA, Lurdes (2003) *Dicionário Terminológico de Senologia, CD-ROM*, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e Sociedade Port. de Senologia, Lisboa.

GARCIA, Lurdes (2003) *O Semantismo Referencial nos processos Terminogénicos da Terminologia da Senologia*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

GONÇALVES, Sónia (2003) *Reflexões em torno da neonímia: fraseologia e colocações neonímicas*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

GRAÇA, Evódea (2010) *Terminologia do Direito Processual Civil em Cabo Verde*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

GRÔZ, Ana Pita (2008) "Dicionário bilingue de Medicina (Português-Kimbundu)", Tese de Mestrado, Universidade Agostinho Neto.

HEITOR, Olga (2006) *e-Dicionário de especialidade: a fraseologia denominativa*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa

LINO, Teresa (1991) "Terminodidáctica: uma nova área de investigação", in *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, p.14.

LINO, Teresa (2001) "De la néologie à la lexicographie spécialisée d'apprentissage", *Cahiers de Lexicologie* 78 - Hommage à Robert Galisson, Paris, Honoré Champion, p.139-145.

LINO, Teresa (2003) "Lexicographie de spécialité Plurilingue – Médecine et Pharmacologie en Langues Néolatines" in *Actes du séminaire interlatin de San Millan in la Cogolla*.

LINO, Teresa (2004) coordination de "Vocabulaires de spécialité et lexicographie d'apprentissage en langues-cultures étrangères et maternelles", *Etudes de Linguistique Appliquée* 135, Paris, Klincksieck, Didier Erudition.

LINO ; Teresa (2006) « Langues de spécialité : variantes terminologiques de la langue portugaise – Portugal et Brésil », *Actes du Colloque Cette Terre Brésilienne/Esta Terra Brasileira*, Université Lumière – Lyon 2, Lyon.

LINO, Teresa (2006) « Contextes et néologie terminologique dans le domaine médical », *Actes des Journées Scientifiques « Mots, Termes et Contextes »*, Réseau Lexicologie, terminologie et Traduction, Bruxelles.

LINO, Teresa e PRUVOST, Jean (2003) coordination de *Mots et Lexiculture – Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré Champion.

LINO, Teresa (2007) « Néologie et polysémie dans la terminologie médicale », *Actes Mots de la Santé*, Université Lumière – Lyon 2, Lyon.

LINO, Teresa, MEDINA, Daniel, MOREIRA, José Domingos, CHICUNA , Alexandre (2007) "Rede de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa (em situação de contacto de Línguas)" in *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Praia, Cabo Verde.

LINO, Teresa (2009) "Idiomaticité en portugais d'un point de vue de la terminologie: ccollocations terminologiques et néonymie", in *Actes du Colloque Idiomaticité des Langues Romanes*, Paris, Université de Paris 8, le 11 et 12 décembre 2009, no prelo.

LINO, Teresa, CHICUNA, Alexandre, GRÔZ, Ana Pita., MEDINA, Daniel (2010) "Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas", *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12(2)Universidade de S. Paulo.

MENDES, Irene (1994) *O léxico do português em Moçambique. Aspectos neológicos e terminológicos*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

MENDES, Irene (2005) "Terminologias em Moçambique", *Terminómetro - A terminologia em Portugal e nos países de língua portuguesa em África*, número especial, União Latina, p.83.

MENDES, Irene (2009) *Da Neologia ao Dicionário. O caso do Português de Moçambique*, Universidade Nova de Lisboa.

NORMA ISO 1087 – 1 (2000)

NORMA ISO 704 (2009)

OLIVEIRA, Isabelle (2009) *Nature et fonctions de la métaphore en science. L'exemple de la cardiologie*, Paris, l'Harmattan.

QUEMADA, Bernard (1990) "Lexicographie", *Lexicon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, vol.V, I Tubingen, Max Niemeyer.

SCANTAMBURLO, Luigi (1999) *Dicionário do Guineense*, Lisboa, Colibri, vol I.

SILVA; Raquel, COSTA, Rute, FERREIRA Fátima (2004) "Entre langue générale et langue de spécialité: une question de collocations", *Etudes de Linguistique Appliquée* 135, Paris, Klincksieck, Didier Erudition, p.347-359.

SILVA, Raquel (2004) "Dynamique dénomminative et productivité morphologique en imagerie médicale", in *Actes du Colloque la Mesure des Mots – Hommage à Philippe Thoiron*, Université Lumière Lyon 2, Lyon.

TAVARES, Alice (2009) *As colocações nominais de base metafórica no domínio da economia*, Tese de Mestrado, Universidade Nova Lisboa.



## A CRIAÇÃO LITERÁRIA COMO SUBVERSÃO DA/NA LÍNGUA PORTUGUESA

Viviane de Cássia Maia TRINDADE<sup>35</sup>

**RESUMO:** Por meio da leitura do romance *Terra Sonâmbula*, do escritor Mia Couto, o presente artigo propõe uma reflexão sobre a maneira como a língua portuguesa, imposta pelos colonizadores, é subvertida através da criação literária. Buscar-se-á elucidar algumas estratégias usadas pelo autor ao entrelaçar a tradição e o moderno no exercício de uma escrita oralizada, sem padrões fixos que regularizem esta língua outra. Como exemplo, serão analisados os efeitos de sentido criados por alguns neologismos, que dão mais expressividade à língua, e provérbios que, na obra, aparecem com sentidos invertidos, muitas vezes embaralhando palavras, imagens e os significados originais, criando, assim, novas palavras e novas formas de dizer as coisas e o seu estado. Tais estratégias se revelam como técnica narrativa desse autor que, a partir de um movimento de renovação da tradição moçambicana, no dizer de Inocência Mata (1998: 264), atualiza o processo de criatividade linguística inovando uma ideologia de expressão para pensar e dizer o país no período pós-colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismos; Provérbios; Subversão à língua portuguesa; Mia Couto; *Terra Sonâmbula*.

Lidar com a língua portuguesa, entre os escritores africanos, parece ser sempre uma oportunidade de subversão da língua imposta pelo colonizador. As estratégias variam: mistura da realidade com fantasia de forma mágica, criando entrelaçamentos entre a tradição e o moderno; a invenção de escrita que dialoga com a oralidade, sem que padrões fixos regularizem esta língua outra, que vai sendo criada à medida que é usada; a hibridação cultural como identidade. Essas investidas na língua, a partir da literatura, evidenciam um movimento que é constante em busca de feições próprias tanto de nação como de produção literária e intelectual. No presente estudo, será feita uma análise da obra *Terra Sonâmbula*, buscando ressaltar elementos de subversão presentes na escrita de Mia Couto.

Nesse romance, pode-se perceber a consciência do escritor do seu papel na intervenção do processo linguístico com a finalidade de exprimir, em língua portuguesa, as raízes culturais de Moçambique, transformando a língua do colonizador na língua que adquire os valores africanos, sem que, com isto, *Terra Sonâmbula* se torne uma obra panfletária. Há, nesse livro, dois planos de narrativas, um de que fazem parte Muidinga e Tahir, expresso no presente; outro feito por Kindzu, nos cadernos. Segundo Rosânia Silva (1994: 58-59), na história narrada no presente, há uma maior contenção no que se refere às inovações; já a linguagem utilizada nos cadernos, na narrativa passada, é mais elaborada e mais sujeita às transgressões. A professora ainda acrescenta que o próprio Mia Couto se pronuncia sobre o recurso de criação verbal, dizendo acreditar que a língua portuguesa deve ser ensinada pelas normas, e que o aparecimento das variantes deve ser resultado não da ignorância, mas de uma proposital incursão de culturas. O que demonstra ser esta uma técnica consciente da criação literária de Couto.

Uma forma recorrente de transgressão de linguagem encontrada no romance em estudo é o uso de neologismos, estratégia literária que torna a língua ainda mais expressiva. Nessa obra, “Mia Couto faz uso de um português atravessado por expressões, invenções, “brincadeiras”, como ele mesmo diz, evidenciando o desarranjo que impõe à sua língua literária.” (Fonseca; Cury, 2008: 23). Existe um trabalho de linguagem, ora para dar o efeito de dilatar, aumentar algo, ora o efeito contrário. Às vezes, mostra a extensão da dor, do sofrimento; outras vezes transmite a ideia de ternura, alegria, esperança. São inúmeros os exemplos encontrados em *Terra Sonâmbula* que revelam os efeitos sempre poéticos dos neologismos de Couto em formação de adjetivos, verbos, acrescentando outro valor semântico às palavras originais e unindo opostos a fim de apresentar as próprias contradições humanas. A estratégia usada por Mia Couto no texto em questão é romper com os limites lexicais, criando neologismos ou criando um estranhamento a partir da aproximação inesperada entre imagens ou a inversão de imagens já cristalizadas em

<sup>35</sup> PUC Minas, Letras, Mestranda do programa de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa. Rua Nova Era, 21, CEP 35413-000, Santo Antônio do Leite, Minas Gerais, Brasil, vivianemaia.f@gmail.com

muitos provérbios. Abaixo, apresentam-se alguns exemplos de neologismo presentes no romance de Mia Couto, seguidos de uma breve análise.<sup>36</sup>

- “Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam **bambolentos** como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram.” (p.9): bambo + lento – a combinação acertada de duas qualidades que intensificam um estado de cansaço dos dois companheiros de tanto caminhar, sem destino.
- “O velho sai aos desengonços, **tropernando** pelas escadas do machimbombo.” (p.48): tropeçar + perna + desinência verbal – uma brincadeira que exprime a ideia de tropeçar nas próprias pernas, e, sendo já velho, o corpo torna-se sua própria armadilha.
- “O menino cada vez mais se dificultava em falar, **atarantonto**. Ao ver a criança assim rarefeita, Tuahir sentiu descer-lhe da cabeça o coração.” (p.53): atarantado + tonto – o neologismo é uma soma de qualidades que não se opõem, antes, reforçam o estado do menino que, no contexto, foi envenenado.
- “Vejam a pedra em que me sento: parece morta, enquanto não, vive devagarinho, sem barulho. Como eu, conclui. Depois, se volta a zangar, **manifestivo**. O velho **braceja**, boca fora dos bofes.” (p.67): manifestar + festivo – combinação inusitada entre termos que, porém, lembram movimentos corporais frenéticos, típicos de quem está em estado de raiva. Sentido que é reforçado pelo termo seguinte: braço + desinência de verbo, que reforça o sentido de movimentos intensos, nesse caso, dos braços. Nesta passagem há também uma ideia de antítese provocada pelas aparências entre a pedra e o velho. Assim, como a pedra, Tuahir parece morto, inanimado, mas, semelhante a ele, a pedra vive, devagarinho, sem barulho. Nesse jogo de contrários, dá-se uma fina ironia, com grande efeito poético.
- “Mas quando o primeiro fruto foi cortado, do golpe espirrou a imensa água e, em **cantaratas**, o mar se encheu de novo afundando tudo e todos.” (p.24): cantar + cataratas – a junção do verbo com o substantivo permite um efeito quase sinestésico da queda d’água.
- “Certo foi minha mãe, após a viuvez, se **enconchar**, triste como recanto escuro.” (p.24): prefixo em + concha + desinência verbal: o neologismo refere-se a uma ação intencional do próprio sujeito em fechar-se do mundo, pois se o recanto é escuro, assim, está-se protegido do resto do mundo.
- “Farida, cada avanço dele a **doídoendo**. Joelhos no peito, ela se **pequeninava**.” (p.94): doi + doendo – a junção dos termos intensifica a dor de Farida, num sofrimento particular, que se parte de uma condição psicológica, logo se torna visceral, ideia reforçada pela segunda parte do trecho, tornou-se pequena, dobrando-se sobre si mesma. Já aí, o tom para descrever Farida é de ternura, como que para uma menininha abandonada à própria dor.
- “Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, **sonhambulante**. Siqueleto esvaído, Nhamataca fazendo rios, as velhas caçando gafanhotos, tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada.” (p.137): sonho + ambulante – esse termo é precioso para toda a obra, condição primeira de todos os personagens, marca o estado em que se encontram, vagam pelos espaços sempre duplos do real e do fantástico.

As novas palavras e novas formas de dizer de Mia Couto, de nomear as coisas e o seu estado, são uma “[...] prolífera reinvenção do significante e do significado para dizer o país (por vezes quase indizível) [...]” (Mata, 1998: 265). Essa transgressão dos sentidos a partir de uma ação criativa de anular o significado literal da língua e sua função designativa em favor de uma liberdade maior de expressão permite ao escritor conjugar situações, valores e normas que no plano extratextual já sofreram transformações pelas condições de violência, subjugação e pelas relações entre as culturas diversas na Moçambique pós-colonial.

A questão aqui não é somente de formação de palavra, mas é, principalmente, sua função como estrutura de efeitos desse texto. O que a transformação linguística proposta no texto parece sugerir é a própria operação de transgredir a função denotativa da língua de maneira que ela possa deixar que o imaginário a ocupe. A língua se despotencializa tomando-se seu próprio análogo, pois ela tem sua função designativa convertida em figurativa. A língua, tal como todos

<sup>36</sup> As citações de *Terra Sonâmbula* usadas neste artigo são da edição da Companhia das Letras, 2007.

os elementos constituidores do produto do ato de fingir, sofre transgressões devido aos relacionamentos provocados pelos atos de seleção de elementos do mundo vivido e a nova combinação destes no texto literário. As modificações da língua por seu próprio artifício, no texto ficcional, anunciam a impossibilidade de dizer aquilo que faz parte de uma realidade que não para de sofrer modificações. Dessa maneira, o leitor terá que experimentar a nova estrutura mobilizando e liberando seu próprio imaginário na tentativa de nomear suas experiências por meio de termos cujos significados não se cristalizam em formas ou sentidos fixos.

Ainda no campo da linguagem, outra configuração das transgressões são os provérbios cujos sentidos são modificados pela sua construção textual invertida. Para Terezinha Moreira (2005: 113-121), a tradição oral é uma das vozes que atravessa a voz do narrador e manifesta uma concepção de mundo que é informada pelos textos. Paul Zumthor, citado por Terezinha Moreira, considera que o provérbio

[...] se integraria ao discurso constituindo uma estrutura vazia a ser preenchida conforme o contexto no qual se insere. Por processar o intercâmbio entre texto/contexto, o provérbio promoveria, ainda, a ligação entre esses e os elementos internos do discurso. Ele ocuparia, portanto, um lugar estratégico no enunciado, participando do jogo intertextual e não apenas sendo considerado em seu aspecto isolado. (Zumthor *apud* Moreira, 2005: 114).

Parece ser isso o que ocorre no trecho que segue, extraído de Terra Sonâmbula:

[...] com a licença do outro, Tuahir recorda a estoriuzinha do pai de fazedor de rios. O homem vivia só, se lamentando: antes mal acompanhado! Habitava na esteira de um rio largo, tão largo que deitava a pequeno qualquer tamanho de outra margem. Lhe doía a vida, indevida em um só indivíduo” (Couto, 2007: 86).

No sentido assinalado por Terezinha Moreira (2005), Mia Couto se utiliza do provérbio “antes só do que mal acompanhado” para evidenciar justo o contrário. Para marcar como se sente o indivíduo solitário, o provérbio é expresso pelo personagem no sentido inverso, enfatizando seu descontentamento com uma vida sem companhia e desejando a presença de alguém independente de quem seja.

Na sequência dessa “estoriuzinha” contada por Tuahir, uma expressão é utilizada de forma subvertida. Tendo esse homem solitário avistado na outra margem do rio um outro ser, improvisa uma jangada para ir a seu encontro. O narrador prevê um naufrágio expressando-se da seguinte forma: “A barcaça não resistia, o caudal do rio a ver com quantos paus se desfaz uma canoa” (Couto, 2007: 87). O efeito de humor provocado pelo jogo de palavras e sentidos empregados aqui revela a eficácia expressiva da desconstrução de frases feitas e a edificação de outro sentido pelo contexto.

O provérbio “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” é modificado para falar da condição de total instabilidade do caráter humano “nos atuais dias”, mais precisamente dos administradores autoritários e corruptos que exerciam poder de morte e vida sobre todos. E, Kindzu, ao ser surpreendido por uma ordem de Shetani, o administrador, para acompanhá-lo sob a mira de uma pistola, mantinha-se sob alerta, suspeitando das artimanhas do homem. Por isso a situação em que Kindzu estava foi descrita do seguinte modo: “Estava numa dessas situações em que nem água é mole nem a pedra é dura” (Couto, 2007: 141).

Em outra passagem, o mesmo Shetani, em tom de ameaça, refere-se a Quintino: “Este gajo tem os dias descontados!” (Couto, 2007: 130). A troca dos termos “contados”, da expressão original, por “descontados” cria um efeito de mais precisão do significado, deixando, assim, bem claras as intenções do administrador em relação ao bêbado Quintino.

Também a expressão “Os dois se riram, alto e mau som.” (Couto, 2007: 131) refere-se a Shetani e a um de seus comparsas. Nessa situação, quando aquele diz qualquer coisa ao ouvido de Abacar sobre a prostituta cega, na troca

de “bom som” para “mau som”, tem-se um efeito eficiente do sentido de malícia na conversa trocada entre os dois personagens.

Com a intenção de expressar a decadência das relações em que se encontram as pessoas, na passagem em que Kindzu se encontra com a prostituta cega, Juliana Batista, em um bar cheio de bêbados, reduto naquela terra em guerra, ouve-se do narrador a seguinte frase quando Juliana manda sair seu cão-guia: “Obediente o cachorro meteu as pernas entre o rabo e saiu.” (Couto, 2007: 131). Essa expressão trocada provoca um embaralhamento das imagens entre pernas e rabo, além do que o termo rabo sendo deslocado para o fim da frase fixa o leitor no sentido duplo, malicioso da situação que envolve a prostituta e suas atividades. Ao alterar o dito, o provérbio soma ironia ao absurdo. O efeito criado pelo embaralhamento das palavras e imagens expressa a própria condição dos personagens que contracenam nessa passagem, ou estão bêbados ou são cegos.

No sétimo caderno de Kindzu – Um guia embriagado – as expressões e os ditos invertidos que foram analisados são responsáveis pelo sentido insólito das circunstâncias vividas pelas vítimas e algozes numa terra assolada, não só pela guerra, mas também pela falta de caráter e pela covardia. Viver assim é uma temeridade, pode-se traduzir assim o sentido contido nas intempéries narradas por Kindzu. O guia embriagado é Quintino, e ser embriagado ou se fazer de insano são alternativas para garantir a vida. Fingia-se de “tonto”, afinal, “em terra de cego quem tem um olho fica sem ele.” (Couto, 2007: 129).

A estratégia adotada por Mia Couto de estruturação de uma narrativa por meio de provérbios e expressões com termos trocados, invertidos, reelaborados revela a clara intenção do autor de reinventar a língua portuguesa. Assim, esta serve de veículo à cultura do país que já não é mais colônia. Para Inocência Mata (1998), nas estratégias presentes no uso de neologismos, na criação lexical e no provocativo encontro da elocução oral com a elaboração da palavra poética, Couto atualiza o processo de criatividade linguística, que não é só da língua “[...] mas é sobretudo de nova ideologia de expressão, a que parece presidir uma específica *filosofia estilística*”. (Mata, 1998: 264).

Nas análises que Inocência Mata faz da produção literária de Mia Couto, salientam-se elementos da cultura popular que o autor mobiliza como sistema estruturante para construir a língua com a qual cria suas obras, “[...] que não é apenas construída pelas palavras mas também pelas linguagens (formas simples como mito, máxima, provérbio etc)” (Mata, 1998: 267). Dentro do texto, essas formas são usadas para subverter a linguagem e as ideias pré-concebidas. A eficiência no entendimento do que emerge desse artifício se dá pelos deslocamentos, degradação do conteúdo e desconstrução dos sentidos que são postos pela língua primeira (Moreira, 2005: 114).

A partir das formas como são inseridos no *corpus*, os enunciados ganham sentidos renovados que funcionam por si próprios. Segundo Inocência Mata (1998: 267), essas estratégias do autor revelam não só quais são suas matrizes estilísticas, mas também como estas se conjugam com matrizes socioeconômicas e políticas das culturas tradicionais. Nos artifícios de linguagem usados por Couto em Terra Sonâmbula, as palavras mantêm a sua genuína função de representar “vozes”. A oralidade continua a ser uma força comunicativa,

Apropriando-se das palavras que andam na boca do povo, o autor mastiga-as, digere-as, transformando-as, em suma, usando-as, tornando-as úteis, como fonte de conhecimento e de significação de uma nova cultura em português, cuja designação tem já pouco a ver com a matriz da “última flor do Lácio”. (Mata, 1998: 267).

Em Moçambique, assim como em outros países africanos de colonização europeia, a construção de identidade se faz em meio a grandes contradições, a partir do confronto entre etnias e culturas diversificadas. Os espaços são marcados por uma política de assimilação cultural, e sendo a língua um veículo privilegiado para exercer a dominação o é também para a libertação. Na clássica metáfora de Caliban e Próspero encontram-se os instrumentos conceituais de subversão do poder instituído pela língua do outro. Em A tempestade, última obra de Shakespeare, o disforme Caliban, que teve sua ilha roubada por Próspero, foi escravizado e teve de aprender uma nova linguagem, e, com aquelas

palavras, interpela seu algoz: “Ensinaste-me a falar; disso, o meu único proveito é saber amaldiçoar. Que a peste rubra vos roa, por me haverdes ensinado a vossa língua!” (Shakespeare *apud* Retamar, 1998: 17).

A subversão ao mundo imposto pelo outro se dá também pela instituição de novos mundos e realidades, nisso a literatura tem papel decisivo. Ao buscar na obra uma justificativa para o título, Terra Sonâmbula, pode-se destacar o estado de sonho, do transe como efeito de ritos ou a leitura dos cadernos numa referência direta à literatura como uma outra forma de mostrar o vivido. A literatura é o lugar por excelência da expressão/problematização da linguagem, na relação/oposição entre realidade e ficção ou verdade e ilusão. As práticas literárias propõem a reconstrução do mundo pelas palavras (Moisés, 1990, *passim*), já que o mundo em que vivemos não é satisfatório. A literatura nasce da falta e a linguagem, ao tentar supri-la, continua sentida como falta. Nessa perspectiva é que os neologismos criados por Mia Couto são *tentativas de dar conta* da nova realidade política, ideológica, social e cultural de Moçambique. Assim, sem que as tensões entre realidade e ficção sejam resolvidas, ao leitor é dada a oportunidade de entrever um outro mundo, ainda que provisório. Nesse entrecruzamento de realidade e ficção, o efeito de linguagem de Mia Couto, em Terra Sonâmbula, provoca uma suspensão irremovível, tanto da realidade como da ficção.

No processo de verossimilhança, o texto revela, ou antes, é onde se dá a consciência de que já não será fácil subsistir em equilíbrio quando se perde a crença em qualquer possibilidade de romper com o caos e as falhas da realidade no mundo. Assim, em Terra Sonâmbula, a história começa e termina na estrada, no mesmo ponto em que para alguns esta já havia acabado no machimbombo. São várias as passagens que comprovam isso:

- “A estrada me descaminhou. O destino o que é senão um embriagado conduzido por um cego?” (p. 203).
- “Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra.” (p. 9).
- “Aquele elefante se perdendo pelos matos é a imagem da terra sangrando, séculos inteiros moribundando na savana.” (p. 38).

Entretanto, a leitura dos cadernos reavivará nos olhos desses caminhantes a capacidade de sonhar outra vez. E, no entorno, verão a vida vencer o seu eterno combate contra a destruição e o caos. A escrita como transformadora da relação dos homens com a sua realidade e com o que está a sua volta torna-se encantamento graças à leitura coletiva, canto comum, tão necessário quanto os alimentos da terra. “O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos. Dividiram aquele encanto como sempre repartiram a comida” (Couto, 2007: 139). A leitura aqui evoca o poder da literatura, que por sua vez evoca outro mundo. Os cadernos de Kindzu são relatos ou testemunho de uma realidade vivida, mas é também a insinuação da literatura como possibilidade de um entendimento diferente, através de uma leitura poética, recriativa do que está na realidade.

É com essa mesma errância que Mia Couto institui a linguagem em sua obra. Na construção lexical e dos significantes a escrita é dilatada, dilacerada, distendida, líquida. É dessa forma que no campo da enunciação se pode entender que a condição dos personagens de Terra Sonâmbula é da incerteza identitária, de nenhum modelo uno, dogmático de identidade.<sup>37</sup>

A escrita se movimenta em um espaço aberto, rumo ao diverso que constitui e é constituído na e pela nação moçambicana. Assim, a narrativa de Mia Couto resgata histórias e sonhos, e, ao fazê-lo, “tece a poética de uma Relação que trama a tessitura das dinâmicas de resistência dos excluídos, em suas lutas cotidianas pela sobrevivência” (Rocha, 2002: s/n). À prerrogativa do real, da guerra, do mundo esfacelado e corrompido, o autor reage com ironia. Ao criar uma ficção que

<sup>37</sup> Para maior aprofundamento nas questões entre identidade e língua, ver: Ferreira, Márcia Souto. 2011. Estratégias narrativas e identidades deslizando em Venenos de Deus, Remédios do Diabo, de Mia Couto. Belo Horizonte, PUC Minas/Letras. (dissertação de mestrado).

tem como referente o seu país assolado, constrói uma narrativa em que a terra está sonâmbula, porque todos transitam nos espaços entre a realidade, a ficção, no mundo dos mortos, dos vivos, da magia, dos rituais, movimentando-se em busca da vida, da sobrevivência. Outros mundos são inventados, recriados por artifícios de linguagem, a qual funda uma nova “geografia linguística, uma nova ideologia para pensar e dizer o país.” (Mata, 1998: 264). E, no exercício de uma escrita oralizada, adquire-se o poder de metamorfosear o imaginário dos vivos. Ao subverter a língua, o moçambicano pode fundar, com a literatura, uma nova nação a partir de suas histórias, dos sonhos, da tradição, dos excluídos e de suas lutas de resistências.

Terra sonâmbula, como uma criação de Mia Couto, tem a forma determinada por esse autor para tematizar o mundo. Mais precisamente, a perspectiva que esse escritor escolhe para tematizar a Moçambique em guerra é através e por meio da linguagem. Sendo assim, Mia Couto escolhe o espaço da literatura para criar um mundo fictício que, porém, adquire a mesma forma mutável e dinâmica da realidade. Essa realidade intratextual poderá propiciar ao seu leitor a oportunidade de estranhamento do mundo em que vive, apresentando-lhe Moçambique sob uma nova perspectiva, a de que o país é sempre outro. A imprecisão assumida pela própria língua do/no texto, quando cria novos termos para representar o mundo, revela que a obra tematiza a liberdade do próprio ato de inventar. Dessa maneira, um dos efeitos de sentido que a leitura da obra poderá provocar no leitor é de que o uso intencional pelo autor de estratégias de neologismos e inversões de imagens nos provérbios da língua revela o caráter também dinâmico da própria língua. Assim, os movimentos identitários de uma nação em guerra qualifica a sua própria língua. Terra Sonâmbula, como discurso literário, promove a consciência de um mundo problemático, porém a realidade proposta na obra não dissolve as contradições do mundo extratextual, mas acirra as assimetrias desse mundo. E é esse o fator de afetação do leitor. Os antagonismos na obra de Mia Couto não se desfazem; intensificam-se à medida que acrescentam elementos da realidade da vida na realidade estética, provocando no leitor reflexão e consciência daquilo que na arte aparenta-se com a realidade.

### Referências Bibliográficas

Couto, Mia. 2007. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fonseca, Maria Nazareth; Cury, Maria Zilda. 2008. *Mia Couto: Espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica.

Mata, Inocência. 1998. A alquimia da Língua Portuguesa nos portos da expansão em Moçambique, com Mia Couto. *Literatura Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 262-268.

Moisés, Leyla-Perrone. 1990. *A criação do texto literário*. Flores da escrivinha, São Paulo: Companhia das Letras.

Moreira, Terezinha Taborda. 2005. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: Ed. PUCMINAS.

Retamar, Roberto Fernández. 1988. *Caliban e outros ensaios*. São Paulo: Busca Vida.

Rocha, Enilce. 1994. A errância e os nomadismos, na escrita de Mia Couto, em Terra sonâmbula. In: VIII Congresso Internacional da ABRALIC, 2002, Belo Horizonte. *Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC, 2002*, CD-ROM. (Edição sem números de páginas).

Silva, Rosânia Pereira da. 1994. *Mecanismos de subversão na literatura moçambicana: Vozes anoitecidas de Mia Couto*. 179 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa – Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

## Bibliografia Consultada

Ferreira, Márcia Souto. 2011. *Estratégias narrativas e identidades deslizantes em Venenos de Deus, Remédios do Diabo, de Mia Couto*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa – Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Fonseca, Maria Nazareth. 1998. Contornos das nações literárias no universo da “falescrita”. *Literatura Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 147-153.

Iser, Wolfgang. 2002. Os atos de fingir ou o que é fictício. In : LIMA, Luiz C. (org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. V. 2, cap. 29, p. 955-984.

Iser, Wolfgang. 2002. Problemas da teoria da literatura atual: O imaginário e os conceitos-chave da época. In: LIMA, Luiz C. (org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. V. 2, cap. 29, p. 929-951.

## O USO DE GALICISMOS EM OS MAIAS EÇA DE QUEIRÓS – UMA PERSPETIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Madalena TEIXEIRA<sup>38</sup>

**RESUMO:** Ao refletirmos sobre a língua e a sua evolução não podemos ser indiferentes a toda uma conjuntura social, económica, cultural e política que envolve e condiciona o *modus vivendi* de cada sujeito. A segunda metade do século XIX enforma uma sociedade que parece espelhar o resultado desse conjunto de variáveis, sobretudo, no que respeita a um grupo de intelectuais preconizadores de novos eixos ideológicos, quer de cariz político, quer cultural e social. Assim, o quotidiano dos falantes, inevitavelmente, evidencia a ligação existente entre as atualizações linguísticas e a já mencionada conjuntura. Para tanto, veja-se o uso lexical de origem estrangeira - estrangeirismos - que convive de forma harmoniosa com o léxico enunciado pelos dicionários e com o léxico atualizado nas representações discursivas da obra literária *Os Maias*. Mas será que as políticas económicas, culturais e sociais, da nação portuguesa daquela época, contribuem para a descrição de uma fase sincrónica da língua materna? Poderá o uso de estrangeirismos, em meados de novecentos, intensificar a associação entre linguagem e poder social? Para dar uma resposta a estas questões, procedeu-se à construção de um *corpus* baseado no já mencionado romance *Os Maias*, analisando as palavras estrangeiras de origem francesa que foram sendo recolhidas ao longo da narrativa. Tendo como quadro teórico a sociolinguística (Teixeira, 2008) e a perspectiva sócio-semântica de Emília Ricardo Marques (1995), esta investigação conduziu às seguintes conclusões:

- A língua francesa contribui para a caracterização de uma fase sincrónica da língua portuguesa;
- A sociedade condiciona os usos lexicais dos falantes;
- O uso de estrangeirismos também é condicionado pelo grau de instrução/cultura de cada indivíduo, permitindo inferir que se articula com situações de poder social.

**PALAVRAS – CHAVE:** Estrangeirismos; Galicismos; Sociolinguística

## 1. Introdução

Ao tomar conhecimento da realização do *Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa*, mais concretamente, do simpósio 7, despertou de imediato a minha atenção a possibilidade de fazer uma análise de índole lexical com base num *corpus* literário, por um lado, e, por outro, reflectir sobre o não isolamento das culturas literárias e das culturas linguísticas, sublinhando toda uma conjuntura social, económica, cultural e política que envolve e condiciona o modo de viver de cada sujeito. Ora perante este enquadramento, afigurou-se relevante analisar uma (eventual) relação entre um determinado uso linguístico de ordem lexical – os estrangeirismos - e uma dada conjuntura de natureza social, uma vez que a (re)construção do conhecimento de cada indivíduo é, também, uma consequência de um “país em movimento”.

Se tivermos em atenção que eixos norteadores do progresso, no século XXI, assentam em pilares inovadores, como são exemplos algumas actividades conducentes à caracterização do sector terciário, casos da hotelaria, da restauração, da gastronomia, da moda, dos automóveis, entre outros, não será difícil estabelecer uma relação com a sociedade da segunda metade do século XIX, na medida em que esta se reveste de um conjunto de fatores que não parece afastar-se cerca de duzentos anos, sobretudo, no que respeita a um grupo de intelectuais preconizadores, também eles, de novos eixos ideológicos de carácter político, cultural e social – a Geração de 70 -, da qual fizeram parte individualidades como Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Urtigão, Teófilo Braga e Eça de Queirós.

<sup>38</sup> Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação/ Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Anglisticos; Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira. madalena.dt@gmail.com

Assim, num primeiro momento tecer-se-ão breves reflexões sobre o que definirá “poder social” às quais se associará o quadro teórico que enforma esta investigação – a sociolinguística, na perspectiva da sócio-semântica (Marques, 1995) (Teixeira, 2008). Posteriormente, apresentar-se-á uma definição do termo estrangeirismo (Teixeira, 2008). De seguida, analisar-se-á o *corpus*, de base literária, que teve como fonte as representações discursivas da obra literária *Os Maias*, de Eça de Queirós, mais especificamente os galicismos. Finalmente, proceder-se-á às considerações finais.

## 2. Uma perspetiva sociolinguística – a socio-semântica

A sociolinguística revela-se como uma área do conhecimento que nos possibilita verificar e avaliar as variações<sup>39</sup> que existem entre as diferentes realizações dos sujeitos falantes, conjugando diversas variáveis (internas e externas), tendo um carácter simultaneamente transdisciplinar e interdisciplinar, uma vez que lhe incluímos outras áreas do saber: os factores extralinguísticos, que embora pertencentes ao mundo exterior à linguística lhe são intrinsecamente inerentes e condicionadores.

Atentemos, então, na Figura 1 – *A sociolinguística como quadro compósito*, que, a nosso ver, elucida sobre o relacionamento existente entre sub-áreas que se articulam entre si, operando para a mesma finalidade.

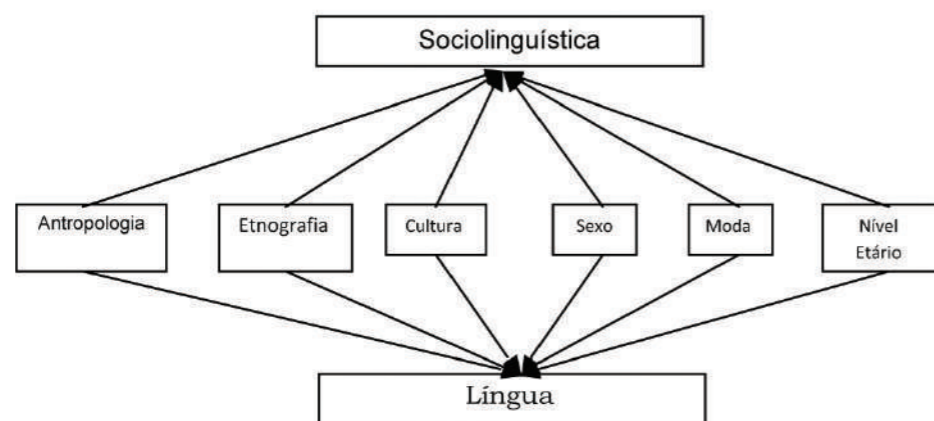


Figura 1 – A sociolinguística como quadro compósito

Assim, a sociolinguística surge como uma área do conhecimento que se dedica a estudos que abrangem aspetos de teor linguístico e aspetos de teor extralinguístico.

Norteados por este conceito, cremos ser essencial debruçarmo-nos sobre a sócio-semântica, a fim de contribuir para um melhor entendimento de como é impossível dissociar a língua do seu sujeito de enunciação. Para tanto, afigura-se fundamental considerar vários *tipos de significado*, ou seja, é necessário interpretar os usos linguísticos, neste caso o léxico, dentro de uma tipologia contextual que é inerente ao significado de cada realização linguística, melhor, é importante conhecer-se as condicionantes que nos levam a atribuir diferentes significados às mesmas palavras, entrando deste modo no âmbito dos sentidos. Tomemos, para o efeito, e como ponto de partida, o Quadro 1 – *Tipos de significados*<sup>40</sup>:

39 “Sociolinguistics is the study of the social uses of language, and the most productive studies in the four decades of sociolinguistic research have emanated from determining the social evaluation of linguistic variants.” cf. Chambers (2002: 3).

40 A grelha apresentada foi adaptada e elaborada com base na tipologia de significado proposta por Marques (1995).

Tipo de significados	
Significado subjectivo	Verifica-se aquando do cruzamento entre dois factores essenciais: a subjectividade do próprio indivíduo e o léxico propriamente dito.
Significado analítico-descriptivo	Ocorre durante a execução do relacionamento entre o léxico e o contexto exterior que circunda o falante.
Significado directo	Realiza-se, objectivamente, sem que haja interferências de outro ordem.
Significado sócio-emotivo	Potenciado pela aglutinação dos espaços: o espaço psicológico e o espaço social que envolve e caracteriza o sujeito.

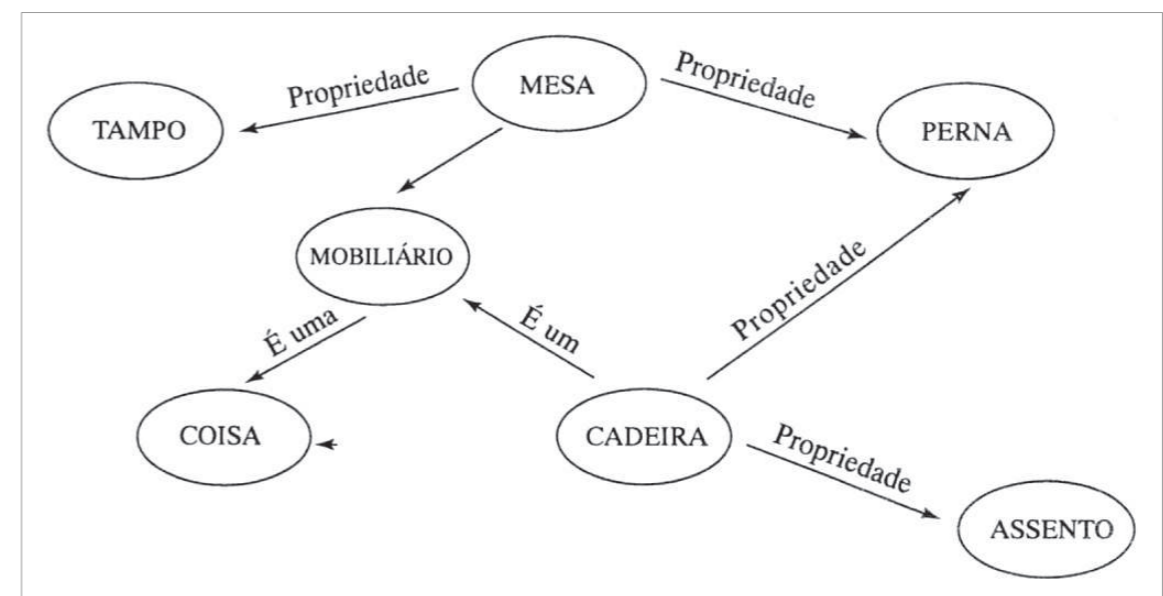
Quadro 1 – Tipos de Significados

Apesar de esta tipologia nos possibilitar fazer um estudo mais rigoroso no que respeita à significação e sistematização lexicais, torna-se essencial sublinhar que, embora tenhamos equacionado estes quatro tipos de significado, consideramos que eles se articulam entre si, complementando-se, por dois motivos:

- a) primeiro, porque a significação se encontra, intrinsecamente, associada ao falante que a usa através do léxico, conduzindo a situações de carga subjectiva;
- b) segundo, porque essa vertente subjectiva é condicionada e moldada pelas vivências dos falantes, tanto exteriores, como interiores.

De acordo com (Marques, 1995:70)<sup>41</sup> uma análise de tipo componencial é fulcral, na medida em que é de extrema importância segmentar unidades linguísticas, maiores, em unidades menores, obtendo a semântica um papel fundamental. Veja-se como exemplo que o “...conteúdo da forma lexical...” *automóvel* pode surgir pela ideia de rodas, veículo, transporte. Deste modo, estamos perante uma “rede associativa”, ou seja, um determinado vocábulo pode ser associado a um conjunto de outras palavras que são portadoras de identidades diferentes, mas que têm um ponto, ainda que tangencial, comum. O termo linguístico “automóvel”, na já mencionada *rede*, pode ser um hipónimo, por exemplo, do hiperónimo de “veículo”. Para além da *rede* funcionar como um acto de hiponímia vs. hiperonímia, ela, também, vai relacionar-se com a vertente social.

41 Veja-se, assim, o seguinte esquema apresentado pela linguista. (p.70).



Como podemos observar, através da Figura 2, a atualização linguística de um dado sujeito falante fica exposta aos efeitos da sociedade<sup>42</sup>, variando de acordo com factores que são exteriores ao próprio sistema linguístico.



Figura 2 – Fator motivador de variação

Com efeito, o nível de conhecimento lexical e as associações que cada indivíduo faz ou pode fazer estão relacionados com fatores muito heterogêneos. Se por um lado, o ensino explícito do vocabulário é um dos principais veículos de transmissão/desenvolvimento lexical, por outro lado, coexistem outros agentes que contribuem para o “aumento” do léxico, tais como causas sócio-económicas, os conhecimentos prévios que o indivíduo detém, a forma como ele domina o português padrão, as leituras efetuadas e, sem dúvida, o seu grau literário que está intrinsecamente relacionado com a qualidade dos textos produzidos.

Por esta razão é fundamental que qualquer estudo sobre o uso da língua seja associado ao contexto que circunda o falante, pois a sua seleção linguística, quer lexical, quer morfológica e sintática é o reflexo de um conjunto de fatores que se combinam no seu quotidiano. As diferentes situações sociais a que cada indivíduo é submetido, provocam uma variação linguística que oscila de acordo com as suas necessidades, como são exemplos, o local onde se encontra, o seu interlocutor e os objetivos previamente definidos.

42 Notem-se os pontos de interferência a que a língua padrão está socialmente sujeita. Downes (1998: 34).



## 2. 1. Para uma noção de poder social

Se consultarmos o dicionário de *Língua Portuguesa Contemporânea*<sup>43</sup>, verificamos que o termo *social* remete para “Que é relativo ao conjunto das pessoas que vivem em comunidade” (p.3438) e que o elemento linguístico *sociedade* reporta a “Agrupamento de pessoas de ambos os sexos e com idades variadas, que vivem na mesma época e no mesmo espaço, e que estão sujeitas a normas, princípios, leis... comuns...+ cristã; + portuguesa” (p.3438). De facto, os termos em foco compreendem vetores como o sexo, a faixa etária, a geografia, a religião, as leis, que caracterizam uma determinada comunidade, mas não é referida, lamentavelmente, a perspetiva linguística. Por isso, sublinha-se neste ponto que uma língua é um marco de cultura matricial sem a qual uma sociedade não se consegue organizar adequadamente. Todos os sujeitos falantes, independentemente da idade, sexo, crença religiosa e política, necessitam de um código comum que lhes permita desenvolver a competência comunicativa, onde englobamos a pragmática, a sociolinguística e a linguística.

De salientar, ainda, que o facto de utilizarmos o termo *poder* associado aos usos linguísticos dos falantes, não pretendemos indagar sobre um contexto de dominantes e dominados, que poderá traduzir-se num contexto social maléfico e/ou de opressão. O poder, como refere Dijk (2008), pode ser usado para diferentes finalidades positivas ou neutras, como são os casos de situações educativas – pais, professores e alunos -, informativas – meios de comunicação social -, proteção policial ou até mesmo de cuidados médicos, filosofia; cada um com as suas “ferramentas”. Poder, de acordo com a Academia das Ciências de Lisboa significa “ter autoridade, força, influência” (Dic. Do Port. Cont. : 2887). É é nesta influência vs. comunidade que radica o nosso enfoque.

Assim, apesar de este conceito nos conduzir para áreas tão distintas como as que acabamos de apresentar, neste texto, *poder social* é entendido em termos do uso lexical estrangeiro que é perceptível, compreendido e veiculado entre indivíduos pertencentes a classes sociais consideradas elevadas, ou não, possuindo determinadas habilitações académicas/cultura que condicionam as suas atividades profissionais – neste caso, médico, bacharel, político, empregado de mesa - premissas que refletem certo conforto financeiro, para uns, ou então, que evidenciam especificidades inerentes à profissão de cada um, influenciando “o modo de falar” dos que os rodeiam (ou não). Logo, é nossa intenção refletir sobre “os significados” que estes vocábulos transportam, de modo a permitir-nos articular *sociedade* com *linguística* como veremos adiante.

## 3. Estrangeirismo – na senda de um conceito

A existência de estrangeirismos no léxico português é uma realidade contundente e geradora de alguns traços polémicos, quer no que concerne à interiorização destes termos pelos falantes, quer no que respeita à sua durabilidade e, ainda, relativamente à posição assumida pela comunidade científica quanto ao seu significado. Assim, parece-nos que este tema é merecedor de uma reflexão não só sobre a sua definição, mas, também, sobre outro aspecto que lhe é inerente, como a(s) causa(s) do seu aparecimento.

Apesar de delimitado este nosso objectivo, confrontamo-nos com situações pouco nítidas, como é o caso de pensarmos “que uma palavra nos veio por intermédio de uma língua, quando na verdade é que entrou por meio de outra” (Paiva Boléo, 1965: 5). Para além destes factores e, como já tivemos oportunidade de referir, deparamo-nos, ainda, com dois aspectos importantes: o grau de aceitação e de longevidade dos “estrangeirismos”, uma vez que há alguns que após curto e/ou demorado uso acabam por “morrer”; outros, resistindo à passagem do tempo, familiarizam-se com a nossa língua, chegando, mesmo, a nacionalizar-se através da adaptação à grafia e à fonética portuguesas. De referenciar, ainda, aqueles que, embora não tendo sido submetidos a qualquer processo de adaptação, se encontram perfeitamente integrados na língua portuguesa (Gouveia, 2002). Outro aspecto merecedor menção é a grande maioria dos sujeitos nativos desconhecer a origem dos vocábulos, ou seja, um indivíduo ao actualizar a sua língua materna não sabe se a palavra que está a usar é de origem estrangeira ou não.

43 cf. Op. Cit.

Os contornos assumidos pelo tema “estrangeirismos”, cedo, conduziram a uma necessidade normativa e de fixação e, esse motivo, traduziu-se, já em 1970, na *Arte da Gramática da Língua Portuguesa* de António José dos Reis Lobato, quando o gramático defende que “a correcção das linguas nacionaes é um dos objectos mais attendiveis para a cultura dos povos civilizados, sendo pelo contrário a barbaridade das línguas a que manifesta a ignorância das nações” (Marquilhas, 1991: 14).

Não obstante esta situação, a presença de “estrangeirismos” na língua portuguesa continuou a verificar-se, uma vez que, segundo Carolina M. de Vasconcelos (1996), não se efectuam leituras aos antigos clássicos, os conhecimentos da língua latina vão escasseando, quer os de âmbito sintáctico, quer os de âmbito ortográfico e, ainda, neste contexto, verifica-se a ausência de um sentimento nacionalista<sup>44</sup>. A esta lista devemos adicionar outros factores, como por exemplo, os de ordem estilística (Araya & Gómez, 2000), os que se prendem com a religião e com índices demográficos (Franquesa, 2000). Ainda no enfoque das causas do uso de palavras estrangeiras, consideramos aspectos de relevo o facto de, actualmente, presenciarmos uma espécie de mescla linguística entre a língua portuguesa e a língua inglesa<sup>45</sup>, pois os usos de *printar*, *scanarizar*, *deletar* e *faxear* são uma realidade à qual não devemos (nem podemos) ficar alheios e que, muitas vezes, é oferecida pelos meios de comunicação social. As razões relacionadas com o prestígio social, sejam por ambição pessoal, sejam por ambição profissional afiguram-se-nos como válidas, uma vez que, para além de as podermos verificar através de certos programas televisivos que querem, de algum modo, caricaturar e ridicularizar esses excessos cometidos pela já referida ambição, também, tivemos oportunidade de, ao realizarmos outros trabalhos<sup>46</sup>, obtermos essa confirmação em respostas do tipo: “Infelizmente, o falar desta maneira enquadra-nos num nível superior, de mais conhecimento...parecemos mais credíveis”.

Num estudo (Teixeira, 2004 a) efetuado sobre as causas do uso de “estrangeirismos”, a professores da disciplina de *Língua Portuguesa*, 73% responderam que utilizam termos linguísticos estrangeiros por inevitabilidade, tendo sido esta a opção mais escolhida. Ainda de sublinhar que este tema parece não ser do interesse escolar, evidenciando o seu ensino bastantes lacunas que se podem verificar em alguns manuais, gramáticas e prontuários, conduzindo os alunos à falta de informação sobre o assunto.

Cientes da pluralidade e complexidade de sentidos que este vocábulo comporta, considerámos necessário obter dele uma noção tão clara, quanto possível, tendo verificado a existência de duas direcções distintas, mas que se cruzam: uma de teor social e outra de teor linguístico. Assim, motivados por essa diversidade que é, simultaneamente, tão próxima, sentimo-nos conduzidos pela necessidade de uma análise mais profunda, a fim de tornarmos mais claros outros termos linguísticos que estão relacionados com o termo “estrangeirismo”, chegando à dicotomia *estrangeirismo* vs. *empréstimo*.

Apesar de L. Guilbert (citado por Catch, 1979) defender que

l'emprunt (...) se situe sur le plan des rapports entre le système linguistique français et le système des langages étrangers vivantes. Ce sont des segments linguistique d'une structure phonique, syntaxique et sémantique (...) conforme à un autre système” (p.71)

44 Com um sentimento dignificador, João de Barros (1969) escreve “Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem”, onde mostra seis pontos que considera de menção honrosa “riqueza vocabular; conformidade com a língua latina e filiação nela; gravidade e majestade; sonoridade agradável e facilidade de pronúncia; carácter abstracto; possibilidade de aquisição de vocábulos por meio de adopções e adaptações (sobretudo latinismos)” pp. 26/27.

45 Refira-se a situação condicionante dos Estados Unidos da América, que reflectem, por todo mundo, a sua supremacia económica e, consequentemente, linguística.

46 Cf. Teixeira, M. M. (2009). “Para a identificação de uma matriz linguística no uso de estrangeirismos na língua portuguesa”. In Pedro, Emilia et alii (orgs). *Linguagem, Cultura e Sociedade*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Anglisticos – Fundação para as Ciências E Tecnologia – Colibri. Pp. 53-76.

e N. Catach (1979) acrescentar, à estrutura dos segmentos linguísticos, a grafia, a questão não é tão linear como aparenta, na medida em que abrange outros aspectos que a densificam<sup>47</sup>. Como teremos oportunidade de explanar, “estrangeirismos” e “empréstimos” são termos que se enquadram numa realidade linguística algo difícil de definir e, como tal, de distinguir<sup>48</sup>.

Perante este quadro, M. Seco (1977) defende a posição de que “empréstimos” são palavras já “interiorizadas” pelos falantes da língua que os recebe, quer a nível fonético, quer a nível gráfico e “estrangeirismos” designam vocábulos que, ainda, são sentidos como estrangeiros, pelos seus utilizadores:

La otra gran fuente de renovación del léxico: la importación. (...) La suerte de las palabras importadas, que comúnmente se llaman *préstamos*, es, naturalmente muy diversa. Atendiendo al grado de su incorporación, y desde un punto de vista sincrónico, hay que distinguir entre las voces extranjeras que el idioma ha asimilado totalmente a su sistema, voces ya «digeridas» por la lengua, que son los *préstamos* propiamente dichos, y las palabras que en su grafía, o en su pronunciación, o en ambas cosas a la vez, acusan en los hablantes una conciencia de que emplean una palabra extranjera, voces que todavía se sienten «enquistadas» en el idioma: son los *extranjerismos*. (p.197).

Apesar de a distinção supracitada mostrar contornos tão definidos, há que ter em atenção, ainda, outros critérios que parecem ser pertinentes, como o grau de intensidade com que a língua recetora interioriza as palavras estrangeiras, quer no seu contexto fonético, quer no seu contexto gráfico (Carstensen & Galinsky, 1967) e a aceitação da morfologia no sistema linguístico receptor (Funke, 1914).

Estes critérios não apontam, todavia, para a distinção entre os dois pólos da dicotomia “estrangeirismo” vs. “empréstimo”. Parece-nos, apenas, uma questão de nomenclatura que pode contribuir para um estudo aprofundado no âmbito da história da língua, onde poderiam ser balizadas fronteiras temporais que fossem indicadoras de palavras estrangeiras que integrassem, os dicionários, em determinada época. Ainda, se como tivemos oportunidade de verificar, anteriormente, o termo “préstamo” é algo que já se encontra assimilado pela língua receptora, torna-se pertinente questionarmo-nos de quando é que se irá tratar da devolução da palavra. Sabendo nós que não existem sinónimos perfeitos, o *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea* indica como um dos sinónimos para o vocábulo “estrangeirismo”, o termo “Empréstimo” (Casteleiro, 2001: 1592).

Assim, e tendo em conta a já referida vertente social que também caracteriza o termo estrangeirismo, podemos defini-lo como o nome que se dá a uma palavra estrangeira importada por uma determinada língua receptora, seja ela usada e dicionarizada na sua forma original, seja ela adaptada, independentemente do seu contexto diacrónico/sincrónico (Teixeira, 2008).

A linguista brasileira Nelly Carvalho (1989) distingue, ainda, os termos “empréstimo” e “estrangeirismo” de um modo semelhante aos anteriormente focados, pois a diferença entre ambas as designações radica no facto de um “empréstimo” ser um vocábulo que já foi alvo de várias adaptações e um “estrangeirismo não”, sendo, portanto, uma palavra que não foi objecto de qualquer alteração, uma vez que é usada numa determinada língua receptora sem que se verifique nenhum tipo de adaptação. No entanto, para esta linguista a designação a atribuir, nesta circunstância, é “xenismo” (Carvalho, 1989: 43), actuando o termo “estrangeirismo” como nominação de um processo e não de um elemento.

Note-se que Guilbert (1975: 92), também, se refere a “xenismo”, como termo designador de algo que permanece estrangeiro, tanto no que respeita a nomes próprios<sup>49</sup> e a nomes de rios<sup>50</sup>, como no que concerne a nomes de

47 No entanto, há quem a simplifique dizendo que é uma transferência de termos linguísticos de uma língua para outra. cf. Cannon (1992).

48 A este propósito o linguista espanhol Gómez (1998) alerta para o facto de os estudos que visam esta distinção terem pouca profundidade.

49 Tradução nossa.

50 Ibid.

idades<sup>51</sup>. Deroy (1956) (1980) tem uma posição divergente de Nelly Carvalho e de Louis Guilbert, defendendo que “xenismo” é, apenas, uma fase do processo de integração de uma palavra estrangeira, numa dada língua receptora, revestindo-se, este, de características fronteiriças entre o “empréstimo” e o termo linguístico estrangeiro propriamente dito. No entanto, para Rey-Debove (1980)(1990), “xenismo” passa pela denominação de palavras estrangeiras que não se enquadram na realidade da língua que as recebe, adoptando uma perspectiva de inclusão. Este aspecto leva-nos a concordar<sup>52</sup> com a existência de duas vertentes para o termo “xenismo”:

- a) a etnológica, na medida em que reporta a uma vivência estrangeira;
- b) a linguística, uma vez que abarca elementos linguísticos que são usados na língua importadora.

Como se pode verificar a delimitação destes conceitos é instável. Parece-nos, contudo, que a busca de uma definição e distinção ideais são conducentes, de algum modo, a uma dissecação evitável. Se procurarmos num dicionário de língua portuguesa o significado do termo “xenismo”, não o encontramos, sequer, registado, mas podemos observar a existência de outros com a mesma raiz: “xenofilia”<sup>53</sup>, “xenófilo”<sup>54</sup>, “xenofobia”<sup>55</sup>, “xenofobismo”<sup>56</sup>, “xenófobo”<sup>57</sup>. Se repararmos, os sufixos das diferentes palavras apresentadas é que oferecem a diferença dos significados, pois a raiz “xeno”<sup>58</sup> indica-nos que é um elemento de formação do grego ξένος ‘estrangeiro’, exprimindo a noção de “estrangeiro”, “xenofobia”, “xenofilia”. Não nos parece, portanto, que a diferença entre “estrangeirismo” e “xenismo” atinja uma dimensão tão profunda que justifique a destrinça, anteriormente, indicada. A distinção destes dois termos é necessária, em nosso entender, no sentido de classificar os vocábulos estrangeiros de acordo com a fase de integração, ou não, em que se encontram, mesmo correndo o risco de “xenismo” não ser um elemento e ser um processo.

Na senda desta (in) dissociação, consideramos, igualmente importante, a tipificação de estrangeirismos/empréstimos em:

- a) “estrangeirismos denotativos”;
- b) “estrangeirismos conotativos”.

Sobre os denotativos, Guilbert (1975) menciona que “proviennement le plus souvent de la langue d’un pays dominant économiquement et scientifiquement” (Guilbert, 1975: 91), contexto em que destaca a supremacia económica e tecnológica dos Estados Unidos da América. Os que se enquadram numa “société de consommation, dominée par le pouvoir de l’argent, et notamment du dollar (...) a symbolisé jusqu’ici, le prestige, de cette société” são os conotativos. Como comprovativo desta situação linguística, Guilbert (1975: 91) destaca “*suspense, gadget, shopping, drink, grill-room, happening*”.

Carvalho (1989) preconiza o mesmo tipo de nomenclatura para as palavras estrangeiras:

- a) “empréstimos denotativos”;
- b) “empréstimos conotativos”.

Os primeiros relacionam-se com palavras provenientes de uma cultura dominante, sendo os termos linguísticos usados por motivos de necessidade, em virtude de corresponderem a ideologias e/ou objectos que são adoptados por um determinado país. Os segundos funcionam como uma figura de estilo, uma vez que contribuem para que os sujeitos

51 Ibid.

52 Note-se que partilhámos com Gómez-Capuz estas características. cf. op. cit. No entanto, este linguista espanhol considera esta definição pouco clara e propõe a nomenclatura “exotismo”, para a primeira situação mencionada, visto esta referir-se à cultura, costumes e língua e deixando, para o segundo contexto, a intensidade do uso decidir a eventual categorização que a(s) palavra(s) importada(s) adquire(m).

53 cf. Casteleiro (2001: 3792).

54 Ibid.

55 Ibid.

56 Ibid.

57 Ibid.

58 Ibid.

possam ser mais enaltecedores e/ou expressivos, sendo, por isso, intencionais. Os “empréstimos conotativos”, ainda, se ramificam em duas vertentes distintas:

- a) uma individual que adquire o seu enfoque aquando da “busca de cor local” (N. Carvalho, 1989: 50), sobretudo, por escritores;
- b) outra social que oscila de acordo com “a moda do momento” (Carvalho, 1989: 50).

A nossa posição, perante esta tipologia, coaduna-se com a anteriormente proposta, uma vez que, para além da específica também é simultaneamente abrangente e globalizante, compreendendo as vertentes social e linguística.

## 4. Os galicismos na época de Eça de Queirós à luz de *Os Maias*

### 4.1. O corpus – análise e interpretação

Após 1640, Portugal rompe laços políticos e afetivos com Espanha, tornando-se, mais tarde, num adepto da *art de vivre* francesa, não deixando alheia a literatura, a moda, a política e a história das ideias, como forma compensatória da dependência diplomática, política e económica, em que o país caíra aquando da Restauração, relativamente a Inglaterra.

De facto, as palavras do próprio Eça oferecem uma visão global das vivências da nação naquela época “Começou então a minha carreira social em Lisboa. Mas era realmente como se eu habitasse Marselha. Nos teatros – só comédias francesas; nos homens – só livros franceses; nas lojas – só vestidos franceses; nos hotéis – só comidas francesas... Se nesta capital do Reino, resumo de toda a vida portuguesa, um patriota quisesse aplaudir uma comédia de Garrett, ou comer um arroz de forno, ou comprar uma vara de briche - não podia. (...) Só havia arremedos baratos de França (Berrini, 2000: 298).

Vive-se, portanto, num atmosfera de “francomania” (Tessyer, 1994:468) que é criticada pelo autor de *Os Maias*, mas à qual ele parece ser impotente para rejeitar, na medida em que “relata” a vida da família Maia assim como o quotidiano que a rodeia, acabando ele próprio por se deixar “vencer” por essa mesma atmosfera. Ou então, o autor apenas procede a “...uma análise minuciosa dos costumes...”, que acaba por “...constituir o suporte metodológico de uma crítica social...” (Reis, 1996) e, como tal, não abdica do uso lexical caracterizador dos costumes linguísticos da época. Atente-se, assim, no Quadro 3 – *Galicismos em Os Maias* - que mostra as palavras e expressões de origem francesa que se encontram na já citada obra literária.



Palavras/Expressões retiradas de <i>Os Maias</i>
A trot et à travers p.272
abat-jour p. 70; abat-jours p.116; 216
distingues, p.27; distinguée <sup>59</sup>
Après avoir couché p.151
Atelier p.90
Au plus profond de son cœur p.201
bibelot p.148; 155; 185
Bijou p.518
blague p.133
blasé p.192 x 2
boudoir azul p.43 / p.79 / p.80 / p.83 – 2x; 190; 359; boudoir cor-de-rosa p.212; boudoir p.294; 295;
bouquet p.121
C'était charmant p.330
C'était charmant, c'était très beau p.318
C'était un toilette blanc panaché de noir p.358
Ça aller bien...Hein? beaucoup bien... Ora estimo p.43
Ça marche p.631
cache-nez p.54 / p.57; p.124; 220; 301; 302; 303; 304
chaise-longue p.180; 183
cocottes p.84; 261
consoles p.71; 257; 258; 432; 504
Costumier p.254
Coupé p.79; coupé p.115; coupé p.127; coupé p.136; 144; 152 x2; 155; 179; 189; 209; 210; 213; 256 x 2; 257; 271; 280 x 3; 283; 302; 303; 305; 359; 362; 363; 375 x 2; 383; 399; 402; 419; 425; 440; 441; 505
dégagé p.116
Elle m'aime, un peu, beaucoup p.433
Faire un bout de causerie p.419
faisandée p.129
Femme de chambre p.157
Flor de pruderie p.688
Fricassé p.63;
Fumoir p.9; 124; 187
Galantine p.391 x 2
gourmet p.102
Groseille p.482
Jambon aux épinards p.389
Les nouvelles couches p.201
Liberal à la besogne p.533
gris-perle p.131; 316; 334
Maitre d'hotel p.154
Pâté de foi-gras p.275 x 2
Petit pois p.170 x2
poseur p.125; 155; 302
Poule p.326 x 2; 328; 329 x 4; 331; 334
Poulet aux champignons p.167
Pour s'étourdir p.505
peignoir p.244
Rendez-vous p.150; 276
robe-de-chambre p.40; p.145; 148; 272; 352 x 4; 412
soirées p.33, soirées mais alegres de Lisboa p.36; soirée p.41/ p.42 / p.74 / p.93; 43; soirées literárias p.115; soirées p.118; 148; 207; 250
Sole normande p.163, 164
toilettes excessivas p.26, aquelas toilettes p.35; p.80; 135; Toilette de serge p.202; toilette negra p.205; 209; toilette p.213; 266; 294; 325; 382
Tomates farcies p.154
Tout trouvée p.519
Très chic p.156; 183; 184
trouvait ça ravissant p.318
Un très joli brin de femme p.41
Voilà p.295

Quadro 3 – *Galicismos em Os Maias*

Após leitura do quadro em foco, de imediato se verifica que o contexto de atualização dos usos vocabulares de origem francesa ocorre entre o vestuário – *robe-de-chambre*, *cache-nez* - e a decoração – *consoles*, *bibelot* -, passando também pela gastronomia – *fricassé*, *jambon aux épinards*; pelos automóveis – *coupé* -, por categorias profissionais – *maitre d'hotel* -, estendendo-se ao discurso habitual da fala em expressões que surgem em ambiente político – *liberal à la besogne* - e em simples manifestações de opiniões/sentimentos – *ele m'aime un peu*, *beaucoup*, *un très joli brin de femme* -, corroborando o contexto de francesismo vivido nesta época. Para além dos exemplos que destacamos, facilmente se observa que as línguas portuguesa e francesa convivem harmoniosamente, parecendo verificar-se existência de articulação linguística como de uma só língua se tratasse – *soirées mais alegres de Lisboa*, *beaucoup bien...* *Ora estimo*, *toilettes excessivas*, *boudoir cor-de-rosa*.

Afigura-se-nos, então, legítimo colocar a hipótese da necessidade destes usos lexicais de origem francesa: não haveria, naquela época, palavras portuguesas portadoras do significado pretendido pelo autor da obra literária em foco? Seria esta utilização lexical uma questão de necessidade? Seria simplesmente moda? Ou seria um “capricho” do escritor?

Movidos por estas questões agrupamos no Quadro 4 – *Do surgimento à frequência do uso*, notamos que a maioria das palavras isoladas, isto é, um só elemento linguístico, e palavras entendidas como sintemas, ou seja, duas ou mais palavras que “funcionam” como sendo uma única têm tradução para a língua portuguesa, em alguns casos, muito antes do século XIX (apesar disso, foram utilizadas na sua forma de origem). Sublinha-se ainda que há ocorrências em que a frequência do uso se torna expressiva <sup>59</sup> – *boudoir* (séc. XVIII), *fricassé* (séc. XVIII), *soirée* (séc. XVIII), *coupé* (séc. XIX). Outros há em que a frequência do uso de palavras estrangeiras é menor, mas remontam a épocas ainda mais anteriores – *robe-de-chambre* (séc. XII), *voilà*, *blague*, *bouquet*, *costumier* (séc. XIII), *bijou*, *cache-nez*, *dégagé*, *rendez-vous* – (séc. XIV), *distingue*, *faisandée*, *femme de chambre*, *petis pois* (séc. XV), *cocotes*, *consoles*, *gris-perle* (séc. XVI). Interessante é não termos encontrado nenhum registo cuja tradução para português date do séc. XVII.

Palavras	Séc. XII	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVIII	Séc. XIX	Desc
Abat-jour							31	
atelier							1	
bibelot								3
bijou			1					
Blague		1						
boudoir						10		
Bouquet		1						
Cache-nez			8					
Chaise-longue						2		
cocottes					2			
consoles					5			
costumier		1						
coupé							37	
dégagé			1					
distingue				2				
faisandée				1				
farcies								1
Femme de chambre				1				
fricassé						12		
fumoir								1
galantine							2	
gourmet							1	
Gris-perle					3			
groseille							1	
Maitre d'hotel							1	
peignoir						1		
Petit pois				2				
poseur							3	
Rendez-vous			2					
Robe-de-chambre	9							
soirée						12		
toilettes							12	
Très chique							3	
voilà		1						

Quadro 4 – *Palavras francesas em Os Maias*

<sup>59</sup> O número que nos serviu de ponto de partida para analisar a frequência do uso foi o 10.

Acresce também referir que cremos que o motivo da longevidade de alguns elementos linguísticos estrangeiros radicam na frequência do seu uso. Ou seja, se em algumas situações os usos vocabulares não determinam necessidade linguística, em outras, eles acabam por se enraizar, nacionalizar e chegar até aos nossos dias. Veja-se o caso de *coupé*, cujo primeiro registo encontrado data de oitocentos<sup>60</sup> e convive em muitos catálogos e revistas de automóveis em pleno século XXI, na sua forma gráfica original. O mesmo acontece com *fricassé*. O termo *toilette* “vive entre nós” com grafia semelhante “toilete”<sup>61</sup>. As exceções constantes no nosso *corpus* centralizam-se em termos como *abat-jour*, *atelier* e *groseille* (frequência reduzida), uma vez que actualmente se realizam e no *corpus* não têm representação expressiva. No entanto, sublinha-se a sua presente alteração gráfica *abajur*<sup>62</sup>, *ateliê*<sup>63</sup> e *groselha*<sup>64</sup>.

Ainda, a economia, em termos cronológicos de atualização linguística, pode ser igualmente um factor contributivo para esta opção, pois o tempo despendido para a realização do vocábulo *coupé* é manifestamente inferior ao utilizado para realizar *carro de duas portas com características desportivas*, assim como *cocottes* abrevia significativamente *mulher de vida fácil e cache-nez*, manta de agasalho.

Estes resultados traduzem a ideia de que os galicismos se usariam por razões de ordem extralinguística, uma vez que a França, nesta época, é um país dominante, em termos económicos e, conseqüentemente, políticos; por isso, o recurso a léxico estrangeiro que aqui classificamos como “empréstimos denotativos”. Era *très chique* falar-se francês.

Salienta-se que, no que diz respeito à política da nação, apesar de não radicar aí a representatividade do nosso *corpus*, não deve ser esquecido que as directrizes políticas de um país condicionam todo o *modus vivendi* de um povo.

Se recuarmos um pouco na data de publicação de *Os Maias*, somos assolados por um dos marcos históricos de Portugal que funcionou como uma espécie de ponto de viragem no rumo político da nação – *Revolução de 1820*. O comércio com o estrangeiro, através de panfletos trazidos por jacobinos, começava a ser portador dos ideais políticos franceses – liberdade, igualdade e fraternidade – que, sem dúvida, estiveram na génese dessa *Revolução* e se prolongaram nos anos seguintes “A particular atmosfera de coscuilhice política, (...) forçou-me, a meu pesar, a embrenhar-me também na política. Em que política? Boa pergunta! Na francesa! Porque havia em Lisboa toda uma classe culta e interessante de políticos “franceses”, que no Grémio...” (Berrini, 2000: 298).

Além disso, e como foi dito anteriormente, é frequente, sobretudo, os escritores utilizarem palavras estrangeiras -“empréstimos conotativos”- por razões de ordem estilística e social, uma vez que a moda, por nós englobada numa perspetiva social, não é um factor alheio nem à linguística, nem aos usos vocabulares dos falantes, contribuindo, assim, para caracterizar fases sincrónicas das línguas.

Outro aspecto que merece reflexão, neste estudo, diz respeito às expressões francesas apresentadas no Quadro 5 – *Uso de expressões vs. sujeito de enunciação*.

Expressões retiradas de <i>Os Maias</i>	Sujeitos de enunciação
A trot et à travers p.272	narrador
Après avoir couché p.151	Ega
Au plus profond de son cœur p.201	narrador
C’était charmant p.330	narrador
C’était charmant, c’était très beau p.318	narrador
C’était un toilette blanc panaché de noir p.358	Craft
Ça aller bien... Hein ? beaucoup bien... p.43	napolitano
Ça marche p.631	Ega
Elle m’aime, un peu, beaucoup p.433	Carlos
Faire un bout de causerie p.419	narrador
Jambon aux épinards p.389	narrador
Les nouvelles couches p.201	narrador
Liberal à la besogne p.533	Ega
Pâté de foi-gras p.275 x 2	narrador
Poulet aux champignons p.167	Empregado de mesa
Pour s’étourdir p.505	narrador
Sole normande p.163, 164	Empregado de mesa
Tout trouvée p.519	narrador
trouvait ça ravissant p.318	narrador
Un très joli brin de femme p.41	napolitano

Quadro 5 – *Uso de expressões vs. sujeito de enunciação*

De facto, os dados que se apresentam comprovam que o próprio autor, apesar de desejar comer *arroz de pato* e outras iguarias tipicamente portuguesas e de se sentir incomodado com o excesso de francesismo que se vivia no Portugal de oitocentos (Berrini, 2000), adota um discurso lexical escrito, coincidente com as críticas que preconiza como já houve oportunidade de mencionar; pois das expressões que constituem este *corpus*, o narrador é quem mais actualiza vocábulos estrangeiros.

As intervenções de Ega, do “napolitano”, de Craft e de Carlos são em número substancialmente inferior se tivermos em conta as do narrador. No entanto, têm em comum o facto de serem expressões que não reportam a nenhuma área vocabular e de o seu uso não afetar a comunicação, crendo nós que a intenção destes usos tornam o discurso destas personagens<sup>65</sup> e do narrador mais expressivo, pretendendo ser enaltecedor e, claro está, marcando e distinguindo a classe social a que pertencem.

Salienta-se, também, o vocabulário utilizado pelo empregado de mesa que é suportado pela língua francesa, somente na área da gastronomia; ou seja, fá-lo em contexto profissional, na medida em que os termos linguísticos franceses são específicos da sua actividade profissional, considerando-se que aqui se regista influência da classe social a que pertence a família *Maias* e os seus amigos em outras classes sociais tidas como menos elevadas. Quer dizer, uns “falam” francês, outros, não tendo, supostamente, conhecimentos profundos sobre a língua, usam-na em determinado contexto por influência social, cingindo-se ao que designamos por “termos técnicos”.

Não há intenção de afirmar que não havia tradução dos elementos linguísticos registados – como já se viu *petit pois* encontra registo de *ervilha* no século XV -, pretende-se, sim, salientar a necessidade sentida pelo empregado, ou sentida pelas indicações empresariais superiores, em comunicar de acordo com o conhecimento vocabular de outros membros da sociedade portuguesa que detinham um estatuto social considerado mais elevado do que o seu. Os galicismos, em oitocentos, traduzem, de facto, o prestígio que a sociedade francesa representa para Portugal e para sociedade, em particular.

60 cf. op. cit.  
 61 cf. Dicionário da Língua portuguesa Contemporânea (2001: 3577).  
 62 cf. Ibid (p.5).  
 63 cf. Ibid (p.404).  
 64 cf. Ibid (p.1941).

65 Note-se que, apesar de serem quatro personagens, elas representam tipos sociais. Veja-se a este propósito Reis, C. (1996). O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários. Coimbra: Almedina.

## 5. Considerações finais

Não foi objetivo deste estudo proceder a uma reconstituição de uma fase pretérita do português, ou sequer dissecar todos os galicismos presentes em *Os Maias*, uma vez que essa tarefa seria impossível de concretizar e caberia, em primeira instância, à história da língua portuguesa fazê-la. Houve, isso sim, a intenção de averiguar a relação entre o uso lexical de origem estrangeira e poder social, e a real necessidade desse mesmo uso numa época em que a sociedade "...do século XIX apresenta certas disfunções que afectam a colectividade (disfunções culturais, económicas, políticas, etc.)..." (Reis, 1996: 437) às quais acrescentamos as linguísticas no que refere ao uso de estrangeirismos.

Com efeito, o facto de os francesismos registados neste *corpus* não serem, a nosso ver, usados, unicamente, por motivos de necessidade e pelo léxico da língua portuguesa não compreender as palavras necessárias aos falantes, permite-nos considerar três aspetos essenciais: a) essa realização linguística caracteriza uma fase sincrónica da língua portuguesa; b) as condicionantes sociais são inerentes à actualização linguística de cada falante; c) o uso de estrangeirismos deve-se à opção de cada sujeito de enunciação, e não somente a situações de necessidade linguística, permitindo inferir que esse mesmo uso se articula com situações de poder social.

Como a perspetiva sincrónica possibilita efetuar uma espécie de corte vertical num determinado lapso temporal, a fim de se descrever, analisar e avaliar as variações de uma língua, também faculta, simultaneamente, olhares sobre o contexto em que a mesma se desenvolve, seja em termos internos, seja termos externos. De facto, os usos lexicais ficam "sujeitos" a um conjunto de condicionantes, como a cultura, a economia, a política, a moda, sendo a sua realização linguística de índole sócio-afectiva, uma vez que o espaço social e o espaço psicológico enformam cada sujeito.

Assim, os registos franceses que integram este estudo permitem-nos inferir que o uso de galicismos se relaciona com a condição social de quem os actualiza. Não só porque são compreendidos e veiculados entre indivíduos pertencentes a determinada classe social, mas também porque se manifestam como um recurso estilístico, tornando o discurso dos sujeitos falantes mais eloquente e sublimado, como convinha na época de oitocentos.

Como refere Saraiva (1978: 307/308) "Os indícios do crescimento e prosperidade de uma vasta classe média são muito numerosos. (...) Um bom documento dos novos gostos e dos novos consumos é dado pelo léxico. Uma enxurrada de estrangeirismos entra então na língua..."

## Bibliografia

ALVAR, M. (1977). "Sociología Lingüística. La ciudad como unidad Lingüística". In *Lecturas de Sociolingüística*. Colección EDAF Universitaria. Madrid: EDAF, Ediciones-Distribuciones.

ALVES, I. (1990). *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática.

ARAYA & GÓMEZ. (2000). "La neología de préstamo en la prensa gallega". In *La Neología en el tombant de Segle*. Barcelona: Observatori de Neologia, Institut Universitat de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra. pp.133-146.

BANDEIRA, M. In [http://www.geocities.com/tampo\\_8/poesia/bandeira-neologismo.html](http://www.geocities.com/tampo_8/poesia/bandeira-neologismo.html)

BARROS, J. (1969). *Textos Pedagógicos e Gramaticais*. Lisboa: Editorial Verbo.

BAYLON, C. (1991). *Sociolinguistique. Société, Langage et Discours*. Collection Nathan-Université. Série « Etudes linguistiques et littéraires », dirigée par Henri Mitterand. Paris: Édition Nathan.

BEHEIM-SCHWARZBACH, S. (1951). "Fremdwörter – nur Feinde?" In *Muttersprache*, 61: 271ss.

BERGSTRÖM, M. et al. (2002). 44ªed. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias.

BERRINI, B. (2000). *Eça de Queirós. Literatura e Arte. Uma Antologia*. Lisboa: Relógio d'Água Editores. pp. 291-308.

BERRUITO, G. (1978). *La Sociolingüística*. Bologna : Zanichelli.

BIVARA, A. (1948). 3ª ed. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Vol. I (A-G). Caldas Aulete. Lisboa: Editorial Notícias.

BOLÉO, M. P. (1965). 2ªed., Revista e Ampliada. *O Problema da Importação de Palavras e o Estudo dos Estrangeirismos (em Especial os Francesismos) em Português*. Coimbra: Coimbra Editora.

BOURDIEU, P. (2000). *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Précédé de trois études d'ethnologie Kabyle. La première édition de cet ouvrage a été publiée par la Librairie Droz, en 1972. Cap. "Avant-propos" pp.234-255. Éditions du Seuil, pour l'édition française.

CANNON, G. (1992). "Malay(sian) Borrowings in English". In *American Speech*, 67.2. pp.134-162.

CARDONA, G. R. (1988). *Dizionario di linguistica*. Roma: Armando.

CARRETER, F. L. (1868). 3ª ed. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos.

CARSTENSEN, B. & GALINSKY, H. (1967). *Amerikanismen der deutschen Gegenwartssprache: Entlehnungsvorgänge und ihre stilistischen Aspekte*. Heidelberg: Carl Winter.

CARVALHO, N. (1989). *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Ática.

CASARES, J. (1992). 3ª ed. *Introducción à la Lexicografía Moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

CASTELEIRO, M. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

CATACH, N. (1979). "L'intégration graphique des mots nouveaux". In *Néologie et Lexicologie*. Collection «Langue et Langage». Larousse Université : Librairie Larousse. pp. 67-72.

CHAMBERS, J. (2002). « Studing Language Variation : An Informal Epistemology ». In *The Hand Book of Language Variation and Change*. Ed. J.K. Chambers, Peter Trudgill e Natalie Schilling-Estes. Oxford: Blackwell.

CHAMBERS, J. & TRUDGILL, P. (1980). *Dialectology*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.

DEROY, L. (1956) (1980). *L'emprunt linguistique*. Paris.

*Dicionário Actual de Língua Portuguesa. Ensino Básico e Secundário*. (2002). Lisboa: Asa.

*Dicionário da Língua Portuguesa 2003*. (2002). Porto: Porto Editora.

DIEGO, V. (1973). 3ªed. *Lecciones de lingüística española*. Conferencias pronunciadas en el ateneo de Madrid. Madrid: Editorial Gredos.

DIJK, T. (2008). *Discourse and power*. New York: Palgrave Macmillan.

DITTMAR, N. (1976). *Sociolinguistics. A critical survey of theory and application*. London: Edward Arnold. Trad. do Alemão por Peter Sand, Pieter A. M. Seuren e Kevin Whiteley.

DOWNES, W. (1998). 2ªed. *Language and Society*. Cambridge: University Press.

EDWARDS, J. (1985). *Language, Society and Identity*. Oxford: Basil Blackwell in association with André Deutsch.

EGEA et al. (2000). "Els neologismes en un servei lingüístic : problemes i solucions ». In *La neologia en el tombant de segle*. Barcelona: Observatori de neologia, Institut Universitat de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra. pp.121-132.

ENCREVÉ, P. (1976). "Labov, Linguistique, Sociolinguistique". In William Labov, *Sociolinguistique*. Paris : Minuit.

FASOLD, R. (1990). *The Sociolinguistics of Language*. Cambridge: Basil Blackwell.

FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. (1974). *Problemas de Lexicografía Actual*. Bogotá: Hierbabuena. Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo.

FIGUEIREDO, C. (1981). 16ª ed. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Vol. I (A-G) Amadora: Livraria Bertrand.

FISHMAN, J. A. (1971). *Sociolinguistique*. Langues et Culture. Bruxelles: Labor.

FRANQUESA, E. (2000). "La innovació terminològica i l'actualizació de la llengua". In *La Neologia en el tombant de Segle*. Barcelona: Observatori de Neologia, Institut Universitat de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra. pp.109-120.

FREITAS & RAMILO & SOALHEIRO. (2002). "O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu". In *XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, 2 de Outubro. Brochura.

FUNKE, O. (1914). *Die gelehrten lateinischen Lehn und Fremdwörter in der altenglischen Literatur*. Halle.

GARNER, M. (2004). Col. Contemporary studies in descriptive linguistics. Vol.1 *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang.

GÓMEZ-CAPUZ. (1998). *El préstamo lingüístico. Conceptos, problemas y métodos*. València: Universitat de València.

GOUVEIA, M. C. (no prelo). "O Género dos Estrangeirismos". *XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto 2 de Outubro. Comunicação gentilmente cedida pela autora.

GUILBERT, L. (1975). *La créativité lexicale*. Larousse Université: Librairie Larousse.

HAUGEN, E. (1950a). "Problems of Bilingualism". In *Língua*, 2. pp. 271-290.

HAUGEN, E. (1950b). "The Analysis of Linguistic Borrowing". In *Language*, 26. pp. 210-231.

HELLER, K. (1966). *Das Fremdwort in der deutschen Sprache der Gegeneart*. Leipzig.

HOLMES, J. (1994). 4ªed. *An Introduction to Sociolinguistics*. London and New York: Longman.

HOUAISS, A. (2001). 1ªed. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.

HYMES, D. (1974). *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. United Sates of America: University of Pennsylvania Press.

IRVINE, J. (1998). "Ideologies of Honorific Language". In (Schieffelin & Kroskrity & Kroskrity org.) *Language Ideologies. Practice and Theory*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics. Oxford: Oxford University Press.

LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. (Conduct and Communication nº4). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LABOV, W. (1976). *Sociolinguistique*. Paris: Pour la traduction by Les Editions Minuit.

LABOV, W. (1998). "The intersection of sex and social class in the course of linguistic change". In *The Sociolinguistics Reader. Vol.2 Gender and Discourse*. Originally published in *Language Variation and Change*, 2 (1990). Ed. J. Cheshire and P. Trudgill. London: Arnold, a member of the Hodder Headline Group. pp.7-52.

LOSADA, P. (2000). « **Anglicismos, barbarismos, neologismos**«falsos amigos»en el lenguaje informático". In <http://www.ati.es/gt/lengua-informatica/externos/sampedr2.html#neologismos>.

LUCCHESI, D. (1998). *Sistema, Mudança e Linguagem*. Coleção. Estudos Linguísticos. Lisboa: Colibri Artes Gráficas.

MACAULAY, R. (2005). *Talk that counts: age, gender and social class. Differences in discourse*. Oxford: Oxford University Press.

MARQUES, M. E. (1995). *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.

MORAIS SILVA. (1952). 10ª ed. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Vol. IV Lisboa: Editorial Confluência.

PAYRATÓ, L. (1984). "Barbarismes, manlleus i interferències. Sobre la terminologia dels contactes interlingüístics ». In *Els Marges*, 32. pp. 45-58.

PINTO, J. M. de Castro. (2000). 4ªed. *Gramática de Português*. Lisboa: Plátano Editora.

PINTO, J. M. de Castro. (2002). 2ªed. rev. *Novo Prontuário Ortográfico*. Lisboa: Plátano Editora.

PROGRAMAS de LÍNGUA PORTUGUESA. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. (vol.II, Ensino Básico, 3º Ciclo).

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. (1931). *Gramática española*. Madrid.

REIS, C. (1996). *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.

REY-DEBOVE, J. (1980) (1990). 3ª ed. "Introduction" ao *Dictionnaire des anglicismos*. Paris: Robert. pp. v-xvi.

RIBEIRO,S. (2005).<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-18.html>

SANKOFF, G. (2002). Linguistic Outcomes of Language Contact". In *The Handbook of Language Variation and Change*. Ed. J.K. Chambers, Peter Trudgill e Natalie Schilling-Estes. Oxford: Blackwell.

SARAIVA, J. H. (1978). *História concisa de Portugal*. Coleção saber. Lisboa: Publicações Europa-América.

- SCHILLING-ESTES, N. (2002). "Field Methods". In *The Handbook of Language Variation and Change*. Ed. J.K. Chambers, Peter Trudgill e Natalie Schilling-Estes. Oxford: Blackwell.
- SECO, M. (1977). "El léxico de hoy". In R. Lapesa (coord.). *Comunicación y lenguaje*. Madrid: Karpos. pp. 183-201.
- TEIXEIRA, M. (2009). "De la cultura y del léxico para una reflexión sobre el uso de los préstamos en las lenguas", *Actas do III Congreso Internacional intitulado Transformaciones culturales. Debates de la teoría, la crítica y la lingüística* – Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Letras.
- TEIXEIRA, M. (2004 a). *Dos Estrangeirismos à Aula de Língua Materna*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- TEIXEIRA, M. (2004). "Para Uma Pedagogia do Erro". In *Estudos de Linguística Aplicada e Didáctica de Línguas*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. pp. 109-117.
- TEIXEIRA, M. (2008). *A entrada de estrangeirismos na língua portuguesa*. Chamusca: Edições Cosmos.
- TEIXEIRA, M. (2009). "Para a identificação de uma matriz linguística no uso de estrangeirismos na língua portuguesa". In Pedro, Emília et alii (orgs). *Linguagem, Cultura e Sociedade*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Anglisticos – Fundação para as Ciências E Tecnologia – Colibri. Pp. 53-76.
- TEIXEIRA, M. (2010). "Léxico português e brasileiro – (in)paralelismos". In Lima- Hernandez, M. C. Et Chulata, K. (orgs.) *Língua portuguesa e foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce – Itália – Pensa MultiMedia Editore s.r.l. Pp. 21-34.
- TESSYER, P. (1994). "Portuguesisch: Externe Sprachgeschichte". In *LRL*. Vol II. pp. 461-472.
- TORRES, A. (1990). "O Ensino/Aprendizagem do Português entre matizes idiomáticas e Xenotrofia Léxica". In *Revista Portuguesa de Educação*, 3.I.E. - Universidade do Minho. pp. 19-25.
- TRUDGILL, P. (1980). *Sociolinguistics: An Introduction*. England: Penguin Books.
- VASCONCELOS, J. L. (1996). 4ªed. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- VIEIRA, D. (1873). *Grande Dicionario Português ou Thesouro da Lingua Portugueza*. Vol. III. Porto: Editores Ernesto Chardrone e Bartholomeu H. de Moraes.
- VILELA, M. (1994). *Estudos de Lexicografia do Português*. Coimbra: Almedina.
- WARDHAUGH, R. (1992). 2ªed. *An Introduction to Sociolinguistics*. Blackwell Textbooks in Linguistics. Oxford: Blackwell Publishers.
- WILLIAMS, G. (1999). "Sociology". In *Handbook of Language and Ethnic Identity*. Oxford: University Press.
- WOOLARD, P. (1998). (Schieffelin & Kroskrity & Kroskrity org.) "Language Ideology as a Field of Inquiry". In *Language Ideologies. Practice and Theory*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics. Oxford: Oxford University Press.
- ZINDLER, H. (1959). *Anglizismen in der deutschen Presse nach 1945*. Kiel.